

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PÓS GRADUAÇÃO: HISTÓRIA, SOCIEDADE E CULTURA

FABIANA EMI YAMAGUCHI

**A MEMÓRIA HISTÓRICA DO COTIDIANO ATRAVÉS DE FOTOGRAFIAS  
DAS FAMÍLIAS IMIGRANTES JAPONESAS: YAMAGUCHI E TAWADA.  
SÉCULO XX.**

SÃO PAULO  
2012

FABIANA EMI YAMAGUCHI

**A MEMÓRIA HISTÓRICA DO COTIDIANO ATRAVÉS DE FOTOGRAFIAS  
DAS FAMÍLIAS IMIGRANTES JAPONESAS: YAMAGUCHI E TAWADA.  
SÉCULO XX.**

Monografia apresentada para a  
obtenção de Título de Especialista na  
Pós Graduação em História,  
Sociedade e Cultura, Pontifícia  
Universidade Católica de São Paulo.  
Professora Dra. Andréa Borelli

SÃO PAULO  
2012

FABIANA EMI YAMAGUCHI

**A MEMÓRIA HISTÓRICA DO COTIDIANO ATRAVÉS DE FOTOGRAFIAS  
DAS FAMÍLIAS IMIGRANTES JAPONESAS: YAMAGUCHI E TAWADA.  
SÉCULO XX.**

Monografia apresentada para a obtenção de Título de Especialista na Pós Graduação em História, Sociedade e Cultura, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

São Paulo, julho de 2012.

Prof<sup>a</sup> Dra. Andréa Borelli - Orientadora  
Doutora em  
Universidade

***"Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende".***

*Guimarães Rosa*

## AGRADECIMENTOS

À Professora Dra. Andréa Borelli, minha orientadora, pela atenção e compreensão nas trocas de idéias e discussões teórico-metodológicas a respeito do trabalho, através destas trocas percebi o quanto interessante é o meu trabalho de pesquisa.

Aos Professores da Pós Graduação da PUC-SP que me auxiliaram na caminhada, a atenção e dedicação dada a todo o tempo deste curso.

À Professora Ms. Cirlei Francisca Gomes Carneiro, minha amiga, por ter me dado apoio na minha marcha profissional, foi quem me abriu os horizontes da pesquisa ao qual me ensinou a gostar da profissão que escolhi seguir, professora e historiadora.

Meus sinceros agradecimentos às famílias Tawada e Yamaguchi que me auxiliaram nesta pesquisa, no nome das seguintes pessoas: Tiekko Tawada Onishi, Vera Lucia Onishi, Milton Onishi, Gizella Onishi, Tatu Yamaguchi, Norio Yamaguchi, Kazuo Yamaguchi, Maria Miti Yamaguchi Portes, Satie Yamaguchi, Tomio Yamaguchi, Tânia Maya Yamaguchi, Fernando Yamaguchi Portes e Ana Carolina Oliveira, pela atenção nas visitas, pelas entrevistas, depoimentos e empréstimos de fotografias, no decorrer de 2010 a 2012.

Agradeço especialmente aos meus pais Kazuo e Marli, aos meus irmãos Luis Fernando e Bruna e minha cunhada Rodicléa, que compreenderam que meus estudos são essenciais, e a entenderam que não viajar para vê-los não era porque não queria ou não gostasse menos deles, mas por falta de tempo mesmo.

Ao meu esposo, companheiro e amigo Sergio dos Santos Nishida, pelo apoio incondicional e pela compreensão de deixá-lo nos sábados para estudar e também durante a escrita deste trabalho de TCC.

Aos colegas de curso que durante esses dois anos compartilhei momentos de dificuldades e angústias, mas, também, de possibilidades e alegrias. Ganhei amigos para a vida inteira.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que esta etapa acadêmica fosse realizada, o meu muito obrigado.

A Deus minha eterna gratidão!

## RESUMO

A presente pesquisa histórica apresentará um estudo da imigração japonesa ao Brasil, sua contribuição socioeconômica, as permanências culturais que continuam aos descendentes e a construção da memória histórica através de fotografias, entrevista e cotidiano. Buscar na História do Brasil os momentos da trajetória da imigração depois do fim da escravidão, especificamente da imigração dos japoneses que tiveram pressão social e política desde a sua primeira viagem ao país em 1908. Contratar essa mão de obra não foi fácil, pela demora da viagem; por problemas de aprendizagem da língua portuguesa; pela cultura diferente; por não se habituarem ao clima, a moradia, entre outros casos; pela perseguição na Segunda Grande Guerra e também pelo efeito do 'racismo' aos amarelos feitas por governantes e eugenistas. Objetiva trazer para a contemporaneidade o comportamento familiar a respeito das relações sociais, quanto ao trabalho, educação, saúde e outros assuntos do cotidiano. Com base em fontes escritas, orais e fotográficas busca-se significar para a história os "lugares de memória" (LE GOFF, 1996) das famílias de imigrantes japoneses, neste caso específico o estudo das Famílias Yamaguchi e Tawada, que chegaram ao Brasil na década de 1930.

Palavras-chave: Família, Cotidiano, Trabalho, Memória, Fotografia.

## LISTAS DE FIGURAS

	Pág.
Figura 01. Os sete tokkotais de Tupã	30
Figura 02. Rokusaburo e Yae Tawada em sua plantação de flores	35
Figura 03. Cópia de uma página do Passaporte de Hirokichi Yamaguchi	37
Figura 04. Cédula de Identidade de Estrangeiro de Hirokichi Yamaguchi	38
Figura 05. Escola infantil em uma colônia japonesa.	39
Figura 06. Reunião em Presidente Prudente	39
Figura 07. Certidão de Casamento feito no Consulado do Japão em Curitiba	42
Figura 08. Fotografia do Casamento de Hirokichi Yamaguchi e Teruko Tawada	44
Figura 09. Teruko Yamaguchi segurando o primogênito Tatu	46
Figura 10. Tatu e Norio Yamaguchi	48
Figura 11. Armazém da Cooperativa	48
Figura 12. Vista Aérea da Cidade de Marialva – Paraná	49
Figura 13. Posto de Gasolina	50
Figura 14. Escola no interior de Marialva – Paraná	51
Figura 15. Família Yamaguchi na Granja em Piracaia – SP	52
Figura 16. Hirokichi e Tatu Yamaguchi fazendo obra na Granja em Piracaia	52
Figura 17. Notícia do Jornal Última Hora de Curitiba a respeito do acidente	54
Figura 18. Capa do Álbum de lembranças de Tocica Yamaguchi	55
Figura 19. Uma página do Álbum de lembranças de Tocica Yamaguchi	56
Figura 20. Teruko e Seica Yamaguchi, cozinha da casa em Curitiba	57
Figura 21. Teruko, Hirokichi, Seica, Marli e Kazuo na frente da casa em Curitiba	57
Figura 22. Letra da música em homenagem a Tocica Yamaguchi	58
Figura 23. Hirokichi Yamaguchi	61
Figura 24. Fotografia e verso com comentários, datas e pessoas fotografadas	66
Figura 25. Iconografia da Família Yamaguchi	67
Figura 26. Família Yamaguchi no Japão	70
Figura 27. Teruko Yamaguchi ajudando nos afazeres da Granja	72
Figura 28. Sala de Estar com ritual aos antepassados da Família Yamaguchi	75
Figura 29. Túmulo da Família Yamaguchi	75
Figura 30. Rokusaburo, Yae e Tieko Tawada, na zona rural de Ribeirão Preto	78
Figura 31. Residência projetada por Hirokichi Yamaguchi	78
Figura 32. Residência da Família Yamaguchi	79
Figura 33. Última residência de Hirokichi Yamaguchi	80

Figura 34.	Satie e Miti Yamaguchi na casa da Granja	81
Figura 35.	Hirokichi e Seica Yamaguchi com roupas típicas japonesas	82
Figura 36.	Hirokichi Yamaguchi com roupas ocidentais em foto tirada no Japão	82
Figura 37.	Tatuo, Hirokichi, Kazuo e Norio Yamaguchi, na Oficina de Tornearia	83
Figura 38.	Tocica, Seica, Hatumi, dois meninos e Kazuo Yamaguchi na carroça	84
Figura 39.	Tocica, Hatumi e Seica uniformizadas para a escola	87
Figura 40.	Alunos em Desfile do Dia da Independência do Brasil	87
Figura 41.	Fanfarras escolares em Desfile	88
Figura 42.	Vista parcial da sala de aula, escola em Marialva – Paraná	88
Figura 43.	Competição esportiva, escola em Marialva	89
Figura 44.	Vista parcial de um Aeroporto, crianças e professores da Escola Rural	90
Figura 45.	Festa da Cultura Japonesa pela Associação Cultural em Maringá	92
Figura 46.	Hirokichi Yamaguchi e seus amigos em Ouro Preto – Minas Gerais	92
Figura 47.	Fotografia de Hirokichi Yamaguchi e seu amigo Américo Abe	93
Figura 48.	Fotografia de Américo Abe e sua filha Marina, Lembrança do 1º Aniversário	93
Figura 49.	Paulo Fujita, Masae Kuma e Hirokichi Yamaguchi	95
Figura 50.	Fotografia de Lembrança de Formatura de Maria Mitiko Shiota	96
Figura 51.	Fotografia da vista do Museu do Ipiranga	97
Figura 52.	Fotografia do Monumento do Ipiranga – São Paulo	97
Figura 53.	Fotografia da vista parcial da casa de praia e da Família Yamaguchi	98
Figura 54.	Fotografia de um time de Beisebol	100
Figura 55.	Fotografia de Tocica e Seica Yamaguchi com o coelho e cachorro	101
Figura 56.	Fotografia de uma visita entre as duas famílias	103
Figura 57.	Fotografia de casamento de Satie Yamaguchi e Osvaldo Womsbecher	104
Figura 58.	Reportagem sobre a Festa de Centenário de vida de Rokusaburo Tawada	104
Figura 59.	Fotografia da Festa de Aniversário de 100 anos de Rokusaburo Tawada	105
Figura 60.	Fotografia da Cerimônia do Chá feita por Kesa Yamaguchi	107
Figura 61.	Fotografia da Cerimônia Mortuária de Kesa Yamaguchi	107
Figura 62.	Fotografia tirada por um fotógrafo do ato de fotografar	112
Figura 63.	Fotografia dos filhos de Hirokichi e Teruko Yamaguchi. 2010.	114

**LISTAS DE TABELAS**

	<b>Pág.</b>
Tabela 01. Entrada de Imigrantes no Brasil. Principais nacionalidades.	18
Tabela 02. Árvore Genealógica da Família Yamaguchi no Brasil.	109

## SUMÁRIO

	Pág.
<b>Introdução</b> .....	11
<b>1. Memória da Imigração no Brasil</b> .....	15
1.1. Imigração: a procura de uma vida melhor .....	16
1.2. Eugenia: uma arma contra os imigrantes japoneses .....	21
1.3. Memória: a guerra dentro e fora da Europa .....	23
1.4. Shindô Renmei: uma luta sangrenta .....	27
<b>2. A formação da Família Yamaguchi no Brasil</b> .....	32
2.1. Família Tawada: viagem longa e uma vida de trabalho .....	33
2.2. Família Yamaguchi: viagem tranqüila e vida agitada .....	36
2.3. Casamento: o surgimento da Família Yamaguchi .....	40
2.4. Família: filhos, perseguição e muito trabalho .....	45
2.5. Acidente: morte de membros da Família Yamaguchi .....	53
2.6. Suicídio: Morte do Patriarca .....	59
<b>3. O cotidiano das famílias imigrantes japonesas</b> .....	62
3.1. Memória: fotografias de família .....	65
3.2. Cultura: obrigações, prazeres humanos e tradições .....	70
3.3. Alimentação: dificuldades de adaptação e permanências .....	76
3.4. Moradia: no Brasil e no Japão .....	77
3.5. Vestuário: Ocidental e Oriental .....	81
3.6. Educação: um dos princípios fundamentais dos japoneses .....	83
3.7. Saúde: sem muitos problemas .....	90
3.8. Amizades: muitos durante a vida .....	91
3.9. Lazer: Viagens, esportes, música e cultura .....	96
3.10. Filhos: como foi a infância? .....	100
3.11. Contato com a Família Tawada .....	102
3.12. Contato com a Família Yamaguchi deixada no Japão .....	106
3.13. Descendência: o que restou de cultura japonesa na Família Yamaguchi? .....	108
<b>Considerações Finais</b> .....	116
<b>Referência</b> .....	118

## INTRODUÇÃO

Muito tem se pesquisado sobre a história da imigração de várias etnias que vieram para o Brasil desde que ocorreu o fim da escravidão. Os povos europeus foram os primeiros a desembarcar para o trabalho nas lavouras de café (principal produto de exportação do país, naquele tempo). Partindo de outras pesquisas feitas, o trabalho mostra os resultados de anos de estudo, desde a graduação em Bacharelado em História (realizada na Universidade Estadual de Ponta Grossa, no Estado do Paraná), Licenciatura em História (completada em São Paulo na Universidade Nove de Julho – UNINOVE) e agora na pós-graduação História, Sociedade e Cultura (na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Capital), trago experiência em retratar famílias e as suas memórias.

A escolha do tema se deu através de ser um momento marcante na história do Brasil e ainda que a imigração trouxe benefícios de todas as formas: política, econômica, social, etc. A procura de fontes para resolver o tema, o recorte e a problemática, foi decidido através de fontes que caíram na minha mão: fotografias de família com vários álbuns, especificamente, Família Yamaguchi e Tawada. Trabalhar com fotografias e também com fontes orais.

O problema de se limitar o recorte espacial é que a família Yamaguchi passou por diversos lugares do Brasil, regiões Sudeste e Sul, por causa de sua situação econômica e por conta da pressão da Segunda Guerra Mundial, ao qual falarei no texto. Já o recorte temporal será o ano da vinda das famílias do Japão, que foi no mesmo ano 1932, do Século XX, mas ressaltando que a imigração dos povos tanto europeus quando asiáticos se iniciou no final do Século XIX.

A presente pesquisa trará um estudo da imigração japonesa ao Brasil, sua contribuição socioeconômica, as permanências culturais que continuam aos descendentes e a construção da memória histórica através de fotografias e cotidiano. Objetiva trazer para a contemporaneidade o comportamento familiar a respeito das relações sociais, quanto ao trabalho, educação, saúde e cotidiano. Com base em fontes escritas, orais e fotográficas busca-se significar

para a história os “lugares de memória” (LE GOFF, 1996) das famílias de imigrantes japoneses, neste caso específico o estudo das Famílias Yamaguchi e Tawada, que chegaram ao Brasil na década de 1930.

Após migrar, a população japonesa passou por tempos de muito trabalho, mas também divergências que serão levantadas na pesquisa: mentiras a respeito do trabalho e das moradias, por conta da guerra os brasileiros viam os imigrantes japoneses como perigosos, doenças e questão da educação japonesa. Além destas questões, trazer para a contemporaneidade a questão do cotidiano das famílias imigrantes japonesas em suas vivências no Brasil, buscar no passado a cultura do povo japonês e o que permaneceu aos descendentes.

A obra “O crisântemo e a espada” traz um estudo antropológico cultural sobre o Japão e seu povo, sua vida e sua visão multifacetada do mundo e de si, ao qual contribui para compreensão do pensamento humano. Abrange os aspectos da vida dos japoneses (disciplina, sentimento, obrigações, respeito, aprendizagem, etc) e de sua ideologia em torno do evento maior da Segunda Guerra Mundial.

Utilizarei principalmente o capítulo 8 do livro “História e Memória” de Le Goff que aborda a questão da memória sendo um mecanismo de guardar ou esquecer informações. O autor trabalha discutindo com outros autores vários problemas da história, como por exemplo, documento, tempo e monumento. Buscarei retratar os “lugares da memória” da família imigrante japonesa e trazer a informação a respeito do cotidiano através das falas dos sujeitos históricos representados pelos descendentes.

Michel de Certeau discute em seu livro “A Invenção do Cotidiano: Arte de Fazer” que a sociedade não está sob ordem das classes, mas ele identifica questões populares para trazer a tona as artes de fazer ou mesmo o cotidiano. A experiência humana é o assunto central, como fazer com que esta experiência seja uma identidade coletiva. Ele trabalha com autores como Freud, Foucault e Bourdieu, mas com Wittgenstein ele trava uma diálogo a respeito do ‘homem ordinário’ ao qual luta num mundo de ambigüidades que é mais que o cotidiano é a vida real.

Já o livro de Miriam Leite pesquisa sobre como fazer a leitura de fotografia histórica, principalmente o retrato de família. Ela traz a seguinte problemática “até que ponto, as imagens valem mais de mil palavras”, e consegue responder estudando a fundo o ritual de tirar retrato, sendo que essas fotografias pesquisadas podem ser analisadas de várias formas e sim trabalhadas nas ciências sociais e na história. Através da fotografia de família foi possível reflexões novas sobre outras documentações fotográficas (retratos de outra espécie).

Feito a leitura do texto “Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral”, ao qual Alessandro Portelli trata dos procedimentos de história oral e exemplos de suas pesquisas. Diz que todo historiador que trabalha com fontes orais precisa obedecer as diretrizes profissionais para não ter problemas com seus entrevistados, podendo prejudicá-los de qualquer forma ou constranger por palavras ditas sem pensar. Para obter um aproveitamento da fonte oral precisamos deixar o entrevistado falar tudo sobre sua vida ou assunto pesquisado e não somente contar acontecimentos relevantes ou extraordinários, tentar buscar o entrevistado para o centro do assunto.

Além de fontes orais com os descendentes dos imigrantes japoneses (só apenas existe dois imigrantes vivos), os álbuns de fotografias com a análise do cotidiano presentes nelas, recorte de jornal com notícia sobre o acidente com as filhas do patriarca da família Yamaguchi, entre outros. Durante pesquisa no acervo fotográfico deixado pelo Sr. Hirokichi, podemos observar que todas as fotografias estão em perfeito estado de conservação, ordenadas e que as maiorias estão datadas e legendadas, para uma ótima apreciação do leitor. A construção da memória trará uma análise articulada a partir dessas fontes e documentos escritos e entrevistas orais do passado da Família Yamaguchi, englobando questões socioeconômicas e também do cotidiano.

O Primeiro capítulo abordará a questão da imigração ao Brasil, a crise financeira mundial (Queda da Bolsa de Valores de Nova York) de 1929, como afetou o país, a repercussão junto às famílias que lidavam com o café, a industrialização brasileira e paulista, a eugenia e também as questões de

perseguição por causa da Segunda Guerra Mundial e a organização fanática de japoneses. Na segunda parte pretende recompor a vinda do Japão ao Brasil das duas famílias escolhidas de imigrantes, e como começaram a vida numa terra distante. Já no terceiro capítulo, parte da memória do cotidiano da Família Yamaguchi e Tawada, sendo essas compostas por imigrantes de origem japonesa que chegaram de diferentes pontos do Japão e se encontraram aqui no Brasil. Aqui tiveram suas vidas marcadas por episódios da história mundial (Segunda Guerra Mundial) e também tragédias familiares; além de trazer temas como lazer, alimentação, cultura, moradia, educação, saúde e entre outros.

## 1.0. MEMÓRIA DA IMIGRAÇÃO NO BRASIL

*“A história humana não se desenrola apenas nos campos de batalha e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas”.*  
Ferreira Gullar.

A presente pesquisa apresenta um estudo da imigração japonesa ao Brasil, delimitando o estudo de caso da Família Tawada e Yamaguchi, a contribuição socioeconômica, as permanências culturais que persiste aos descendentes e a construção de uma memória histórica através de fontes históricas. Assim, dentro da História vimos muitos objetos de estudo a serem abordados por pesquisadores e principalmente historiadores. Trazer para a contemporaneidade acontecimentos relevantes para a historiografia brasileira e mundial é o ofício do historiador e de diversas outras disciplinas auxiliares. Através de anos de estudo percebemos que a pesquisa na área histórica tem por mais adequada definição do autor Michel de Certeau

Entendo como *história* esta prática (uma ‘disciplina’), o seu resultado (o discurso) ou a relação de ambos sob a forma de uma ‘produção’. Certamente, em seu uso corrente, o termo *história* conota, sucessivamente, a ciência e seu objeto – a explicação que se *diz* e a realidade *daquilo que se passou* ou se passa<sup>1</sup>.

A história como uma prática é resultado de uma produção científica, mas muitas pessoas não a consideram ciência. A sua escrita tem as fontes históricas como prova de tudo aquilo que se procura ou a consequência da problemática da pesquisa. Por muito tempo buscando um objeto e suas fontes para uma pesquisa com foco diferenciado, foram aparecendo documentos históricos que se encaixaram no início da jornada de pesquisa e que me proporcionaram adequar o melhor possível à análise de cada uma e de seu conjunto<sup>2</sup>. Apresentaram-se álbuns de fotografia de família e recortes de jornais, ao qual poderia buscar outras fontes históricas e integrar uma análise consistente dessa família das fotografias.

---

<sup>1</sup> CERTEAU, 1982. p. 31.

<sup>2</sup> VIEIRA, 2001.

Foi assim estudado o processo da imigração de povos europeus e asiáticos ao Brasil, por conta do processo de formação de nossa população atual<sup>3</sup>, ao qual eles fazem parte. Muitos desses imigrantes tiveram o sonho de “Fazer a América”<sup>4</sup> e ver sua realidade mudar de rumo. Vieram com muita esperança que as vidas poderiam mudar através de muito trabalho, mas foram muitas vezes logrados pela propaganda feita em seus países de origem, como veremos no texto mais a frente.

### ***1.1. Imigração: a procura de uma vida melhor***

Sabe-se que a imigração ao Brasil se desenvolveu com um fluxo maior<sup>5</sup> a partir da abolição dos escravos<sup>6</sup>, em 1888, sendo que o país não tinha pessoas suficientes para o cultivo de suas terras, por isso ocorreu à vinda desses povos. Primeiramente chegaram os italianos, que por muito tempo se deram bem nas plantações por também trabalharem com isso em seu país na Europa. Outros imigrantes originários da Itália, Alemanha, Polônia, entre outros países, foram direcionados para trabalharem, a princípio, nas fazendas de café do interior de São Paulo, pois o Brasil se tornou um grande exportador desse produto. Em alguns casos, famílias receberam um pedaço de terra para seu próprio sustento e cultivo no sul do país<sup>7</sup>.

A Imigração japonesa no Brasil foi muito comemorada há quatro anos atrás (2008) por conta do Centenário da vinda dos primeiros imigrantes que chegaram ao Porto de Santos em 1908, a viagem realizada no Navio chamado

---

<sup>3</sup> Esse processo de formação se deu a partir da vinda dos portugueses e imigrantes brancos, os negros que vieram por causa da escravidão e os índios que já habitavam o território brasileiro.

<sup>4</sup> FAUSTO, 1999.

<sup>5</sup> O processo imigratório de inicia desde a “Descoberta e Colonização do Brasil” com os Portugueses, mas em relatórios do IBGE sobre fluxos imigratórios aparecem dados de imigrantes italianos chegando ao Brasil antes da Lei Áurea para libertação dos escravos, desde a abertura dos Portos as nações amigas feita por Dom João VI, em 1808.

<sup>6</sup> Foi em 13 de maio de 1888, atendendo a pressões políticas e movimentos humanitários, o governo brasileiro aboliu a escravidão no país através da Lei Áurea.

<sup>7</sup> Alguns imigrantes italianos e alemães ganharam terras para seu sustento, nas regiões do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Mas este caso não faz parte desse estudo.

Kasato-maru<sup>8</sup>. Antes de iniciarem a imigração ao Brasil, o Japão prontamente havia aberto seus portos para o exterior, em 1854, tendo como destino as ilhas do Havai<sup>9</sup>, México e Peru, por exemplo. Essa abertura do Japão ao Ocidente demorou, pois queriam permanecer com os costumes próprios deles sem influências, mas outras nações orientais, como a Índia, a China, a Pérsia, a Turquia e os Países Árabes, já haviam tido relações e trocas culturais.

O país japonês estava passando por um período de renovação, o período chamado de Era Meiji<sup>10</sup>, onde intensificou a saída da população do Japão que passou a preferir imigrar a ficar em seu país, devido aos altos impostos cobrados em espécie (dinheiro) sobre a terra que cultivavam e antes deste período era pagos com a produção. Sobre esse período, o professor de Ciência Política Alexandre Uehara<sup>11</sup> nos fala que “as vertiginosas transformações econômicas da Restauração Meiji fizeram crescer as tensões sociais decorrentes do aumento do desemprego e da pobreza, transformando a emigração em necessidade”<sup>12</sup>. Portanto, com a modernização da agricultura com a entrada dos equipamentos e máquinas, a população passou a ficar sem trabalho como também não tinham experiência no setor industrial que estava crescendo no Japão, muitos tentaram mudar de localidade dentro do país, mas em muitos casos a população resolver imigrar.

Para o caso que estamos estudando sendo uma imigração de famílias japonesas na década de 1930, o processo histórico vai além que a Era Meiji. O ano de 1912 deu fim a esta era com a morte do Imperador e o envelhecimento de pessoas dentro das Oligarquias tradicionais que ajudavam na administração e em outros setores do governo. Quem assumiu o poder foi o Imperador Yoshihito, que por sua vez, era inexperiente e desejava mudanças. As idéias do imperador eram consideradas democráticas, mas não tinha nada de

---

<sup>8</sup> Antigo navio hospital russo transformado em navio de passageiros ao qual transportou soldados durante batalhas e, mais tarde, também transportou os imigrantes japoneses as localidades do Havai (1906), México e Peru (1907) e Brasil (1908).

<sup>9</sup> O Havai pertence aos Estados Unidos desde o ano de 1959, sendo o último estado a se anexar, por ocasião de montar base da Segunda Guerra.

<sup>10</sup> Foi o período de quarenta e cinco anos do reinado do Imperador Meiji do Japão, que se estendeu de 1868 a 1912. Esta fase foi marcada pela acelerada modernização do Japão.

<sup>11</sup> Professor de relações internacionais das Faculdades Rio Branco e Doutor em Ciência Política pela USP.

<sup>12</sup> ESTUDOS, 2007, p. 14.

decisões da população, como sempre “reinava o ser escolhido por Deus”<sup>13</sup>. A nova Era Taisho como ficou conhecida, não mudou muito como queria o seu governante e somente durou cerca de 13 anos (1912-1925).

Foi nessa época que se intensificou a imigração japonesa ao Brasil. A tabela 01. mostra a entrada dos imigrantes europeus e asiáticos desde 1872 - alguns anos antes da abolição da escravidão no Brasil - até o ano de 1929 - data da crise mundial e quebra da bolsa de Nova York. Podemos observar que no período de 1900 a 1909, está presente o ano da primeira leva de japoneses que vieram atrás de uma vida melhor num país distante. As imigrações assistidas por órgãos especializados ocorreram até a década de 1940.

Tabela 01. Entrada de Imigrantes no Brasil – Principais Nacionalidades

Períodos	Portugal	Itália	Espanha	Alemanha	Japão	Outros	Total
1872-1879	55.027	45.467	3.392	14.325	-	58.126	176.337
1880-1889	104.690	277.124	30.066	18.901	-	17.841	448.622
1890-1899	219.353	690.365	164.293	17.084	-	107.232	1.198.327
1900-1909	195.586	221.394	113.232	13.848	861	77.486	622.407
1910-1919	318.481	138.168	181.651	25.902	27.432	123.819	815.453
1920-1929	301.915	106.835	81.931	75.801	28.284	221.881	816.647

Fonte: IBGE, 2000.

Essa tabela foi retirada do trabalho em conjunto do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e a autora Neide Lopes Patarra, sob o título “Movimentos Migratórios no Brasil” que apresenta um estudo das “relações entre os longos processos de distribuição da população”<sup>14</sup>. Os censos demográficos constituem uma fonte fundamental de informação, principalmente para observar longos períodos divididos por décadas de recenseamento e identificar grandes tendências que modificaram o Brasil<sup>15</sup>.

O Brasil desde o final do Século XIX, começou a receber esses povos imigrantes, constando em relatórios demográficos no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Podemos também observar nessa fonte histórica que a entrada de imigrantes japoneses durante os anos de 1908 (início da vinda de japoneses) a 1929, contava com cerca de 2,6% do total de entradas de estrangeiros, a mais baixa se comparado às outras

<sup>13</sup> PERALVA, 1991, p. 63.

<sup>14</sup> PATARRA, 2003, p. 7.

<sup>15</sup> FARIA, 1997, p. 242.

nacionalidades. Os portugueses enviaram no período de 30 anos a maior quantidade de trabalhadores 36,2%, sendo a década com mais componentes da década de 1910. A Itália teve sua parcela de colaboração na construção do Brasil, tendo 20,6% de imigrantes, depois a Espanha com 16,7% e Alemanha com 5,2%. Outros povos que vieram de várias localidades do mundo somam 18,7%, uma grande porcentagem. Ainda ao analisar a tabela, vimos que cada nacionalidade teve o auge e a queda no envio de trabalhadores, que na soma total de 1.198.327 pessoas ocorreu no final do século XIX, quando os escravos foram trabalhar em outro setor e não mais com o café.

Desde o ano de 1908 até a década de 1950, os japoneses imigraram as terras brasileiras com o objetivo de juntar dinheiro com o sonho de voltar para o seu país natal, e quem sabe retomar a vida que deixaram pra trás. Na maioria dos casos perceberam que essa meta não estava ao alcance, pois ao chegarem às fazendas de café viram que receberiam um salário baixo e ainda havia muita cobrança por parte dos fazendeiros.

Os primeiros grupos de imigrantes perceberam que a realidade mostrava que vieram somente para substituir os recém libertos escravos, por isso ainda nas fazendas havia a presença do feitor, de olho nos novos trabalhadores. Ainda foram modificadas as antigas senzalas para abrigar esses imigrantes, com pouco conforto,

*por não estarem habituados às novas condições de trabalho e de vida, tiveram de passar por experiências assaz amargas, não tardando fazê-los perceber que a vida que se iniciava estava muito aquém da expectativa, ou até das promessas feitas pelas companhias de imigração<sup>16</sup>.*

Os imigrantes japoneses chegaram com poucos recursos e poucos utensílios. Tiveram que construir suas moradias ou modificar as que estavam prontas, para ficar com um mínimo de conforto. Além da casa, precisavam que trabalhar em jornada dupla, para os patrões e para seu sustento, fazendo hortas e galinheiros perto das casas<sup>17</sup>.

No Japão a propaganda para a imigração era feita por pessoas que nunca vieram ao Brasil e passavam para os candidatos a viagem uma visão de

---

<sup>16</sup> HANDA, 2008, p. 24.

<sup>17</sup> Idem.

que o país era grande, cheios de terras pra trabalhar e ganhar dinheiro, mas quando chegavam não eram bem assim, “o fato de a convocação ter sido feita por gente que não conhecia o Brasil, através de grandiloquentes propagandas em diversas localidades. Este fato chegou a constituir-se numa das causas determinantes da desilusão sentida pelos imigrantes”<sup>18</sup>.

Além de serem observados pelo antigo feitor e serem enganados pelas propagandas das empresas de imigração, suas vidas nas fazendas não eram fáceis. Os japoneses acordavam com o barulho do sino, mais ou menos às 4 horas da manhã para levantarem e se preparar para o trabalho no campo, conforme nos conta o autor Tomoo Handa, “Nas fazendas, os sinos substituem o relógio e acham-se colocados nos terrenos próximos à sede ou em frente à casa do fiscal (...) o primeiro sino é batido às 4 horas da madrugada. Trata-se de aviso para acordar”<sup>19</sup>.

Os japoneses sentiam efetivamente estarem substituindo os escravos no trabalho. Por estes motivos, muitos imigrantes se insurgiram, pagaram logo as dívidas da viagem e deixando as fazendas, se deslocando a outras regiões e comprando seu pedaço de terra para colonizar. No Estado de São Paulo muitas regiões ainda estavam para ser colonizadas e muitas ainda se apresentavam com mata virgem. Essas localidades interessaram os colonos japoneses que compraram lotes, montaram casas e plantaram para sobrevivência<sup>20</sup>.

O período do final do século XIX e início do XX foi uma fase de industrialização no Estado de São Paulo. A capital foi passando de uma economia cafeeira para a industrial, principalmente durante a Primeira Guerra Mundial, crescia também a produtividade, assim o Brasil passou a comprar menos produtos industrializados de outros países, mas não produzia tudo que carecia<sup>21</sup>. As indústrias a princípio utilizavam as matérias primas existentes no Brasil: o café e o açúcar, por exemplo. Enquanto as indústrias cresciam e a cidade se transformava, as condições dos operários eram precárias: salários

---

<sup>18</sup> Idem, p. 58-59.

<sup>19</sup> Idem, p. 35.

<sup>20</sup> SAKURAI, 2008.

<sup>21</sup> PRADO JR., 1998, p. 37.

baixos, muitas horas de trabalho e doenças (principalmente a gripe espanhola<sup>22</sup>). Foi onde, no final da década de 20, ocorre a crise do café devido à crise da bolsa de Nova York, impulsionando o crescimento da indústria em São Paulo e também no Brasil, passando por mudanças na agricultura do café.

Nessa época muitos japoneses deixaram as fazendas e foram para cidades para tentar uma colocação nas fábricas, ou também tentar abrirem seus próprios negócios. Por meio do saber “saber fazer”<sup>23</sup> desses imigrantes pioneiros, as cidades recebiam novos comércios e estabelecimentos a serviço da população, assim a cidade se transformava. Em São Paulo, muitos imigrantes japoneses se concentraram no bairro da liberdade, tendo suas moradias e também seus comércios, assim o cotidiano:

*Por ser um bairro central, de lá poderiam se locomover facilmente para os locais de trabalho. Já nessa época começaram a surgir as atividades comerciais: uma hospedaria, um empório, uma casa que fabricava tofu (queijo de soja), outra que fabricava manju (doce japonês) e também firmas agenciadoras de empregos, formando assim a “rua dos japoneses”<sup>24</sup>.*

Dessas décadas anteriores de imigração estava numa situação difícil, desde a partida dos imigrantes do Japão até a chegada nas fazendas, mas após essa fase de retirada da fazenda e a vinda para as cidades e também para sua própria terra, a situação parecia que iria melhorar.

## **1.2. Eugenia: uma arma contra os imigrantes japoneses**

Além dessa carga de trabalho com remuneração absurda, os imigrantes japoneses foram vítimas de preconceito racial. Entre os pensamentos e as produções dos finais do século XIX, estavam compondo idéias sobre a identidade brasileira e estavam em discussões pensamentos sobre raça, pois o Brasil é uma mescla de homem branco (portugueses e europeus), negros (escravos) e índios (nativos). Ao falar da questão do racismo, muitos autores

---

<sup>22</sup> Designada de gripe espanhola ou gripe pneumônica foi uma pandemia do vírus influenza que se espalhou por quase todas as partes do mundo, sua origem geográfica é desconhecida.

<sup>23</sup> CERTEAU, 1994.

<sup>24</sup> HISTÓRIA do Bairro da Liberdade, 2008, p. 1.

trabalham somente falando do índio e negro, e se esquecem ou citam rapidamente a discriminação sofrida por imigrantes japoneses.

Um dos autores que trabalham nessa época com a temática é Oliveira Vianna em seus livros “Populações Meridional do Brasil” e “Evolução do Povo Brasileiro”, através de tese da eugenia defendiam o “branqueamento” da sociedade. No primeiro livro citado, ele revela que desde a sociedade colonial já se preocupava com a “clarificação” da massa nacional, e que os brancos não eram tão brancos assim, pois tinham misturas que faziam com que duvidassem da sua raça. Ainda no texto, o autor se refere ao negro como “cada um desses ‘pardos’, ‘cafuzos’, ‘mamelucos’, ‘carijós’, que se fixa em seu seio (sociedade), corresponde a uma nova molécula de dinamite ajuntada à sua massa (...)”<sup>25</sup>.

Já no livro “Evolução do Povo Brasileiro”, Vianna trata das teses de Spencer<sup>26</sup>, Darwin<sup>27</sup> e Haeckel<sup>28</sup>. Tendo muitas críticas, trata num dos capítulos sobre a “Evolução da raça” a distribuição social do Brasil nas três raças (branca, indígena e negra), ainda revela como o branqueamento foi feito de forma discreta através de campanhas eugênicas,

*Essas misteriosas operações, que as várias modalidades de selecção ethnica estão realizando na intimidade da nossa massa nacional, no sentido de clarifical-a e aryanizal-a, si são, abem dizer, imperceptíveis a olho nu, mostram-se, entretanto, claríssimas, de uma visibilidade meridiana, quando reveladas á luz dos dados estatísticos*<sup>29</sup>.

Oliveira Vianna fazia parte do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e é citado nas obras de Renato Ortiz no texto “Da raça à cultura: a mestiçagem e o nacional” inserido no livro “Cultura Brasileira e Identidade Nacional” e também nas discussões de Lílian Moritz Schwarcz no livro “O Espetáculo das Raças” no capítulo “Homens de ciencia”, tratando ainda da questão mais debatida do final do Século XIX, a identidade Nacional. A citação acima mostra bem como eram as campanhas eugênicas realizadas no Brasil depois da chegada dos

---

<sup>25</sup> VIANNA, 2005, p. 256.

<sup>26</sup> Teoria do Darwinismo social e sobrevivência do mais apto, esse último sendo sempre relacionado com Darwin.

<sup>27</sup> Teoria da evolução das espécies.

<sup>28</sup> Teoria da recapitulação, sendo esta a teoria que defende que o desenvolvimento do embrião de uma dada espécie repete o desenvolvimento evolucionário da espécie.

<sup>29</sup> VIANNA, 1933, p. 191.

imigrantes. E ainda, foi deixado a ortografia original do texto escrito em 1933, ortografia antiga<sup>30</sup>.

Em um artigo de jornal “Folha de São Paulo”, intitulado “História da discriminação brasileira: contra os japoneses sai do limbo”, do autor Matinas Suzuki Jr, trás vários autores que discutem o antiniponismo, desde a constituinte de 1946 que destacava a proibição da imigração japonesa, mas acabou sendo vetada; até o historiador Roney Cytrynowicz, no livro “Guerra sem Guerra”, onde dois capítulos trata da questão japonesa na guerra e como ficou os japoneses em terras brasileiras sendo discriminados.

Mas o texto que foi relevante pra essa pesquisa sobre a discriminação foi o trabalho da historiadora Márcia Yumi Takeuchi, intitulado “O perigo amarelo: imagens do mito, realidade do preconceito (1920-1945)”, ela trabalha com a questão da eugenia e da perseguição por conta da Segunda Guerra. Um estudo com figuras de publicidade onde o japonês é visto como

*uma cultura alienígena, estrangeira, extremamente perigosa para o Brasil. Surgem, nesse contexto, os epítetos de que os amarelos eram, como os negros, racional e eugenicamente inferiores e psicologicamente desequilibrados, um grupo étnico não confiável, traiçoeiro, dissimulado, sanguinário, insensível, esteticamente horroroso e feio, subumano, peçonhento, assemelhado aos vermes e aos piolhos, uns verdadeiros macacos; eram, desse modo, transformados em um grande perigo para a civilização ocidental<sup>31</sup>.*

Muitas palavras ofensivas foram dirigidas aos japoneses, se tornando um ser que não saberia viver junto com os brasileiros, pois não largariam sua cultura, sua língua e seus costumes para incorporar os nossos. Isso ainda piora a situação dos imigrantes quando começa a Segunda Guerra Mundial.

### **1.3. Memória: a guerra dentro e fora da Europa**

Jacques Le Goff em seu livro “História e Memória” trata de várias questões sobre história, começa pelos seis problemas enfrentadas por essa ciência: relação da história objetiva com a vivida; relação da história com o futuro; oposição entre passado e presente; relação com outras ciências; a

---

<sup>30</sup> A ortografia da Língua Portuguesa já foi modificado mais duas vezes.

<sup>31</sup> TAKEUCHI, 2008, p. 19-20.

questão do tempo cronológico, natural e cíclico; e se ela é mesmo uma ciência. Como já dito neste capítulo, a história é sim ciência por ter fontes que possam comprovar sua existência, claro que com ressalvas porque o historiador tem sua visão de mundo englobado em seu trabalho de pesquisa. Além desses problemas, apresenta o documento como monumento, pois “o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar e recordação, por exemplo, os atos escritos”<sup>32</sup>. O documento é a ferramenta do historiador, ele não é só coisa velha, permite o estudo de tudo que se possa imaginar. Por isso, o trabalho faz com que documentos escritos (textos, artigos, certidão) junto com outros documentos orais e iconográficos, falem sobre o passado recente.

A Segunda Guerra Mundial se inicia com três países dispostos a conseguir aumentar seus territórios: a Alemanha que estava desrespeitando o Tratado de Versalhes<sup>33</sup> e ainda tinha um sistema totalitário como governo; a Itália que também tinha o totalitarismo; e o Japão que queria se expandir pelos seus vizinhos asiáticos. Os países europeus estavam passando por uma crise devido ainda a Depressão dos Estados Unidos ocorridos em 1929. Para sair desse colapso, Itália e Alemanha pertencentes ao grupo do Eixo, junto do Japão, queriam se industrializar. O conflito iniciou em 1939 quando o exército alemão entrou em território polonês. Dois países acharam um disparate essa invasão e declararam guerra ao Eixo: França e Inglaterra, que mais tarde entraram para guerra mais países Aliados, URSS, os Estados Unidos e também o Brasil<sup>34</sup>.

Eric Hobsbawm em seu livro “Era dos Extremos” mostra acontecimentos ocorridos no Século XX, considerando esse século como sendo breve. Tratando desse século de forma marxista, trazendo para a contemporaneidade o estudo econômico do período. Trazer para a contemporaneidade a memória histórica de acontecimentos chave do mundo do século XX, como a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais, apresentam um desencadeamento de consequência ou resultado do outro, que afetam até os dias de hoje<sup>35</sup>. O

---

<sup>32</sup> LE GOFF, 1996, p. 535.

<sup>33</sup> Documento assinado para a paz das potências européias quando encerrou oficialmente a Primeira Guerra Mundial.

<sup>34</sup> CYTRYNOWICZ, 2000.

<sup>35</sup> HOBBSAWM, 1995.

interesse em retratar a Segunda Guerra Mundial foi por conta de que muitos imigrantes pertenciam aos países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) estavam espalhados trabalhando em solo brasileiro, e por isso, poderiam tomar o território para seus países, já que eles entraram com a permissão do governo.

O Brasil, antes da Grande Guerra, estava se aproximando da Alemanha por ocasião de negócios econômicos e tecnologias, mas os EUA estavam de olho nesta relação internacional. Para afastar os dois países, os americanos desenvolveram uma “política de boa vizinhança”<sup>36</sup> para atrair o Brasil para seu lado, cativando na parte tecnológica com a vinda de aparelhos eletrônicos. Por muito tempo Getúlio Vargas deixou o Brasil neutro no conflito, mas resolveu arriscar e foi onde estreitou a relação entre brasileiros e norte-americanos entrando na Guerra, isso ocorreu em 1942.

Durante as batalhas nos campos europeus, aqui no território brasileiro os imigrantes das três nacionalidades contrárias aos Aliados começaram a ser perseguidos. Muitos japoneses tiveram que deixar suas casas e atividades, principalmente nas cidades grandes, como São Paulo, Rio de Janeiro e até Santos e irem para o interior, lugar onde tinha pouca pressão da polícia. Tudo era motivo de desconfiança

*a equiparação do câncer às colônias japonesas as igualava às células cancerosas que, não apenas se multiplicavam, mas também invadiam o organismo (nação). A partir do tumor original, elas ‘colonizavam’ regiões distantes do corpo, estabelecendo, primeiramente, minúsculos postos avançados, cuja presença era admitida sem ser detectada. Como vimos, a consequência mais temida da doença, antes da morte, é a amputação, a destruição dos tecidos<sup>37</sup>.*

Toda população brasileira se sentiam culpados por deixar os imigrantes japoneses, como também os alemães e italianos, se agruparem nas regiões agrícolas e nas cidades. As colônias passaram a ser vigiadas mais de perto pela polícia política, porque eram considerados como um “aglomerado de pessoas que poderiam se rebelar contra o governo”<sup>38</sup>. Neste período de guerra, os imigrantes passaram a não saber notícias das batalhas e notícias de suas

---

<sup>36</sup> Foi uma iniciativa política criada pelo governo dos Estados Unidos em 1933, consistia em investimentos e venda de tecnologia norte-americana para os países latino-americanos, mas em troca, estes deviam dar apoio a política norte-americana.

<sup>37</sup> TAKEUCHI, 2008, p. 126.

<sup>38</sup> Idem, p. 134.

famílias na terra natal, pois os Correios foram proibidos de entregar correspondências aos imigrantes. Por conta de toda essa repressão, correios, jornais e escolas clandestinos foram abertos, tendo suas atividades feitas em horários noturnos para que ninguém pudessem perceber<sup>39</sup>. Getúlio Vargas assinou muitos decretos para repreender os estrangeiros:

*O decreto federal n°406, de 4 de maio de 1938, proibiu jornais em línguas que não o português; no mesmo ano outro decreto proibiu o ensino de língua estrangeira a menores de 14 anos. Além disso, professores que não soubessem português não podiam mais ensinar uma língua estrangeira. Essas medidas integraram uma campanha dirigida contra os estrangeiros em geral, já que eram anteriores à própria deflagração da guerra e evidenciam o caráter de xenofobia do Estado Novo<sup>40</sup>.*

O Estado se apresentava como um órgão repressor, onde tudo que os imigrantes faziam eram proibidos, tanto faz se eles eram italianos, alemães ou japoneses. O cotidiano desses grupos foi interrompido, suas vidas modificadas, principalmente dos japoneses que estavam mais a vista nas cidades que os italianos e alemães, pois esses se concentraram em pequenas propriedades no interior ou tinham suas terras no sul do Brasil. Por isso, este primeiro grupo tinha mais dificuldades de se integrarem à população brasileira por conta da língua muito diferente, principalmente por conta da conjugação dos verbos. Os demais estrangeiros perseguidos já estavam instalados a um bom tempo em território brasileiro e já estavam acostumados a cultura do país. A repressão estava já escancarada.

*Para exercer controle mais rigoroso sobre as atividades dos imigrantes, uma portaria da Secretaria de Segurança Pública obrigou os duzentos e tantos mil japoneses residentes no estado de São Paulo a comparecerem à polícia para renovar seus registros. O pesadelo parecia interminável: no dia 13 de setembro [de 1942] os japoneses foram obrigados a entregar à polícia todos os aparelhos de rádio existentes em suas casas ou locais de trabalho. Uma semana depois, foram informados de que não poderiam mais utilizar seus automóveis, caminhões, motocicletas e embarcações, que passariam a ficar sob guarda policial<sup>41</sup>.*

Aqui mostra bem a apreensão de rádios para que não pudessem escutar programas em língua japonesa ou pra não obterem notícias da derrota do

---

<sup>39</sup> CYTRYNOWICZ, 2000.

<sup>40</sup> Idem, p. 137.

<sup>41</sup> MORAIS, 2001, p. 47.

Japão. Essa citação revela o que já tinha tratado na citação anterior, a questão de mudar o cotidiano das famílias imigrantes por conta de conflitos de seus países natal, que não implicaria muito no convívio com o povo brasileiro, pois na sua maioria desses povos eram tranquilos e trabalhadores.

Assim, a Segunda Guerra Mundial foi um conflito com muitas mortes na Europa, tendo seu fim com a rendição de alemães e italianos. O Japão ainda demorou a aceitar a assinar o tratado de rendição<sup>42</sup>. Com o fim da guerra, se iniciava um novo conflito interno no Brasil.

#### **1.4. *Shindô Renmei: uma luta sangrenta***

Com o fim da Grande Guerra, os imigrantes japoneses não sabiam que seu país natal havia perdido a guerra, pois havia muitos boatos. Muitos nipônicos fanáticos pelo imperador se revoltaram com seus próprios compatriotas, pois a notícia se espalhava nas ondas dos rádios e também pela imprensa. Iniciava assim uma organização que defendia o Japão com todo o fervor, a Shindô Renmei, ao qual tinha o objetivo de esconder a verdade da guerra. O nome significava a “Liga do caminho dos Súditos”, sendo que súdito era ligado a figura do imperador japonês. Criada em 1942, ficou por muito tempo sem que a polícia soubesse quem eram.

Fernando Moraes no seu livro “Corações Sujos”<sup>43</sup> apresenta uma versão da trajetória da organização durante anos através de documentos do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) ou DEOPS (Departamento Estadual de Ordem Política e Social)<sup>44</sup>, fotografias e notícias de jornais. Ainda, traz um estudo da cultura trazida por essa população imigrante japonesa e como viveram aqui em terras brasileiras. Quando foi ouvido nos rádios (se ainda o tinham por conta da apreensão) ou quem soubesse ler em português, lê-se nos jornais a notícia que o Japão estava se rendendo aos Aliados, muitos sofreram por seus familiares que estavam no Japão; outros aceitaram, pois era mesmo a

---

<sup>42</sup> COGGIOLA, 1995.

<sup>43</sup> No ano de 2011, foi lançado o filme com o mesmo nome.

<sup>44</sup> O órgão cujo objetivo era controlar e reprimir movimentos políticos e sociais contrários ao regime no poder, foi criado em 1924.

realidade; e também muitos se revoltaram. Esses últimos que eram os revoltosos começaram a espalhar terror ao interior e capital paulista.

Morais proporciona um estudo detalhado da Shindô Renmei, tendo uma lista de participantes, lista de vítimas desses ataques, lista de pessoas fichadas no DOPS, entre outras que mostram tudo que ocorreu nos anos posteriores ao término da Segunda Guerra. A princípio, ninguém desconfiava desse grupo de japoneses imigrantes, ainda mais a polícia paulista que “parecia ter problemas mais graves para resolver do que os delírios de um bando de japoneses desequilibrados”<sup>45</sup>.

Um documento redigido pela Delegacia de Polícia de Bastos, uma das cidades que ocorreram as sangrentas mortes de patrícios japoneses, ao qual tratava de restrições impostas não somente na cidade, mas foi utilizada em diversas partes do Estado de São Paulo pra conter ameaças maiores desses grupos.

Essas restrições já eram feitas durante a Segunda Guerra Mundial, mas agora tinham que continuar por conta de ataques que haviam ocorridos em cidades do interior paulista. Outras foram as cidades, além de Bastos, que ocorreram massacres: Tupã, Marília e Penápolis. A polícia também fez torturas com os japoneses por conta da queima da bandeira do Japão e quebra de quadros do imperador, que para esse povo era uma vergonha inimaginável.

Notícias falsas eram divulgadas em folhetos provando a vitória do Japão na Guerra. Quem recebesse essas informações e duvidava, já podia ser considerado inscrito na “lista negra” da Shindô<sup>46</sup>.

*Delegacia de Polícia de Bastos*

*Aos japoneses*

*Não obstante a ação amena, complacente mesmo, desta delegacia, para com os súditos de uma Nação, ontem, a caminho da derrota, hoje, humilhante e fragorosamente vencida, não tendes sabido compreender nosso benévolo, nosso humano proceder para convosco.*

*Vindes abusando da nossa paciência, da superior condescendência das autoridades que governam um povo superior, que não vos tem tratado como inimigos, como derrotados inimigos. Nós vos vimos tratando como da espécie humana, porem, tem sido inútil nossa superior condescendência.*

---

<sup>45</sup> MORAIS, 2001, p. 113.

<sup>46</sup> DEZEM, Rogério. 2000.

*Em face, pois, da vossa demonstrada má-fé, da vossa veleidade de resistir, da vossa insana teimosia, esta delegacia, sob pena de severa punição, vos informa o seguinte:*

*a) deveis vos expressar em idioma português, em lugares públicos ou de acesso ao público (vias públicas, casas comerciais, escritórios etc.).*

*b) até segunda ordem, fica terminantemente proibido: vos reunirdes sem licença da autoridade em casas particulares, em clubes, escolas, sob qualquer pretexto; praticardes os desportos atléticos; ouvirdes irradiações estrangeiras.*

*c) serão responsabilizados os proprietários de casas comerciais, os diretores, ou gerentes de estabelecimentos que permitirem a prática dos atos constantes da supracitadas proibições.*

*d) o boato será energeticamente reprimido.*

*Bastos, 28 de setembro de 1945*

*O delegado de polícia*

*Luiz B. de Godoy e Vasconcelos.*

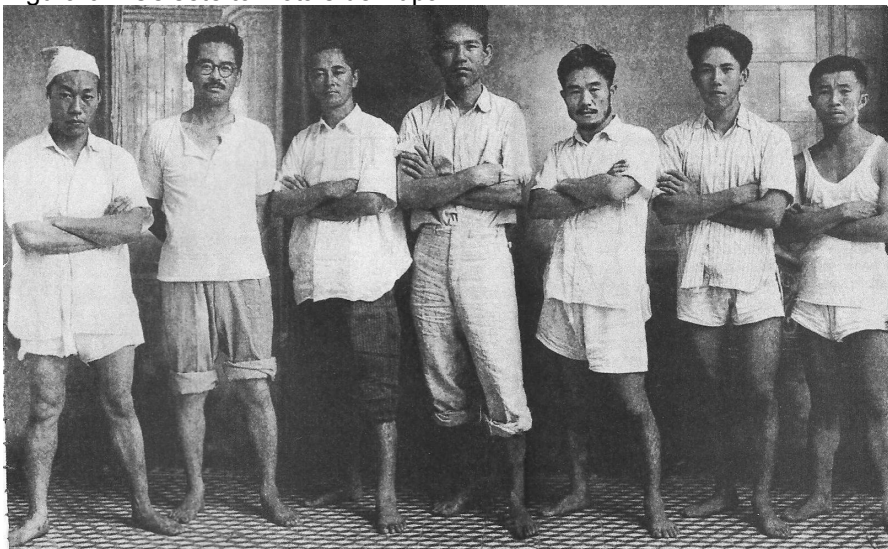
Na citação aparecem mensagens escritas que são relevantes: “Não obstante a ação amena”, ação esta que tirou todos os direitos dos imigrantes japoneses e modificou seu cotidiano; “autoridades que governam um povo superior”, nos diz que o Brasil é um país de povo superior, menosprezando os imigrantes; “da vossa demonstrada má-fé, da vossa veleidade de resistir, da vossa insana teimosia”, novamente falando que os japoneses não são submissos aos brasileiros.

Cada ação era programada em reuniões secretas nas casas ou comércios de participantes da Shindô Renmei. Nelas geralmente freqüentavam um chefe com o nome do alvo a ser morto ou ameaçado, e os tokkotais (figura XX) que eram os executores dos serviços. Ocorreram muitas mortes e ameaças e, também, prisões e acusações.

No auge, a organização já estava espalhada pelos Estados de São Paulo e Paraná, com 64 filiais e 115 mil associados, que sempre contribuíam com dinheiro. O término da Shindô se deu com a morte de alguns componentes e a prisão de vários, principalmente as prisões dos tokkotais, ao qual ficaram pouco tempo e voltaram a cidade de Tupã como heróis. A fotografia acima, foi tirada quando os homens chegaram a cidade, podemos perceber o prestígio que tinham, mesmo passando dos limites da lei. No texto de Fernando Morais, ele cita um artigo de jornal no qual o modernista Menotti del Picchia escreve sobre a organização

enxergava fé patriótica por trás dos crimes da Shindo Renmei e previa a posição que o país recém-derrotado iria ocupar meio século depois: No xadrez político das forças ocidentais, o japonês seria a melhor vanguarda do mundo capitalista no Oriente. Era só cultivar-lhe a mentalidade nacionalista, rígida barreira forjada com fanatismo. Pelo Japão, pelo imperador, pela bandeira, a fé patriótica de cada súdito do Mikado é capaz de todos os crimes. Os tokkotai são as resultantes desse exacerbado clima de amor a uma tradição mais que milenar<sup>47</sup>.

Figura 01. Os sete tokkotais de Tupã.



Fonte: Livro 'Corações Sujos' – Fernando Morais. Fotografia datada em 1946.

O autor que participou da Semana de Arte Moderna (1922) já previa a força capitalista que o Japão seria anos depois de ser derrotado na Segunda Guerra Mundial. Fala que os “súditos” ou “fanáticos” pela pátria e principalmente pelo imperador podiam tudo por serem extremamente nacionalistas.

Essa obrigação ao imperador é trabalhada em um texto de antropologia da autora Ruth Benedict, que faz um estudo sobre a cultura japonesa e ainda mostra que o povo japonês é parecido com “O Crisântemo e a Espada”<sup>48</sup>, pois “são, no mais alto grau, agressivos e amáveis, militaristas e estetas<sup>49</sup>, insolentes e corteses, rígidos e maleáveis, submissos e rancorosos, leais e traiçoeiros, valentes e tímidos, conservadores e abertos aos novos

<sup>47</sup> MORAIS, 2001, p. 151.

<sup>48</sup> Nome do livro de antropologia, de Ruth Benedict.

<sup>49</sup> Pessoa que aprecia e pratica o belo como valor essencial.

costumes”<sup>50</sup>. A fala da autora não tem nada a ver com o estudo feito anteriormente que falava da eugenia e do preconceito contra os japoneses, visto que não falavam bem dos imigrantes japoneses, aqui aparecem dois significados dados a eles um contrariando outro, bem e mal juntos.

Na questão sobre a obrigação junto ao imperador, na língua japonesa se diz um “on”, que na tradução fica um pouco sem sentido para os ocidentais, o mais perto fica como uma carga, um débito ou um ônus. Ele é recebido de alguém superior, como por exemplo: pai para com o filho, imperador para um súdito. É um ato hierárquico, se a pessoa for inferior na camada, “ocasiona uma incomoda sensação de inferioridade”<sup>51</sup>. Com essa obrigação, todos os japoneses têm com seus antepassados por tê-lo tido e sempre terá o “on” pelo imperador por ele ser o “ser supremo” do país.

A despeito do que foi pesquisada sobre a imigração, a perseguição durante a guerra e o combate interno da Shindô Renmei, será destacada a luta pela sobrevivência de alguns imigrantes japoneses, sendo enfatizado o processo da vinda de duas famílias: Tawada e Yamaguchi. Através de fontes históricas, principalmente orais e fotográficas, será possível compor uma representação social dessas famílias japonesas, que chegaram ao Brasil com o sonho de “fazer a América”.

---

<sup>50</sup> BENEDICT, 2009, p. 10.

<sup>51</sup> Idem, p. 88.

## 2.0. A FORMAÇÃO DA FAMÍLIA YAMAGUCHI NO BRASIL

*“O passado é, por definição, um dado que coisa alguma pode modificar”.*  
Marc Bloch

Para começar a tratar sobre a questão da vinda das famílias imigrantes escolhidas devemos antes de tudo contextualizar o que estava acontecendo no Japão e no Brasil. A população do Japão estava passando por um período de mudanças geradas pela troca de impérios: Era Meiji (1868-1912), Era Taisho (1912-1926) e Era Showa (1926-1989). Então para localização no tempo histórico, percebemos que foi na Era Meiji que começou a imigração para o Brasil, passando por todas as Eras. Foi um período de guerras expansionistas, lutas com os países vizinhos para tomada de território, principalmente batalhas contra os russos<sup>52</sup>.

Além dessas batalhas, o país japonês atravessava um momento de transformação econômica e muitas tensões sociais por causa do aumento de tecnologias nas produções agrícolas e as pessoas migrando para as cidades sem o saber “saber fazer”<sup>53</sup> na área da industrialização. Muitas pessoas saíram de suas casas e foram para outras partes do Japão, mesmo assim sem sucesso em conseguir emprego para sobreviver. Bem como tratado no primeiro capítulo, a imigração já havia iniciado na metade do século XIX para vários países citados, mas só ocorreu a vinda de japoneses para o Brasil por conta de decreto

*O fechamento da ‘porta’ aos imigrantes nipônicos por parte dos EUA, em 1907, e a proibição do governo italiano de que seus cidadãos aceitassem transporte subsidiado para o Brasil representaram o impulso decisivo na entrada dos trabalhadores japoneses no país<sup>54</sup>.*

Com o fechamento da entrada desses estrangeiros aos Estados Unidos e com os imigrantes italianos não vindo mais ao Brasil, teve início a imigração dos japoneses para o território brasileiro. Foram criadas várias empresas de imigração para trazer esses trabalhadores, saindo de vários portos que estavam preparados pra despachar esses japoneses imigrantes.

---

<sup>52</sup> THE JAPAN, 1976.

<sup>53</sup> CERTEAU, 1994.

<sup>54</sup> TAKEUCHI, 2008, p. 57.

Nos primeiros anos do século XX, o Brasil passava pela Crise da Bolsa de Valores dos EUA com efeitos estendidos para a agricultura do café. A exportação foi afetada, mas nem por isso parou de imigrar pessoas estrangeiras para o trabalho. Como as famílias imigrantes japonesas Tawada e Yamaguchi vieram para o país em 1932, nesta ocasião o governo era o de Getulio Vargas que assumiu para administrar provisoriamente, passando a ficar definitivo depois. Vargas interferiu em todos os seguimentos do país, lutando para salvar o setor econômico do café<sup>55</sup>, esse foi o contexto da vinda dessas famílias.

### ***2.1. Família Tawada: viagem longa e uma vida de trabalho***

A Família Tawada vem de uma região remota do Japão: a ilha de Hokkaido, extremo norte e segunda maior ilha do arquipélago japonês. Como no restante do país a região apresenta uma cadeia de montanhas e áreas pantanosas, rios e lagos que se formam nas crateras vulcânicas. Seu clima não é muito favorável a vida, pois na maioria do ano está perto do zero grau. Em todo o Japão há pouca diversidade populacional, pois a maioria de sua população é de japoneses (98%), os restantes são de populações estrangeiras como a de brasileiros, filipinos, coreanos, chineses e outros asiáticos. Na ilha de Hokkaido há uma etnia muito peculiar à região, os 'ainus' são povos de origem indígena, que são mal visto pelos outros japoneses<sup>56</sup>.

Não podemos afirmar que a Família Tawada possam ser descendentes desses povos 'ainus', mas com certeza viviam na mesma região. A família se localizava na cidade de Biyoro, cidade rural perto da capital Sapporo. Eles trabalhavam na agricultura com muita dificuldade por ser um lugar montanhoso e também com muito frio. A família era formada por 7 membros: Rokusaburo Tawada (Patriarca), casado com Yae Tawada, e os filhos Akira (Primogênito), Mitsue, Teruko, Tiekko e Ysay; e todos vieram para o Brasil.

Por conta dos problemas com a modernização da agricultura, como a entrada de máquinas, que ocuparam a mão de obra humana, a família saiu da

---

<sup>55</sup> POMAR, 1998.

<sup>56</sup> ATLAS, 2005.

sua província natal para trabalhar em outra parte do Japão, não citada pela descendente entrevistada, Tieko Tawada Onishi. Outros problemas enfrentados pelos japoneses era a política expansionista que afetava a população. Como não conseguiram trabalho, resolveram vir tentar a sorte em um país que dava oportunidades e sobreviver junto com a agricultura que já tinham o saber “saber fazer”<sup>57</sup>.

No ano de 1932, a família toda saiu do porto da cidade de Osaka, centro sul do Japão, rumo a América. Nessa viagem não sabiam se iriam sobreviver, pois vieram pelo oriente atravessando o Oceano Pacífico todo, no Navio Santos Maru<sup>58</sup>. Passaram na ilha do Havaí, pelos Estados Unidos, México, Guatemala, Nicarágua, pelo Canal do Panamá<sup>59</sup>, Venezuela até chegar ao Porto de Santos, em São Paulo em 1933. Eram bem cansativas essas viagens, muitos dos navios tinham espetáculos de teatro, música e aulas de português pra quem quisesse fazer, não sei se foi o caso deles. Tudo isso para entreter os passageiros dos navios nesses meses de viagem. Ainda sobre a viagem um dos descendentes confirma que mais ou menos a viagem durou 50 dias e a senhora Teruko Yamaguchi, na época menina (13 anos) passou mal pelo balanço do navio, esse foi o único problema da viagem relatado.

Na chegada a Hospedaria de Imigrantes muitos japoneses, como outros estrangeiros italianos ou alemães, tiveram problemas no início pra se adaptar, por exemplo, com a alimentação.

*Levadas para triagem na Hospedaria de Imigrantes, na capital paulista, elas experimentara, ali o primeiro de incontáveis choques culturais: a comida brasileira era intragável para um asiático. Habitados a uma alimentação à base de legumes, cereais, verduras e peixes de água salgada, os japoneses sentiram náuseas diante da comida gordurosa que lhes ofereciam. Temperar com sal o feijão, que eles só conheciam como ingrediente de doces, por exemplo, parecia uma dieta feita sob encomenda para produzir diarreias<sup>60</sup>.*

---

<sup>57</sup> CERTEAU, 1994.

<sup>58</sup> OI, 2008.

<sup>59</sup> O Canal do Panamá é um canal marítimo com 81 quilômetros de extensão, que corta o istmo do Panamá (América Central), liga o Oceano Atlântico e o Oceano Pacífico. O canal é considerado como um ponto importante para o comércio internacional. Foi construído de 1880 e foi terminado em 1914.

<sup>60</sup> MORAIS, 2001. p. 25.

Essa era a primeira barreira de sobrevivência dos imigrantes japoneses, a comida forte e bem temperada fazia com que ficassem doentes. A alimentação do japonês era bem equilibrada e saudável, como a citação nos fala. Outro problema em relação a adaptação consistia em falar a língua da terra que os acolheram.

De Santos foram para Ribeirão Preto, interior de São Paulo, pra uma fazenda de lavoura de café. Trabalharam certo tempo com essa cultura e mais tarde conseguiram comprar seu próprio pedaço de terra. A família tinha se adaptado bem a região de Ribeirão Preto, por isso compraram seu terreno para trabalhar com a plantação de Flores (figura 02) que o fizeram até quando o patriarca Rokusaburo Tawada tinha mais ou menos seus 90 anos. Não inseri um foto deles mais novos, pois não obtive junto a família.

Figura 02. Rokusaburo e Yae Tawada em sua plantação de flores.



Fonte: Família Tawada, década de 80.

A região onde moravam era chamada de Mogiana, ao qual pegava todas as cidades em torno de Ribeirão Preto. O sítio que montaram ficava na Vila Bonfim, hoje Bonfim Paulista. Nunca fizeram outras atividades a não ser agricultura. Já os filhos se casaram e tomaram outros caminhos que não vou trabalhar nesta pesquisa. Veremos a seguir a ligação que a Família Tawada

tinha com o membro da outra família escolhida para recompor a memória do cotidiano.

## **2.2. Família Yamaguchi: viagem tranqüila e vida agitada**

A Família Yamaguchi vivia na cidade de Koriyama, província de Fukushima, região nordeste do Japão, aproximadamente 300 km de Tóquio (capital), cercada por montanhas. É a terceira maior província do Japão, uma região conhecida pelos muitos templos budistas, que em séculos atrás foi um lugar de guerreiros Samurais<sup>61</sup>. Tinham na cidade um tabelionato ou cartório<sup>62</sup>, de propriedade de Inotaro Yamaguchi, pai de Hirokichi que migrou ao Brasil. Esses dois japoneses trabalhavam juntos, pai e filho mais velho.

A vinda do Sr. Hirokichi Yamaguchi foi devido a não concordar com o pensamento japonês de expansionismo e não querer se alistar no comando militar para lutar contra os russos e outros países asiáticos. Ainda, no período de 1920 e 1930, época da vinda desse imigrante, o Japão foi marcado por dificuldades financeiras no governo, agravada pela crise mundial da quebra da Bolsa de Valores, já citada, que afetou muitos países<sup>63</sup>. A saída encontrada para fugir do alistamento militar foi se ingressando na companhia de imigração, para vir ao Brasil em busca da prosperidade, deixando a família no Japão.

A saída do país se deu através do porto de Kobe (figura 03), no Navio Labarata Maru, a rota era descer até o Oceano Índico, passando por países da Ásia e África, depois Oceano Atlântico até a chegada ao Brasil. O Sr. Hirokichi passou pela África que é o terceiro continente mais extenso (só perde para Ásia e para América), e sendo o segundo continente mais populoso da Terra (atrás também da Ásia). Apresenta grande diversidade étnica, cultural, social e política. Passando e parando em vários lugares, pela descrição das entrevistas fala que ele chegou a andar de trem na África do Sul. Hirokichi Yamaguchi saiu do Japão com apenas 19 anos de idade, chegando em julho de 1932, figura 04.

---

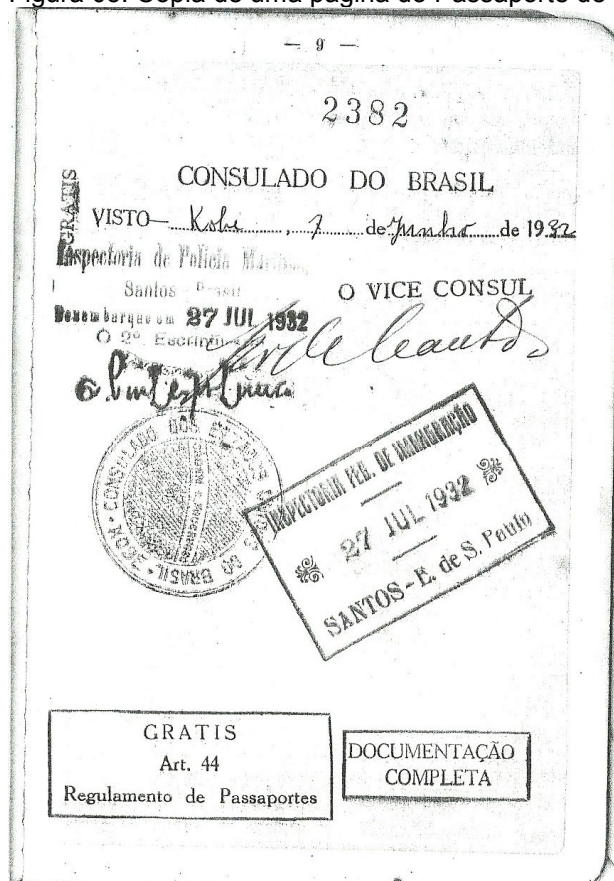
<sup>61</sup> Eram soldado da aristocracia (ricos) do Japão entre 1100 a 1867. Com a restauração Meiji a sua era, já em declínio, chegou ao fim. Suas principais características eram: a grande disciplina, a lealdade e a grande habilidade com a espada katana.

<sup>62</sup> Lugar de registro de imóveis, pessoas, entre outros serviços.

<sup>63</sup> ATLAS, 2005.

A figura apresenta a Cédula de Identidade para Estrangeiros de Hirokichi Yamaguchi, ao qual mostra além do número como fosse a Cédula de Identidade de um brasileiro nato, tem a nacionalidade, a classificação, a validade e a data de entrada de entrada no país, respectivamente escrito, Japão, permanente, com validade até 1º de janeiro de 1991 e a entrada em 27 de julho de 1932. Assim quando a validade vencia tinha que tirar outra ou renovar no Órgão responsável de Identificação. Lembrando que o documento oferece uma informação relevante a de que ele renovou sua identificação um ano antes da sua morte, que ocorreu em 1988. Mais ou menos em torno de 4 em 4 anos precisava de renovação.

Figura 03. Cópia de uma página do Passaporte de Hirokichi Yamaguchi.



Fonte: Acervo da Família Yamaguchi, 1932.

Essa documentação conseguida com um dos filhos de Hirokichi e Teruko Yamaguchi, Tatu Yamaguchi, traz assinaturas e carimbos importantes para nosso conhecimento: data de entrada, que a documentação estava

completa (senão ficava retido), o embarque no Porto de Kobe e desembarque aqui na cidade de Santos – São Paulo.

Ao chegar aqui no Brasil, Hirokichi Yamaguchi foi trabalhar na roça, conforme o acordo feito antes da partida do Japão com a Companhia de Imigração, ao qual não podia ser desfeita até o seu cumprimento. Quando conseguiu realizar o pagamento da viagem e tudo mais de dívidas incluídas para a Companhia de Imigração, ele saiu da fazenda de café.

Figura 04. Cédula de Identidade de Estrangeiro de Hirokichi Yamaguchi.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL			
CÉDULA DE IDENTIDADE DE ESTRANGEIRO			
REN	CLASSIFICAÇÃO	VALIDADE	
W174879-B	PERMANENTE	01/01/91	
NOME HIROKICHI YAMAGUCHI			
FILIAÇÃO INOTARO YAMAGUCHI KESA YAMAGUCHI			
NACIONALIDADE PAÍS	DATA DE NASCIMENTO		SEXO
JAPÃO	01/01/1913		M
NACIONALIDADE PAÍS	DATA DE ENTRADA		
JAPÃO	27/07/32		
N.º DA CARTILHA	VIA	DIREÇÃO DE PASSAGENS	
1023522	1	SE/DRMAF 21/09/87	
ASSINATURA DO PERIÓDICO <i>Hirokichi Yamaguchi</i>			

Fonte: Acervo da Família Yamaguchi, 1987.

Sabemos que há poucas informações a respeito desse trabalho na fazenda e proporcional também o que ocorreu depois. Tatu Yamaguchi informa que ele trabalhou na fazenda, depois casou e foi trabalhar na Granja Comari, em Teresópolis, Estado do Rio de Janeiro, mas não tem certeza. Hirokichi Yamaguchi não falava muito sobre esse assunto com os filhos, por isso a falta de precisão dessas informações.

Através das fontes históricas iconográficas, percebemos duas fotografias com datas de um ano depois de sua chegada já na frente de uma escola (Figura 05) e outra junto com alguns homens na cidade de Presidente Prudente (Figura 06). A imagem da escola não apresenta o nome da cidade onde ele lecionava, há uma legenda atrás descrevendo quem é quem na fotografia, mas está em japonês.

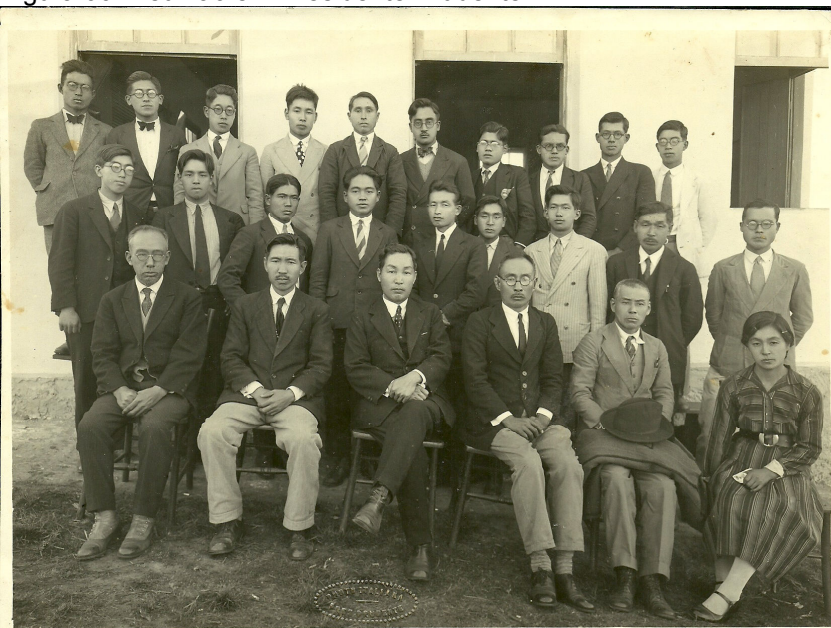
Já a imagem de Hirokichi Yamaguchi em Presidente Prudente, poderia ser de uma reunião, provavelmente a respeito da escola japonesa. Vemos que há na foto uma só mulher no canto direito, o restante são 24 (vinte e quatro) homens. Através das entrevistas, não souberam responder o que o Sr. Hirokichi estaria fazendo em Presidente Prudente, ainda mais com essas pessoas.

Figura 05. Escola infantil em uma colônia japonesa.



Fonte: Acervo da Família Yamaguchi, 1933.

Figura 06. Reunião em Presidente Prudente.



Fonte: Acervo da Família Yamaguchi, 1933.

Portanto, ao descrever a trajetória da vinda da Família Tawada e da Família Yamaguchi do Japão para o Brasil, pretendemos mostrar suas vidas separadas para a seguir mostrar como se deu a relação entre essas duas famílias estudadas.

### **2.3. Casamento: o surgimento da Família Yamaguchi**

Neste texto veremos como se deu a união dessas duas famílias de imigrantes japoneses, que vieram de partes diferentes do Japão, tiveram caminhos distintos em suas viagens e que acabaram se encontrando aqui no Brasil. Através de documentos históricos, recompor essas trajetórias de vidas.

O artigo “Casamento, Sacramento ou contrato civil?” faz considerações sobre a questão do casamento civil no Brasil, cita que até um ano após a abolição da escravatura (1889) a Igreja e o Estado estavam juntas, não havia distinção. Assim a responsabilidade de promover os casamentos ou contratos civis era da Igreja Católica. Traz a problemática se o casamento pode ser considerado como um ato religioso ou um contrato civil, buscando através de informações obtidas no Código Civil Brasileiro. Observa que a mulher é tratada com submissão ou quase sem nenhum direito, a partir de base na lei ao qual

*A questão em torno da incapacidade jurídica da mulher casada apontava para elementos muito significativos na forma como a sociedade encarava a mulher e sua posição na relação conjugal. A lei reduzia os espaços de ação da mulher fora da esfera do lar, ou seja, dificultava sua inserção no espaço oficial, público e masculino<sup>64</sup>.*

Este pensamento sobre a mulher e seus direitos se apresenta no Código Civil discutido em 1890 e só sancionado em 1916. As mulheres tinham no lar suas obrigações, segurança e conforto, para harmonia da família, quando criança aprendia que a mulher precisava saber cuidar da casa, do marido e depois dos filhos. Ela passava da responsabilidade do pai para o marido.

Só para constar que os livros de registros das paróquias das Igrejas também apresentam dados de registros de batizados e falecimentos, tanto de famílias ilustres como de escravos, fato constatado numa pesquisa realizada juntamente com a professora de graduação da Universidade Estadual de Ponta

---

<sup>64</sup> BORELLI, 2004, p. 4.

Grossa, Cirlei Francisca Gomes Carneiro<sup>65</sup>, no ano de 2006, do Projeto “Memória Visual e História”.

O assunto sobre casamento entra na questão da formação da família no Brasil, tendo o sentido de que “a família, portanto, seria o resultado do estabelecimento ordenado de relações entre os indivíduos que formam o grupo humano”<sup>66</sup>. Observamos que a citação nos ressalva que a união pelo casamento de pessoas de uma mesma sociedade e famílias diferentes formam uma terceira família e assim vai criando formações ou redes humanas.

Analisando a conversa com Tiekko Tawada Onishi, irmã de Teruko Yamaguchi, ela nos informa que a formação do grupo humano chamado de família ou casamento foi arranjada por um “miay”, que significa casamenteiro, entre a sua irmã (citada acima) com o Sr. Hirokichi Yamaguchi. Conta que passando pela região rural da cidade de Ribeirão Preto<sup>67</sup> onde moravam a Família Tawada, Hirokichi ao cruzar um armazém de beira de estrada, foi informado que na região havia muitas moças com idade para casar. Há uma outra versão dizendo que o “miay” foi feito pelo Sr. Américo Abe (vai ser trabalhado no 3º capítulo sobre amizades), amigo e depois padrinho de uma das filhas do patriarca da família. Então com este conflito de informações se deu o encontro desses dois imigrantes japoneses, ao qual não deixou claro se ele estava a procura de esposa ou pela simples ocasião oportuna.

Sobre o contato entre as famílias, como são de origem japonesa trazem da sua própria cultura todos os significados desses rituais de passagem, “o casamento no Japão é, sem dúvida, um contrato entre famílias e o livrar-se dessas obrigações contratuais para com a outra família, durante toda a vida, constitui ‘trabalhar para o giri’”<sup>68</sup>. A expressão significa que a família não tem obrigação com a outra, mas tem que zelar pela boa reputação pois o sobrenome da família é sagrado, se manchar vai ter problema em dizer que a sua esposa é de tal família. Não é uma obrigação igual o ‘on’ do imperador, só uma relação de respeito para ser respeitado<sup>69</sup>.

---

<sup>65</sup> CARNEIRO, 2002.

<sup>66</sup> BORELLI, 2004, p. 2.

<sup>67</sup> Região conhecida como Mogiana.

<sup>68</sup> BENEDICT, 2009, p. 117.

<sup>69</sup> Idem, 2009.

Ainda, o tratado sobre o casamento entre as famílias ou o encontro dos interessados se deu no ano de 1937 e o próprio casamento no Consulado foi em 1938 (figura 07). Esse documento do Consulado não é a Certidão Original de casamento, uma vez que com certeza estava sob posse do casal e não foi encontrada. Essa cópia foi produzida, pois os descendentes da família Yamaguchi precisaram para comprovar a descendência japonesa para tirar o visto de trabalho no Japão como dekasseguis<sup>70</sup>, voltando à terra de seus antepassados, que será trabalhado no próximo capítulo.

Figura 07. Certidão de Casamento feito no Consulado do Japão em Curitiba.

CONSULADO DO JAPÃO  
CURITIBA

KEN  
TRADU  
MAT. J. I  
CPF  
CURIT

N.º C-216

**CERTIDÃO DE CASAMENTO**

O Consol do Japão em Curitiba, revendo o arquivo deste Consulado, CERTIFICA de constar o casamento realizado no dia 07 de Setembro de 1938 no Japão, entre:

O Contraente: Nome: HIROKICHI YAMAGUCHI  
Naturalidade: FUKUSHIMA-KEN  
Data de Nascimento: 01 de Janeiro de 1913  
Filiação: Pai Inotaro Yamaguchi  
Mãe Kesa Yamaguchi

A Contraente: Nome: TERUKO YAMAGUCHI  
Naturalidade: FUKUSHIMA-KEN  
Data de Nascimento: 13 de Novembro de 1919  
Filiação: Pai Rokusaburo Tawada  
Mãe Yae Tawada

Sobrenome Adotado pelo Casal: YAMAGUCHI,-

Observações: -

AUTENTICAÇÃO  
CONFERE COM O DOCUMENTO  
APRESENTADO COM FÉ  
CURITIBA  
18 JAN 1994  
MARIANO DE OLIVEIRA  
Membro do Conselho de Administração

LABELIONATO "FERREIRA"  
8.º OFÍCIO Nada mais além do que acima consta, passa a presente certidão.  
Curtiba, 07 de Fevereiro de 1975.

SHIZUYA KAIU  
SHIZUYA KAIU  
CONSULADO DO JAPÃO  
CURITIBA

LABELIONATO "FERREIRA"  
8.º OFÍCIO  
Sra. CEZAR REAS FERREIRA  
CPF: 00029229  
TABELIONO  
LEA ALBERTI G. FERREIRA  
OFICIAL PUBLICO  
ESCA. AUTORIZADO  
REPUBLICA FEDERAL DO BRASIL

Fonte: Arquivo da Família Yamaguchi, Cópia de 1975 com autenticação em 1994.

O documento apresenta muitos dados referentes as famílias Tawada e Yamaguchi, com algumas ressalvas. Analisando essa fonte histórica podemos observar informações relevantes para este trabalho, começando com os dados pessoais. Os descendentes não conseguiram me dizer nas entrevistas orais como se escrevia os nomes da filiação do casal em questão: Inotaro e Kesa

<sup>70</sup> Significado literal "trabalhando distante de casa", tanto faz japoneses no Brasil, quanto brasileiros no Japão. GALIMBERTTI, 2002.

Yamaguchi são pais de Hirokichi Yamaguchi (residentes no Japão); e Rokusaburo e Yae Tawada são pais de Teruko Yamaguchi (residentes no Brasil, vieram toda a família). Percebemos que a data desse enlace se deu em um feriado nacional, 07 de setembro de 1938, será que o Consulado do Japão funcionava em feriados nacionais brasileiros, ou será que foi um caso a parte, pois os membros do casamento só poderiam se casar essa data por conta de compromissos de trabalho. Esses dados não foram informados pelos entrevistados e ficaram, infelizmente, sem resposta.

Entre as ressalvas, aparece que as duas famílias vieram da província de Fukushima, mas como já havia dito, a Família Tawada veio de Hokkaido e o indivíduo da Yamaguchi chegou de Fukushima, onde este último está certo. Não saberei dizer o porquê desse erro do Consulado. Pode ser que a Família Tawada possa ter passado por essa província em busca de trabalho, antes de embarcar no Porto de Osaka pro Brasil.

A fotografia do casamento de Hirokichi Yamaguchi e Teruko Tawada (figura 08) tem as suas especificidades, porque não apresenta a mesma característica das fotografias de casamento de hoje. A questão da roupa da noiva que desde certo tempo, cerca de 1910, foi mistificada pela cor branca e véu, por primeiro com o signo de riqueza e mais tarde pureza, nessa fotografia foi substituída pela 'melhor roupa que se tinha na época'<sup>71 72</sup>.

O livro "Retratos de Família"<sup>73</sup> trabalha com a pesquisa sobre fotografia e ensina como o historiador deve se portar ao deparar com esta fonte iconográfica. Nessa época que vivemos as imagens e informações são passadas muito rapidamente pelos meios eletrônicos que banalizou a compreensão desse tipo de fonte. Mas o historiador pode sim resgatar um momento e dialogar com as fotografias para compor a história presentes nelas, como por exemplo, recuperar a história de família, ao qual ela mostra em seu trabalho.

As fotografias permitem ao pesquisador ou historiador revelar as entrelinhas da história contada, mesmo estando diretamente mostrada na

---

<sup>71</sup> TIEKO, 2010.

<sup>72</sup> MANSO, 2010.

<sup>73</sup> LEITE, 2001.

imagem devemos buscar uma significação para constituir também um estudo sobre os elementos de produção e contextualização no momento da produção. A autora Miriam Moreira Leite mostra passo a passo como com o formato, tamanho, nitidez, enquadramento, e também indumentárias, objetos e expressões de tecnologia revela comportamentos e representações.

Figura 08. Fotografia do Casamento de Hirokichi Yamaguchi e Teruko Tawada.



Fonte: Álbum de fotografia da Família Yamaguchi. 1939.

O livro é dividido em vários capítulos, são oito ao todo, que falam da imagem através das palavras (como analisar a fotografia), duas que falam da família e a fotografia familiar, sobre esta fonte dentro da história e outro nas ciências sociais, sobre fotos de casamento, o imaginário por trás das fotografias e seus contextos, mais a conclusão.

Voltando ao casamento de Hirokichi e Teruko Yamaguchi, onde fizeram o acordo entre as famílias, como rito de passagem a tradição cultural japonesa

diz e também prova com a certidão do Consulado Japonês, que a esposa passa da tutela do pai para a do marido, simbolizando que é

*um dos principais ritos de passagem, o casamento encontra-se em quase todas as sociedades e simboliza uma alteração irreversível da situação social do casal que, proveniente de duas famílias ou de dois ramos da família, une-se para formar uma terceira. Em grande parte, o casamento está mais ligado à passagem da moça donzela a esposa e anjo tutelar de nova linhagem. Em muitas sociedades, o casamento corresponde à passagem à maturidade, à vida adulta da mulher<sup>74</sup>.*

Assim, podemos iniciar a trajetória e o cotidiano dessa família imigrante que se uniu para lutar juntos por um futuro melhor. A partir da união desses japoneses a família cresceu e se desenvolveu por regiões do Brasil, passando a atuar economicamente nesses lugares.

#### **2.4. Família: filhos, perseguição e muito trabalho**

Veremos aqui o caminho percorrido pela Família Yamaguchi nas questões do nascimento e criação dos filhos, mudanças de cidades e estados, troca de economia de sobrevivência, perseguição e como é que conseguiram passar por tudo isso com otimismo e alegria. Trazer a memória dessa família imigrante como um exemplar de vivência em terras estranhas, mas fazer com que essa memória seja um patrimônio de domínio público.

Depois do casamento, Hirokichi e Teruko Yamaguchi foram convidados a trabalhar na cidade de Teresópolis, região serrana do Rio de Janeiro, numa granja bem conhecida atualmente, a Granja Comary. Por muito tempo foi o campo de treinamento da Seleção Brasileira de Futebol Masculino. A Granja recebe turistas pela bela paisagem por conta do Lago Comary (artificial), os picos da Serra dos Órgãos, incluído o Dedo de Deus, que é um cartão postal do Município de Teresópolis.

Na época que o casal japonês chegou, ela era uma granja de produção de ovos e galinhas. O sr. Hirokichi era encarregado geral, “tipo um capataz, gerente, coisa assim”<sup>75</sup>. Foi neste lugar que nasceu o primeiro filho do casal,

---

<sup>74</sup> LEITE, 2001, p. 111.

<sup>75</sup> Kazuo Yamaguchi, 2011.

Tatuo Yamaguchi, em 12 de setembro de 1940, o primogênito da Família Yamaguchi, figura 09.

A fotografia apresenta marcas do tempo, foi tirada em casa na cidade de Teresópolis, Teruko Yamaguchi sentada na cadeira com o seu primeiro filho Tatuo, com 3 (três) meses e meio. A imagem foi feita por um fotógrafo, pois as famílias dessa época (1940) ainda não tinham máquinas fotográficas, pois o custo era alto. Além disso, o fotógrafo que produz a foto da família é um membro de fora desse ramo familiar, que mesmo fora induz a pose melhor e mexe na rotina desta. Portanto, “percebe-se que este personagem – o fotógrafo – estranho ao círculo familiar interfere nele na hora da retratação, por se tratarem de cenas arranjadas e coordenadas por ele, com objetivo de melhor representar a família”<sup>76</sup>.

Figura 09. Teruko Yamaguchi segurando o Primogênito Tatuo.



Fonte: Álbum de Fotografia “Meu Filho”. 29 de dezembro de 1940.

Tudo tranquilo até que a Segunda Guerra Mundial tirar o sossego dos imigrantes japoneses, alemães e italianos, por conta de serem contrários aos

---

<sup>76</sup> SANTOS, 2009, p. 32.

Aliados que o Brasil apoiou. Hirokichi e Teruko Yamaguchi tiveram que sair da granja por conta de perseguições ou mesmo vistorias da polícia, foram “aconselhados a deixar o Estado do Rio de Janeiro e refugiar no interior de São Paulo, na cidade de Ribeirão Preto”<sup>77</sup>. Quem deu esse recado foi um chefe e colega da granja, para que eles fossem junto da família Tawada, pois no interior as exigências (papel do salvo conduto<sup>78</sup>) contra os imigrantes do Eixo eram menores.

Assim todos os planos de prosperar no Brasil se tornaram um pesadelo. Perseguidos e discriminados, muitos não queriam mais ficar no país, mas como não tinham condições de volta ao Japão, ficaram em situação de abandono. A Família Yamaguchi foi morar em Ribeirão Preto, onde nasceu o segundo filho do casal, em 24 de fevereiro de 1943, Norio (Figura 10). Não há relatos sobre o que fizeram para sobreviver no interior paulista, mas com certeza perto da família de Teruko, eles encontraram alguma atividade. A cidade de Ribeirão Preto fica na região conhecida como “Mogiana”, ao qual produzia a muitos anos o produto brasileiro de exportação: o café.

A fotografia dos irmãos Tatu e Norio Yamaguchi, respectivamente, um de 3 (três) anos e outro de 6 (seis) meses, foi tirada no Estúdio Cantarelli, impresso em alto relevo na própria foto. Os irmãos estão sentados num banco, Tatu está vestido com bermuda e camisa de gola e Norio (menor) está com um vestido, comum na época não só para meninas, mas também para meninos. Não apresenta mais nada de significativo no fundo da cena.

Mais tarde, por conta sempre de “procurar melhores condições de trabalho”<sup>79</sup>, a família Yamaguchi novamente se muda, agora para o Estado do Paraná, em Arapongas. Cidade do Norte Pioneiro paranaense, na época que a família se mudou era ainda um vilarejo. Tendo muitos imigrantes japoneses que migraram para as plantações de café também cultivadas nessa região.

---

<sup>77</sup> Tatu Yamaguchi, 2009.

<sup>78</sup> Salvo-conduto é um documento emitido por autoridades de um Estado que permite a seu portador transitar por um determinado território. O trânsito pode ocorrer de forma livre ou sob escolta policial ou militar. Os salvo-condutos são emitidos principalmente em tempos de guerra para cidadãos que potencialmente possam ser capturados sob alegação de diversos motivos.

<sup>79</sup> Idem.

Antes de virar cidade, ela pertencia ao município de Londrina<sup>80</sup>. Foi quando nasceu a primeira filha (terceiro na contagem geral), Maria Miti, em 19 de março de 1945, ainda época de guerra. Ali o Sr. Hirokichi trabalhou como contador num armazém da Cooperativa, figura 11.

Figura 10. Tatu e Norio Yamaguchi.



Fonte: Álbum de Fotografia “Meu Filho”. 12 de setembro de 1943.

Figura 11. Armazém da Cooperativa.



Fonte: Álbum de fotografia da Família Yamaguchi. 1947.

<sup>80</sup> Todas as cidades citadas no trabalho foram pesquisadas no livro “Municípios Paranaenses”, de João Carlos Vicente Ferreira, 2006.

Fotografia da frente do Armazém Regional da Cooperativa Agrícola Mista de Londrina, da esquerda para direita a terceira pessoa é o Sr. Hirokichi Yamaguchi. Os restantes das pessoas não foram descritas no álbum nem mesmo pelos descendentes pela entrevista. Eles estão ao lado de um carro Vauxhall 12 que deveria ser do dono da cooperativa e do caminhão Chevrolet Gigante 46 6 Cilindros, ao qual faziam o transporte do armazém.

Em 12 de agosto de 1947, já na cidade de Marialva (figura 12), no Paraná, nasceu a segunda filha do casal Satie e mais dois anos depois, nasce o terceiro filho Kazuo Yamaguchi na mesma cidade. Entre as cidades de Mandaguari e Maringá, tem seu nome por causa de um Marques Português<sup>81</sup>, e seu principal patrimônio é um trecho do “Caminho do Peabiru”<sup>82</sup>. Com suas terras roxas e clima subtropical desenvolveu bem a plantação do principal produto de exportação do Brasil: o café. Nesta região de fazendas funcionava escola, onde trabalhou o Sr. Hirokichi. A fotografia apresenta um vista aérea da cidade de Marialva, envolto por plantações, cafezais e o produto mais plantado é a uva, com cachos bem grandes.

Mudaram-se novamente, agora para cidade vizinha chamada Floresta, que teve seu período de colonização e comercialização de terras com o surto da expansão cafeeira na região. Muitas pessoas vieram de São Paulo povoar a comarca, ali nasceu mais uma filha, Seica Yamaguchi. O Sr. Hirokichi Yamaguchi tentou um novo ramo econômico, Posto de Gasolina (figura 13). A marca do produto vendido é conhecida mundialmente ESSO, o posto na fotografia fica perto das casas da região, há somente uma bomba de abastecimento e um prédio de escritório. Na fotografia aparecem dois meninos (não identificados), o Sr. Hirokichi encostado no prédio perto de uma bicicleta e um empregado do posto (sem nomeação).

---

<sup>81</sup> É uma homenagem ao Marques de Marialva “D. Pedro de Alcântara Menezes”, cavaleiro português, nascido em 1711 e falecido em 1799.

<sup>82</sup> Muitos eram os caminhos utilizados pelos povos sul-americanos antes de o Brasil ser colonizado pelos europeus. Um dos mais conhecidos e discutidos pelos historiadores é o Caminho de Peabiru, que ligava a então Capitania de São Vicente (interior de São Paulo) à cidade de Cusco, no Peru. A trilha estendia-se por aproximadamente três mil quilômetros e também cortava Paraná, Bolívia e Paraguai. Peabiru é uma palavra da língua tupi-guarani, “pe” significa caminho e “abiru”, gramado amassado.

Figura 12. Vista Aérea da cidade de Marialva - Paraná.



Fonte: Álbum de Fotografia da Família Yamaguchi. Década de 1940.

Figura 13. Posto de Gasolina.



Fonte: Álbum de Fotografia da Família Yamaguchi. 1954.

Agora com a atividade ainda escolar (figura 14), foram para Maringá, ainda no Paraná, cidade planejada pela empresa Companhia de Melhoramentos do Norte do Paraná. Ela foi desmembrada da cidade de Mandaguari, hoje a cidade mais arborizada do Brasil e também a que tem mais descendentes de imigrantes japoneses no Paraná. Foi onde nasceu Tocica Yamaguchi.

Figura 14. Escola no interior de Marialva - Paraná.



Fonte: Álbum de Fotografia da Família Yamaguchi. 24 de novembro de 1949.

Vista da escola localizada na zona rural de Marialva, no Estado do Paraná, o professor Hirokichi Yamaguchi ao centro, sempre bem vestido com terno e gravata, junto de seus 53 (cinquenta e três) alunos, todos uniformizados e descendentes de japoneses. A escola feita de madeira e todo o pátio de chão batido, ficava junto a uma colônia de imigrantes japoneses da região.

O último filho nasce no Estado de São Paulo, cidade de Piracaia, região de Bragança Paulista. A família voltou ao Estado paulista para trabalhar novamente numa granja (figura 15). Aqui percebemos que os filhos já estão grandes e ajudam na produção de ovos e frangos. A Sra. Teruko Yamaguchi deixa de ser somente dona de casa pra trabalhar junto do marido, ela “teve mais liberdade né, abriu mais a mente”<sup>83</sup>.

Aparecem na imagem fotográfica a casa da granja rústica feita de barro coberto de madeira e telha e os membros da Família Yamaguchi todos com roupas de serviço: da esquerda para direita, Norio, Teruko, Fumio (sobrinho de Hirokichi), Hirokichi, Miti, Satie e Tatu. Esses indivíduos trabalhavam e ajudavam na renda familiar, os demais que não aparecem na fotografia eram as crianças.

---

<sup>83</sup> Kazuo Yamaguchi, 2011.

Figura 15. Família Yamaguchi na Granja em Piracaia – São Paulo.



Fonte: Álbum de Fotografia da Família Yamaguchi. 1963.

Todos os serviços da granja eram feitos pelos membros da família (figura 16), eles faziam desde os galinheiros, separadores de ovos, arrumavam as construções, todos os serviços, pois o Sr. Hirokichi tinha o saber “saber fazer” que passou para os seus descendentes.

Figura 16. Hirokichi e Tatu Yamaguchi fazendo obra na Granja em Piracaia.



Fonte: Álbum de Fotografia da Família Yamaguchi. 20 de julho de 1962.

A fotografia mostra o Sr. Hirokichi e Tatu Yamaguchi fazendo um buraco envolta da construção de pau a pique, alguns materiais aparecem ao fundo e o carrinho de mão. Parece que estão fazendo um sistema de drenagem, pode ser da própria casa ou do galinheiro.

Por tanto, a família Yamaguchi percorreu grande quantidade de quilômetros atrás do sonho de transformar suas vidas, sempre com muito trabalho. Apesar de tanta mudança desde a chegada aqui no Brasil, os imigrantes lutaram para serem reconhecidos na sociedade em que vivem. Quando saíram da cidade de Piracaia (São Paulo) voltando ao Paraná, agora em Curitiba, na década de 1960, esperavam mais prosperidade e educação para os filhos, mas uma tragédia familiar aconteceu.

### ***2.5. Acidente: morte de membros da Família Yamaguchi***

A Família Yamaguchi ao passar por muitas cidades, resolveram morar em Curitiba, por conta que o filho mais velho, Tatu Yamaguchi, quis abrir uma oficina mecânica, isso no ano de 1964. Seria uma oportunidade dos filhos estudarem em colégios melhores e ainda mais tarde poder fazer um bom curso técnico. Além desse desejo, o Sr. Hirokichi chegou a montar também uma Pensão<sup>84</sup> no centro da capital paranaense. Neste espaço localizado na Rua XV de Novembro<sup>85</sup>, hoje lugar de destaque na cidade, a pensão recebia muitas pessoas, principalmente estudantes da Universidade Federal do Paraná, que ficava nas proximidades. Neste espaço familiar foi que ocorreu o acidente com as filhas mais novas Tocica e Seika Yamaguchi, com 7 e 10 anos, respectivamente.

O jornal Última Hora com sede em São Paulo, com sucursal em Curitiba, noticiou no dia 07 de maio de 1964 o acidente envolvendo as duas filhas do casal Hirokichi e Teruko Yamaguchi, sendo que uma morreu ao chegar no Hospital e a outra ficou hospitalizada por um tempo (figura 17). Há na escrita

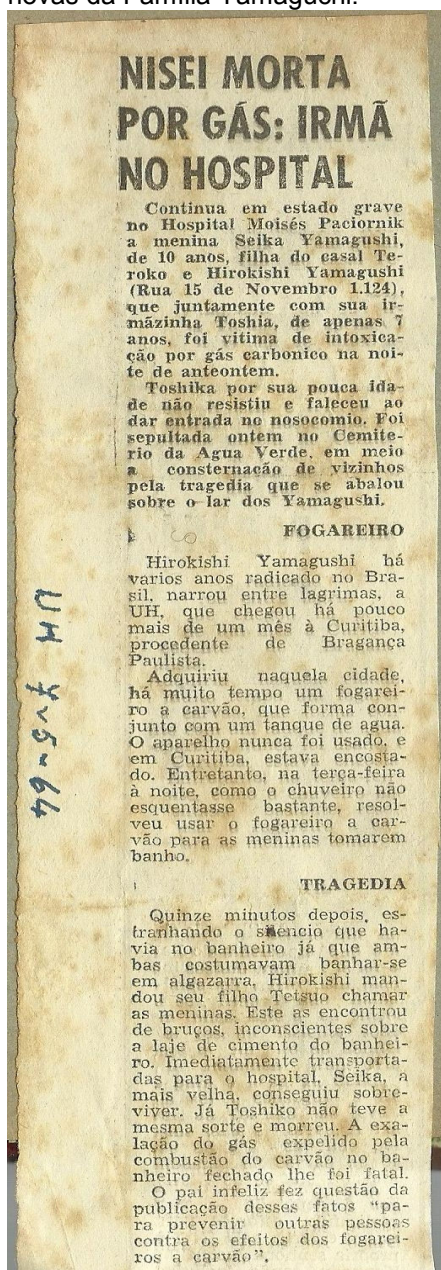
---

<sup>84</sup> Casa de acolhimento de pessoas para morar ou dormir por um período com o pagamento deste.

<sup>85</sup> Rua XV de Novembro em Curitiba – Paraná tem um calçadão chamado de Rua das Flores por conta de floeiras ao longo da via. A casa da Família Yamaguchi não existe mais, hoje se encontra um estacionamento de supermercado.

da informação erros na grafia do nome de Tocica, sobrenome da família e nome do patriarca, ao qual deu a entrevista para o jornal, acontecendo a falha. Ao informar sobre o acidente, Hirokichi Yamaguchi quis dar um alerta a respeito este tipo de aquecimento rústico em banheiros para que todos tivessem atenção durante esse processo de queima do carvão em locais fechados, pois poderia resultar em morte.

Figura 17. Notícia do Jornal Última Hora de Curitiba a respeito do acidente com as filhas mais novas da Família Yamaguchi.



Fonte: Álbum de Lembrança de Tocica Yamaguchi. 7 de maio de 1964.

Foi montado posteriormente a morte de Tocica Yamaguchi um álbum de fotografias dedicados a lembranças dela, por exemplo, onde morou, fotos da infância curta e com os familiares. As legendas (figuras 18 e 19) deste álbum de recordações refere-se as informações escritas pelo pai da família Yamaguchi, como lembranças de momentos felizes e ao final aparece fotografia do túmulo, do Hospital, da Escola e o recorte das três notícias da morte e do acidente publicadas em jornais de idioma japonês, além de português. Os álbuns de fotografias da Família Yamaguchi se apresenta como fontes de relevância para este trabalho, assim

*Para o historiador, os sinais de vida latente congelados numa fotografia são índices do mundo do passado que se busca compreender e podem se transformar em testemunho e representação de uma realidade a ser reconstruída. Por isso, antes de mais nada, constituem um problema para o conhecimento histórico. (LEITE, 2001, p. 11)*

Figura 18. Capa do Álbum de Lembranças de Tocica Yamaguchi.



Fonte: Acervo de Fabiana Emi Yamaguchi, 2011.

Figura 19. Uma página do Álbum de Lembranças de Tocica Yamaguchi.



Fonte: Álbum da Família Yamaguchi, 1964.

O acontecimento pode ser percebido em meio ao cotidiano da família, era dia de semana como informa o irmão das meninas Kazuo Yamaguchi: “Eu lembro que estava na escola, quando voltei da escola tive a notícia do que aconteceu, ai fui pro hospital e conversei com a minha irmã, ela falou que me reconheceu, ela só queixava de dor de cabeça”. Trazer o cotidiano desta família imigrante japonesa que passou por divergências e vivências diferenciadas fazem parte de uma memória reconstruída a partir dessas entrevistas orais e juntamente com a fotografia. Le Goff em seu estudo mostra a distinção entre se escrever cientificamente a história e como escrever o cotidiano,

*No seio do quotidiano há uma realidade que se manifesta de forma completamente diferente do que acontece nas outras perspectivas da história: a memória. A grande história é dividida por comemorações, a história do quotidiano revela-nos o sentimento de duração, nas colectividades e nos indivíduos, o sentimento daquilo que muda, bem como o daquilo que permanece, a própria percepção da história, pois cabe ao historiador fazer desse dado, o vivido quotidiano da história, um objecto científico. (1994, p. 95)*

Foi Seica Yamaguchi a irmã que conversou com o entrevistado que passou por diversas dificuldades de fala e motora em sua vida por conta deste

acidente (figura 20), vivendo seus últimos anos<sup>86</sup> internada com cuidados especiais na Clínica Esperança<sup>87</sup>, sem reconhecer ninguém da família. A fotografia (figura 21) mostra a Seica com sua família na frente de casa em Curitiba, não sendo a casa onde ocorreu o acidente com ela e sua irmã.

Figura 20. Teruko e Seica Yamaguchi. Na cozinha da casa, em Curitiba.



Fonte: Álbum de Fotografias da Família Yamaguchi, 1965.

Figura 21. Teruko (mãe), Hirokichi (pai), Seica, Marli (cunhada) e Kazuo (irmão), fotografia tirada na frente da casa da Família Yamaguchi, Bairro Uberaba, Curitiba – Paraná.



Fonte: Álbum de Fotografias da Família Yamaguchi, 1980.

<sup>86</sup> Viveu desde o acidente em 1964 até 1993 (morte).

<sup>87</sup> Clínica Esperança cuidava de vários tipos de pacientes em estado vegetativo, doenças terminais e com problemas psiquiátricos.

Dentro do álbum de família, ao final junto as notícias do acidente, aparece uma letra de música escrita pelo pai de Tocica, Hirokichi Yamaguchi, por ele ser intelectual, gostava muito de música e cantoria, assim por conta da perda de sua filha mais nova<sup>88</sup>, resolveu fazer uma homenagem a ela, figura 22, a canção em sua tradução significa “Flor vermelha”. Não foi possível o restante da tradução pela dificuldade de entendimento do vocabulário em Kanji<sup>89</sup>, um dos três alfabetos japoneses. Ao olhar essa fonte histórica percebesse o cuidado do senhor Hirokichi em escrever e colocar a melodia em papel especial de música.

No mesmo jornal há muitas notícias de importância para o país, na primeira página tem a notícia que o Estado de Sítio vai sair em dois dias, pois no ano de 1964 o país estava passando por mudanças sendo que o presidente João Goulart (Jango) estava no poder, mas com pressão de muitos para sair, principalmente pelos militares. Alguns meses depois do acontecimento, houve o golpe militar no Brasil, sendo que este sistema permaneceu até o ano de 1985.

Figura 22. Letra da música em homenagem a Tocica Yamaguchi, escrita por Hirokichi Yamaguchi.



Fonte: Álbum da Família Yamaguchi, 1964.

<sup>88</sup> De filha mulher, Tocica era a última ou quarta. Na ordem total de filhos ela era a penúltima filha, restando Tomio que era o caçula.

<sup>89</sup> Os kanji são caracteres da língua japonesa com origem de caracteres chineses, da época da Dinastia Han, que se utilizam para escrever japonês junto com os caracteres silabários katakana e hiragana.

Durante a entrevista com Satie Yamaguchi, perguntei a respeito desse período e se o patriarca que sempre estava informado com as notícias da região e também do Brasil, se ele apoiava ou desaprovava o governo nacional dirigida pelos militares, com restrições e censura. A resposta foi a seguinte: “ele [Sr. Hirokichi Yamaguchi] gostava das coisas certinhas, com certeza gostava”<sup>90</sup>. Com os filhos pouco falava sobre os problemas do país, pois os filhos estavam na escola boa parte do tempo, ou fazendo afazeres de casa; e ele sempre tinha tarefas da pensão, ou da oficina pra fazer.

Décadas depois desse acidente com as filhas Tocica e Seica Yamaguchi, a família passa por outro acontecimento de grande tristeza: a morte do Patriarca Hirokichi Yamaguchi.

## **2.6. Suicídio: Morte do Patriarca**

De tudo que se passou com a Família Yamaguchi desde a chegada ao Brasil, a união com a Família Tawada, o nascimento dos filhos e o acidente com as filhas, os membros estavam felizes lutando para vencer na vida, tendo encontros e visitas constantes aos familiares, mas outro caso marcou com mais intensidade os descendentes.

Na obra de Émile Durkheim “O Suicídio” que é uma questão tão polêmica entre a sociedade ocidental, pois na oriental é muito comum. O autor trabalha com o conceito de suicídio, mostrando que não podemos generalizar chamando o suicidado de alucinado nesse tipo de morte, porque ele teve a sua razão. O suicídio pode ser realizado por três causas levantadas pelo sociólogo: o egoísta em que o indivíduo quer se afastar das pessoas; o altruísta que é aquele que abraça uma causa e morre por ela; e por último, o anômico que significa que a crença do mundo com seus valores e regras desmoronam em torno de si. Durkheim ainda apresenta algumas perguntas em relação a esse assunto

*Diremos então que só existe suicídio se o ato de que a morte resulta tiver sido perpetrado pela vítima com vistas a esse resultado? Que só se mata verdadeiramente aquele que se deseja a morte e que o suicídio é um homicídio intencional de si próprio? (...) Como saber*

---

<sup>90</sup> Satie Yamaguchi, 2012.

*que móbil determinou o agente, como saber se, ao tomar a sua resolução, desejava efetivamente a morte, ou tinha outro fim em vista?*<sup>91</sup>

Os pontos destacados pelo autor no leva a pensar que será que o suicídio é um ato pensado ou um ato impulsivo de momento, será que a pessoa sabe que vai dar certo ou errado, e será que ele deseja esse fim ou tenta mostrar algo através dele.

Trazendo a questão para dentro da Família Yamaguchi, o patriarca Hirokichi foi “vítima” desse ato, que pregou susto nos membros familiares no ano de 1988. Ele foi encontrado no quarto da frente, na sua residência em Curitiba, com uma corda no pescoço, enforcado. Podemos dizer que temos alguns indícios de respostas que podem encaixar como causas dessa escolha feita pelo patriarca. Uma delas é que ele sempre se culpou pela morte da filha Tocica, montou o álbum de fotografias, escreveu a música, entre outros manifestos de amor a filha morta. Essa causa pode estar ligada a tradição japonesa, pois “preocupam-se muito com o que os outros possam pensar de sua conduta, sendo também acometidos de sentimento de culpa quando os demais nada sabem do seu deslize”<sup>92</sup>.

O Sr. Hirokichi Yamaguchi tinha uma fonte histórica muito interessante, seu diário, que após a perícia criminal na cena do suicídio, foi levado para averiguação, mas não se sabe o seu paradeiro. Esse diário com certeza tinha escrito todos os motivos pelo qual aconteceu esse ato contra sua própria vida, mas “a não ser por aproximações grosseiras, a intenção é algo demasiadamente íntimo para ser atingida do exterior; mesmo da observação interior ela se oculta”<sup>93</sup>. Então pelas fontes não se pode tomar nenhum partido do que foi a causa real. Hirokichi (figura 23) morreu com 75 anos de idade.

O patriarca sempre gostou de vestir o quimono japonês e aparece na imagem fotográfica na frente de sua casa, com um papel na mão, com certeza estava lendo, mais o óculos. Ele gostava muito de sentar no jardim da frente de sua moradia, para pensar ou apenas para ler seu jornal.

---

<sup>91</sup> DURKHEIM, 2005, p. 12.

<sup>92</sup> BENEDICT, 2009, p. 10-11.

<sup>93</sup> DURKHEIM, 2005, p. 13.

Figura 23. Hirokichi Yamaguchi.



Fonte: Álbum de Fotografias da Família Yamaguchi, 1978.

Agora veremos a memória do cotidiano propriamente dito, buscando apresentar como a cultura japonesa está ainda presente nas vidas dos descendentes, as questões básicas de cotidiano depois da formação da Família Yamaguchi aqui no Brasil, que são: a alimentação, a saúde, o vestuário, o lazer, as amizades, a educação entre outros assuntos e comparações com a cultura trazida do outro lado do mundo.

### 3.0. O COTIDIANO DAS FAMILIAS IMIGRANTES JAPONESAS

*“Pesquisa, salvamento, exaltação da memória coletiva não mais nos acontecimentos mas ao longo do tempo, busca dessa memória menos nos textos do que nas palavras, nas imagens, nos gestos, nos ritos e nas festas; é uma conversão do olhar histórico.”*

**Le Goff**

Ao iniciar a discussão sobre as memórias da vida da Família Yamaguchi, precisamos antes de tudo tratar sobre as questões sobre o cotidiano. Ao analisar o livro “Invenção do Cotidiano”, volumes 1 (um) e 2 (dois), que trata sobre as artes de fazer e morar, cozinhar; percebemos que o cotidiano no texto é “esboçar uma teoria das práticas cotidianas para extrair do seu ruído as ‘maneiras de fazer’ que, majoritárias na vida social, não aparecem muitas vezes senão a título de ‘resistências’ ou de inércias em relação ao desenvolvimento da produção sócio-cultural”<sup>94</sup>.

Vemos que as práticas cotidianas são as táticas que se tem pra conseguir viver em comunidade, que esses aprendizados têm o objetivo de combinar as ações que compõe uma cultura: a ordinária. Aqui a palavra ordinária, dita pelo autor Michel de Certeau, significa comum ou simples, trabalha com a memória cotidiana das pessoas simples. Elas têm táticas (de falar, de ler, de circular, de fazer compras, de cozinhar, etc.), aos quais

manifestam igualmente a que ponto a inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos que articula, ao passo que as estratégias escondem sob cálculos objetivos a sua relação com o poder que os sustenta, guardado pelo lugar próprio ou pela instituição<sup>95</sup>.

Esse termo do cotidiano quer dizer que essas táticas servem para os combates e prazeres do dia a dia das pessoas, neste caso da Família Yamaguchi. Descrever essas práticas do cotidiano da família serve para “dar a palavra às pessoas ordinárias”, e fazê-las entrar na memória histórica. Através das fontes históricas, orais e fotográficas, perceber que esse cotidiano nos leva a pensar nas “operações multiformes e fragmentárias, relativas a ocasiões e a detalhes, insinuadas e escondidas nos aparelhos das quais elas são os modos

<sup>94</sup> CERTEAU, 1994, p. 16.

<sup>95</sup> Idem, p. 46-47.

de usar”, portanto, deve haver uma coerência dessas práticas, isso que veremos a seguir. As fontes fotográficas feita por Hirokichi Yamaguchi vem pra ajudar a acompanhar a vida da família, pois

organizando álbuns nos quais podíamos acompanhar o nascimento dos filhos, as viagens de férias, as variadas comemorações, os passeios matinais, retalhos do cotidiano que eram costurados, de tempos em tempos, pela apreciação conjunta das imagens<sup>96</sup>.

Para auxiliar e preencher as lacunas deixadas pelas leituras de textos especializados e das fontes fotográficas temos a história oral ou melhor as entrevistas. Feito a leitura do texto “Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral”, ao qual Alessandro Portelli trata dos procedimentos de história oral e dá exemplos de suas pesquisas. Diz que todo historiador que trabalha com fontes orais precisa obedecer as diretrizes profissionais para não ter problemas com seus entrevistados, podendo prejudicá-los de qualquer forma ou constranger por palavras ditas sem pensar. Isso não ocorre nesse trabalho porque a entrevistadora é, além de historiadora, parte da Família Yamaguchi escolhida para estudar, mesmo assim, executou toda a pesquisa conforme as regras profissionais de um historiador oral.

Devemos levar em conta que a “história oral é a ciência e arte do indivíduo”<sup>97</sup> e este revela nas entrevistas suas experiências e memórias individuais que tiveram em relação a sociedade em que viveram ou grupo de afinidade que pertenceram. Portelli não gosta de tratar a lembrança como memória coletiva e sim como lembranças compartilhadas. Os indivíduos entrevistados conversam sobre a versão do que lembram do passado, que podem haver esquecimentos. O autor fala que a história oral não é um tabuleiro de xadrez com quadradinhos iguais e sim uma colcha de retalhos, ao qual cada pedaço é diferente entre si, e que depois de reunidos com as demais fontes históricas se torna um trabalho completo no sentido de expor uma representação da sociedade ou objeto estudado. É assim que vai ser montado esse 3º (terceiro) capítulo, uma colcha de retalhos com as fontes escritas, fotográficas e orais.

---

<sup>96</sup> MAUAD, 2001, p. 158.

<sup>97</sup> PORTELLI, 1997, p. 15.

Para os historiadores, as experiências de vida das pessoas comuns ou simples trazem para sua própria existência um aprendizado, e Portelli diz que “cada entrevista é importante, por ser diferente de todas as outras”<sup>98</sup> que ele realizou. Para Portelli devemos deixar de ser neutros e intervir um pouco pra que o entrevistado não divague por assuntos não pertinentes a pesquisa. Nessas divagações podemos encontrar elementos que possam nos soar estranho ou mesmo que não se encaixam no contexto, pois erros ou mesmo invenções da mente humana podem apresentar na coleta de dados.

E a última parte do artigo o autor traz à tona a questão da restituição ou devolução do trabalho pronto, pois em ciências sociais a devolução não é um objeto palpável, ou um programa de ajuda comunitária, é um escrito, que faz mais sentido para o historiador que para o entrevistado que por ser simples nem entende a troca. Já para a presente pesquisa, toda a família está auxiliando, esperando o resultado final. E ressalta sobre a guarda de material usado na entrevista que muitas vezes se perde por não ter lugar que possa armazenar esse tipo de fonte.

Le Goff no texto “A história do Quotidiano” traz que os usos e costumes como também a história da vida privada começa a ser discutida e pesquisada a partir do século XVIII. Nasce de pequenas histórias e do desejo de fazer uma história vinda de baixo, com pessoas desconhecidas. Nesses últimos vinte anos, muitos historiadores começaram a escrever sobre o cotidiano, que entra nas questões dos novos objetos estudados pela Nova História. Refere que os “instrumentos de trabalho, os utensílios, o mobiliário das pessoas modestas, o ambiente familiar e os jogos populares” são tão atraente quanto qualquer análise de obra de arte que tenham retratado o cotidiano.

A história do cotidiano entra na área de mentalidades e esta encontra-se na etnologia onde nos mostra as características étnicas, a estrutura e desenvolvimento de uma dada sociedade, que segue os escritos de Heródoto no resgate de memórias. Le Goff menciona o autor Michel Foucault analisando que asilos, prisões e hospitais são lugares privilegiados para o estudo do cotidiano, pois podemos compreender as transformações da história. Que

---

<sup>98</sup> Idem, p. 17.

encontrava pessoas a quem reconhecem as suas memórias, buscando revelar os sentimentos dos indivíduos, o que muda, o que permanece, o vivido e a própria percepção da história.

A preferência deste trabalho segue resgatar e fazer as entrevistas orais com pessoas que estão ainda em seu ambiente familiar, pois tem coisas pra contar o que geralmente em asilos e hospitais as pessoas estão mais frágeis pelas circunstâncias, mas é um caminho que não se pode descartar enquanto historiador.

Nesse capítulo vamos percorrer todas as práticas cotidianas apresentadas pelas fotografias e falas das entrevistas trazem a representação da família, como ela mesma e os descendentes a vêem.

### **3.1. Memória: Fotografias de Família**

Nos álbuns de fotografia apresentados como fontes históricas apresentam a construção da família pela sua própria ótica, ou melhor pelo pedido feita ao fotógrafo e o seu olhar.

Ao fixar instantes, garante-se a permanência de condições consideradas 'inesquecíveis', apesar de necessitarem dos registros que, por sua vez, são sempre construídos (pelo fotógrafo, pelos fotografados ou pelo contexto em que figurará a foto). Não passam de traços da aparência captada pelo olhar (...) de momentos da solidariedade familiar em que os indivíduos se transformam em seus papéis sociais (...)<sup>99</sup>.

A construção da imagem passa pelas mãos do fotógrafo e dos próprios fotografados. Assim, podemos perceber nas fotografias da Família Yamaguchi os cuidados de composição em torno das roupas, dos objetos, do lugar fotografado, da disposição dos membros da família, entre outros elementos.

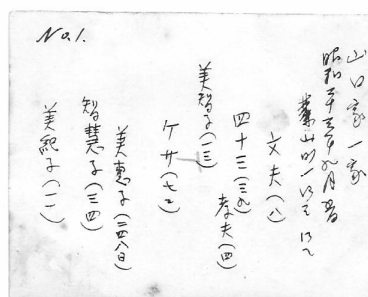
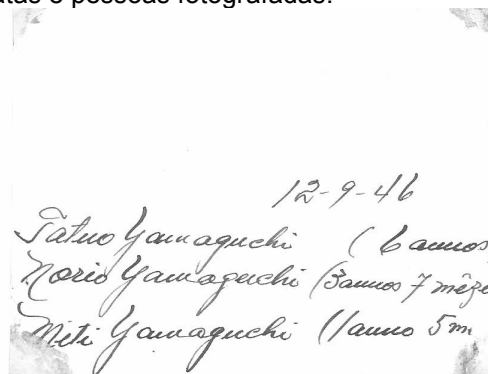
Com a pesquisa no acervo fotográfico deixado pelo Sr. Hirokichi, podemos observar que todas as fotografias estão em perfeito estado de conservação e que a maioria estão datadas e legendadas, para uma ótima apreciação do observador ou leitor. Mas também há problemas de tradução, pois muitas das legendas ou comentários de trás das fotografias estão em

---

<sup>99</sup> LEITE, 1994, p. 138.

japonês, figura 24, principalmente as trocadas pelo Sr. Hirokichi com sua família que continuou no Japão (ao qual vai ser trabalhado mais a frente).

Figura 24. Fotografia e verso com comentário, datas e pessoas fotografadas.



Fonte: Acervo do Sr. Hirokichi Yamaguchi. Respectivamente, 12 de setembro de 1946 e 05 de setembro de 1948.

Trazendo essas notas de trás das imagens podemos concluir que por mais que está tudo em ordem as fotografias, a legenda ajudaria alguém que pudesse ler, pois “no que diz respeito ao significado das fotografias familiares, ficam claras as diferenças entre as referências escritas e orais em relação às imagens fotográficas”<sup>100</sup>. Na maioria das vezes está somente a datação escrita, ao qual já ajuda a desvendar junto da entrevista oral as lacunas deixadas por essas fontes iconográficas, “o título no verso da foto, ou no álbum, pode simplesmente dizer: ‘Mãe e Papai, Vassouras, Agosto, 1893’, e oferecer simplesmente um registro da época e do lugar”<sup>101</sup>. A primeira imagem é os 3 (três) filhos de Hirokichi Yamaguchi: Tatuo, Norio e Miti, quando pequenos. A

<sup>100</sup> MAUAD, 2001, p. 167.

<sup>101</sup> Idem, p. 167.

segunda é a família de Hirokichi que ficou no Japão: aparece a mãe, os irmãos e netos.

Ao notar que naquele momento histórico a representatividade da fotografia faz com que a família desfrute do tempo de preparo com as vestimentas de época e com o visual para o “instante congelado”<sup>102</sup>. Também tem o cuidado com a composição dos integrantes (membros da família) e o cenário escolhido pelo fotografo ou pelo chefe da família, no caso o Sr. Hirokichi Yamaguchi, Figura 25. Assim, através da pesquisa histórica da iconografia que tem capacidade de nos revelar particularidades, como mostra Kossoy:

*(...) entender que a imagem fotográfica é um meio de conhecimento pelo qual visualizamos microcenários do passado; contudo, ela não reúne em si o conhecimento do passado. O exame das fontes fotográficas jamais atingirá sua finalidade se não for continuamente alimentado de informações iconográficas (necessárias aos estudos comparativos) e das informações escritas de diferentes naturezas (...)*<sup>103</sup>.

Figura 25. Iconografia da Família Yamaguchi.



Fonte: Acervo do Sr. Hirokichi Yamaguchi. 1956

---

<sup>102</sup> KOSSOY, 2001.

<sup>103</sup> Idem, p. 78.

Nos álbuns de família podemos analisar a identificação feita pelo patriarca da família ao qual identifica os membros como sendo (da esquerda à direita): Kazuo, Seica, Hirokichi (patriarca), Norio (ao fundo), Teruko, Tocica (colo), Maria Miti e Satie. Vê-se que o patriarca e sua esposa estão no centro da imagem ao qual significa que “os integrantes nas imagens leva a crer que tal semelhança suscita uma uniformização da idéia de família, visto que até a pose das mulheres, sentadas à direita do marido, com um dos filhos em pé e atrás do casal, reforça a similitude<sup>104</sup>”.

Nessa foto não aparece o filho mais velho, que provavelmente estaria em estudo em outra cidade, além do filho mais novo que não era nascido ainda. Poucas famílias na época tinham condições de tirar a fotografia de família, pelo custo alto ou por falta do mesmo na cidade, assim essa imagem foi tirada na sala de casa da cidade de Maringá, por um fotógrafo contratado, por tanto significa que a família estava numa situação financeira favorável. Outra questão levantada nessa análise fotográfica, aparece atrás dos membros da Família Yamaguchi uma estante de livros, ao qual podemos deduzir que havia algum leitor assíduo, pois se apresenta cheia de volumes (ao qual vai ser tratado no texto sobre lazer).

O trabalho de Dissertação de Francieli Lunelli Santos<sup>105</sup> busca através do estudo de fontes fotográficas encontradas na Casa da Memória de Ponta Grossa (Paraná) a memória das representações das famílias e como eram reconhecidas pela sociedade da época, século XX, mesma época que estudo. Objetivou reconstruir os significados e as representações sociais conectada ao ato de fotografar essas famílias. A autora trabalha com a problemática que com a idealização da imagem, os grupos de famílias posavam para o trabalho do fotógrafo para registrar um momento para resultar na imagem que a sociedade

---

<sup>104</sup> SANTOS, 2009, p. 109.

<sup>105</sup> A Autora é graduada, com especialização e Mestrado pela mesma universidade, Universidade Estadual de Ponta Grossa, datada respectivamente, em 2004, 2006 e 2009. Todos os trabalhos de término do curso são feitos a partir das fontes fotográficas da Casa da Memória, do Acervo do Foto Bianchi, além desse texto resenhado, apresenta outros trabalhos e artigos, como: “Mulheres de vidro: representações do feminino em negativos de família do Foto Bianchi (1910-1950)”, “Fotografia e representação: Os retratos de família do Foto Bianchi (1913-1950)”, “Fontes iconográficas no trabalho do historiador: Acervo Foto Bianchi. 2004” e “Olha o passarinho’: A família ponta-grossense pela lente do Foto Bianchi. 2004”. Atua como professora no Ensino Fundamental e Médio na rede de ensino particular, nas disciplinas de História e Filosofia.

reconhece.

A pesquisa de Santos inicia por meio dos teóricos para justificar o significado de família e de representação social naquela época da criação da fotografia trabalhando com autores da antropologia, sociologia e história. Através desse texto foi verificado o sinônimo do que é a família imigrante “apresenta-se como célula primeira de pertencimento, independentemente da classificação social e, por vezes, até de laços consangüíneos”<sup>106</sup>.

E por último, estuda as composições dos personagens da família através da análise das imagens fotográficas, tendo as questões levantadas pela autora: a mulher, o homem, a relação entre os gêneros, as crianças e os papéis sociais dentro desse arranjo familiar. Também apresenta um estudo sobre os objetos, roupas e acessórios incorporados na cena fotografada e seus significados.

Acho interessante inserir nessa parte do texto uma fotografia da Família Yamaguchi (figura 26), tirada no Japão, em 1932, onde aparece todos os membros: pai Inotaro, Mãe Kesa (mais atrás do pai) e 11 (onze) filhos; sendo Hirokichi o que está atrás da mãe. Podemos notar que a mãe está detrás do Patriarca, pois na cultura japonesa o papel da mulher é de submissão ao pai e logo depois do casamento ao marido. Os filhos estão com roupas provavelmente de uniforme escolar e o restante está com o kimono japonês, roupa típica. Foi tirada provavelmente na casa da família. Como a identificação da fotografia se dá no ano que Hirokichi veio ao Brasil, logo considero que foi tirada pouco antes de sua partida.

---

<sup>106</sup> SANTOS, 2009, p. 24.

Figura 26. Família Yamaguchi do Japão.



Fonte: Acervo do Sr. Hirokichi Yamaguchi. 1932.

As fotografias de família foram uma das ferramentas fundamentais para essa pesquisa, uma ótima definição da presença da imagem nos trabalhos históricos é de Jacques Le Goff, “a fotografia veio revolucionar a memória, ao multiplicá-la e ao lhe dar uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas. A maleabilidade e a instabilidade da memória humana são aqui compreendidas através de um dispositivo auxiliar”<sup>107</sup>. Este dispositivo é a fotografia que mostra um período congelado no tempo, que traz uma representação do passado não muito distante.

### **3.2. Cultura: obrigações, prazeres humanos e tradições**

A cultura japonesa é milenar, mas tem muitas diferenças que a cultura ocidental. Conceitos são vistos com outro olhar, por exemplo, em relação a História, os ocidentais vê a história como linear, isto é, a história tem um começo e um fim. Já a visão oriental ela é cíclica, a história é um eterno ciclo e o “mundo dura de eternidade em eternidade”<sup>108</sup>. Outra questão é em relação ao conceito de Deus e Salvação, que Deus está em tudo que vemos e que a

<sup>107</sup> LE GOFF. In.: LEITE, 1994, p. 139.

<sup>108</sup> GAARDE, 2000, p. 38.

salvação é tentar escapar do ciclo das reencarnações. Sendo que para o ocidental Deus é o ser onipotente e onipresente e a salvação é a fé Nele.

Por tanto sobre essa visão de mundo dos orientais, percebemos que a sua conduta ou postura tem que ser a mais correta possível, para que os outros não pensem mal de si e de seus semelhantes, da família, do povo oriental, etc. O respeito ao outro ou quer dizer a obrigação do “on” é um dos elementos principais da cultura do povo japonês, um exemplo é essa passagem do livro de Antropologia de Ruth Benedict:

*No Japão, é precisamente na família que são aprendidas e meticulosamente observadas as regras de respeito. Enquanto a mãe ainda leva o bebê preso às costas, empurra-lhe a cabeça para baixo com a mão e suas primeiras lições consistem na observância de um procedimento respeitoso com relação ao pai ou ao irmão mais velho. A esposa inclina-se diante do marido; a criança, diante do pai; os irmãos mais jovens, diante dos mais velhos e a irmã, diante de todos os irmãos, qualquer que seja sua idade. Não se trata de um gesto vazio. Aquele que se inclina reconhece o direito do outro de interferir em assuntos sobre as quais ele próprio preferiria decidir e o que recebe a saudação assume, por seu turno, certas responsabilidades relativas à sua posição. A hierarquia baseada no sexo, geração e primogenitura constitui parte da vida familiar<sup>109</sup>.*

O gesto de se inclinar diante das pessoas em sinal de respeito é uma das obrigações do japonês. O homem também apresenta com poder em relação a família, ainda em grande parte do Japão se vê a hierarquia, o homem sempre ganha mais salário em relação a mulher e tem o poder sobre a família. Isso até nos dias de hoje, maridos caminham na frente de esposas, por exemplo, “qualquer que seja a idade, a posição de cada um na hierarquia depende do fato de ser homem ou mulher”<sup>110</sup>. A Sra. Teruko Yamaguchi sempre teve essas lições de sua família, de respeito e postura, mas com o tempo, por exemplo, quando moravam em Piracaia (São Paulo) viu sua vida mudar um pouco ajudando o marido no trabalho da granja (figura 27) e teve um pouco mais de liberdade, assim como as filhas, mas nem sempre foi assim como fala na citação. Então por já estarem muito tempo no Brasil, a liberdade feminina modificou um pouco, mas o respeito continuava o mesmo.

---

<sup>109</sup> BENEDICT, 2009, p. 48.

<sup>110</sup> Idem, p. 51.

Figura 27. Teruko Yamaguchi ajudando nos afazeres da granja.



Fonte: Álbum da Família Yamaguchi. Piracaia, 1962.

Depois da morte do Patriarca, Teruko Yamaguchi nunca deixou de trabalhar, mesmo em sua horta ou plantações em casa. Até os seus 88 (oitenta e oito) anos ia trabalhar pegando 2 (dois) ônibus, como lembra o filho Kazuo Yamaguchi: “A minha mãe era bem trabalhadeira, o que ela trabalhava assim... ela não parava, até depois de uma certa idade ela nunca parou, até os últimos dias [de vida] ia lá na chácara [que pertence ao filho Tatu Yamaguchi] ia plantar, colher, e ela ia sozinha, sozinha de ônibus”<sup>111</sup>. Foi com essa idade de 88 (oitenta e oito) anos que ela faleceu, passando mal num dia e no outro descansou. Antes de morrer falou que já tinha vivido muito e muito bem.

Retomando as obrigações já comentadas no texto, do “on” com a família e principalmente com o Imperador, tem um significado deturpado para nós ocidentais, mas é tradição da cultura deles. Para dar um exemplo dessa obrigação se tira da história do cachorro ‘Hachi’ que tem uma devoção ao seu dono, a “moral desta historieta é a fidelidade, que vem a ser apenas um outro nome para amor. Um filho que nutre profundo afeto por sua mãe pode dizer que não esquece o on que dela recebeu, significando que tem por ela a devoção sincera de Hachi por seu dono”<sup>112</sup>, ao qual morreu anos depois

<sup>111</sup> Kazuo Yamaguchi, 2011.

<sup>112</sup> Idem, p. 89.

esperando seu dono na frente da estação de trem até a volta dele, que nunca ocorreu, pois ele tinha falecido.

Existe muitos tipos de “on” mas deles tem alguns especiais que é a do professor e a do patrão, pois eles são pessoas especiais: o professor por conta do aprendizado de toda a cultura passadas aos alunos e pelo patrão poder dar a chance de trabalho. Na Família Yamaguchi, os descendentes não ouviram de seus pais imigrantes sobre o Imperador e as obrigações, nem por isso podemos dizer que quando estavam no Japão não tinham essa mesma conduta junto à sociedade japonesa.

Existem na cultura desse povo, prazeres dos costumes cotidianos que são simples para o povo ocidental, mas muito preciosos para os orientais ou mesmo para os japoneses. Um deles é a questão do banho quente, que desde o mais simples dos homens, por exemplo, o pobre agricultor de arroz; até um empregado da aristocracia tem direito de no fim da rotina do dia tomar o seu banho quente. Assim ao analisar a questão do acidente das filhas do Patriarca da Família Yamaguchi vemos que o costume do banho quente no ofurô veio ao Brasil, mas por uma fatalidade ocorreu a morte de Tocica e as dificuldades de Seica. Mas no Japão é diferente esse ritual do banho

A banheira mais utilizada é uma barrica de madeira, com carvões acesos por baixo, a fim de manter a água aquecida a 110 graus Fahrenheit ou mais. O costume é se lavar e enxaguar inteiramente antes de entrar na banheira e em seguida entregar-se de todo ao gozo do calor e do relaxamento proporcionado pela imersão. Sentam-se no banho com os joelhos trazidos à posição fetal, a água até a altura do queixo. Prescrevem eles o banho diário por questão de limpeza, como os americanos, incrementando-o, no entanto, de uma requintada arte de passivo deleite, difícil de igualar-se nos hábitos de banho do resto do mundo. (...) todas as famílias, mesmo as refinadas, passam pela banheira doméstica em rigorosa sucessão: o hóspede, o avô, o pai, o filho mais velho e assim por diante, até o mais humilde empregado<sup>113</sup>. (p. 152-153).

A hierarquia aqui também está presente. Geralmente o ofurô do Brasil é feito de fibra de vidro e tem aquecimento moderno, mas na ocasião do acidente da família, o carvão ainda era utilizado como meio para aquecer a água do banho. Na citação acima, a água do banho está descrita com o grau utilizado nos Estados Unidos, onde a autora lançou o livro, grau Fahrenheit. Ao

---

<sup>113</sup> Idem, p. 152-153.

transformar em graus utilizados aqui no Brasil dá o resultado de 38° (trinta e oito graus) Celsius. Em casas de banho ou mesmo spa é utilizado a barrica de madeira, mas com aquecimento do banho de outra forma.

Outro prazer humano é o sono. Além do descanso do dia de trabalho, o sono seria um momento de relaxamento, “vão para a cama cedo, no que muito diferem de outras nações orientais. (...) um dever sagrado preparar-se para o trabalho de amanhã mediante o sono e o descanso de hoje. O sono é para ser considerado à parte das questões de recuperação, repouso e diversão”<sup>114</sup>. Estar bem preparado para o serviço é uma meta a ser alcançado todos os dias, o dever em primeiro lugar, de preferência com o corpo e mente descansados. Os prazeres do japonês também são além do sono, comer e beber, sentir o sabor dos alimentos e apreciar os gostos, como veremos nos textos a seguir sobre alimentação.

O amor romântico também é um dos prazeres da cultura dos japoneses, mesmo com o casamento arranjado e as obrigações da família que contraria essa visão, apresentam essa forma de amor nas suas ‘novelas’ com muita dor e final triste, bem diferente que as ocidentais com finais felizes. Os sentimentos humanos precisam não afetar as relações sérias da vida, “é esta, no entanto, a origem principal da nossa dificuldade em compreender as atitudes japonesas acerca do amor (...)”<sup>115</sup>. Por isso, mesmo com o arranjo do casamento os imigrantes da família viveram por muito tempo, criando os filhos, sempre se reunindo e viajando.

Outra tradição trazida pela Família Tawada e Yamaguchi do Japão ao Brasil, foi a permanência de ter muitos filhos, pois “os pais japoneses precisam de filhos não apenas por satisfação emocional, como também porque terão falhado na vida se não houverem levado avante a linha de família. Todo japonês deve ter um filho. Necessita dele para que preste homenagem diária à sua memória após a morte, no altar da sala de estar, ou diante da miniatura da pedra tumular”<sup>116</sup>, figura 28 e 29. E também para o trabalho, pois quando mais velhos os filhos podem ser um braço forte, principalmente na agricultura.

---

<sup>114</sup> Idem, p. 154.

<sup>115</sup> Idem, p. 157.

<sup>116</sup> Idem, p. 215.

Na figura abaixo, apresenta a família reverenciando o morto, o Sr. Inotaro Yamaguchi (no quadro), pai de Hirokichi Yamaguchi, sempre na sala de estar é feito um altar para os rituais de homenagem aos antepassados, acendendo incensos, ofertando alimentos e meditando. Na tradição japonesa, os filhos pertencem a vida familiar e se perder um parente próximo é para prestar todos os dias a homenagem a esse morto.

Figura 28. Sala de Estar com ritual de homenagem aos antepassados da Família Yamaguchi.



Fonte: Acervo do Sr. Hirokichi Yamaguchi. 22 de maio de 1955.

Figura 29. Túmulo da Família Yamaguchi.



Fonte: Acervo do Sr. Hirokichi Yamaguchi. 22 de maio de 1955.

Na citação fala sobre pedra tumular, ao quais muitas das casas do Japão há em seus quintais os túmulos dos ancestrais, junto da casa de moradia da família. Isso é impensável aqui no ocidente, já que tem um distanciamento entre pessoas vivas e seus mortos. Há também lugares iguais os nossos cemitérios, mas na maioria das vezes são no terreno da casa que enterram os mortos ou depositam suas cinzas.

### **3.3. Alimentação: dificuldades de adaptação e permanência**

Também sobre os costumes trazidos do Japão vem a alimentação japonesa que faz parte do cotidiano da família Yamaguchi aqui no Brasil, mas não era sempre, pois se acostumaram bem com a comida brasileira. Já os utensílios a princípio da chegada muitos dos japoneses traziam ou ao chegar aqui faziam suas próprias ferramentas de trabalho e também domésticos. Como já trabalhado no segundo capítulo, a alimentação no início da chegada foi cruel para os japoneses, por conta do tempero forte. A única solução foi comer o arroz que também tinha aqui nas terras brasileiras. A cultura deles é de uma comida saudável, rica em verduras e legumes, aqui tiveram problemas com isso, tiveram que trazer as sementes do Japão para cultivarem suas hortas. Assim proporcionou a introdução desses hábitos mais saudáveis na cultura brasileira.

Diferentes dos ocidentais as comidas japonesas eram servidas muitas vezes “demoram-se em refeições com infindáveis pratos, durante as quais uma colher de chá de alimento vem cada vez e a comida é apreciada tanto pelo aspecto quanto pelo sabor. Mas a disciplina, por outro lado, é exigida”<sup>117</sup>. Cada prato era saboreado prazerosamente. A Família Yamaguchi se acostumou com a alimentação do Brasil, adotando o arroz com feijão e inserindo o que plantavam nas hortas. Dos costumes japoneses restaram as comidas: *sukiyaki*<sup>118</sup>, *mochi*<sup>119</sup>, *manju*<sup>120</sup>, *sashimi*<sup>121</sup>, *sushi*<sup>122</sup>, entre outros.

---

<sup>117</sup> Idem, p. 155.

<sup>118</sup> Cozido de verduras e legumes.

<sup>119</sup> Bolinho de arroz de Ano Novo.

<sup>120</sup> Doce de feijão.

<sup>121</sup> Peixe cru.

Kazuo Yamaguchi lembra que ao morar em Curitiba, o Sr. Hirokichi Yamaguchi adotou uma comida típica do Paraná, o pinhão, grão ou fruto do Pinheiro do Paraná. Ao cozinhar esse grão, ele fica firme para comer, comida pesada mais nutritiva. A noite de inverno levava o pinhão cozido, comíamos e nos despedíamos com um 'sayonara'<sup>123</sup> (cumprimento japonês, significando tchau ou até logo).

### **3.4. Moradia: no Brasil e no Japão**

Muitos imigrantes japoneses quando chegaram ao Brasil foram residir em moradias que eram na verdade modificações feitas nas antigas senzalas dos escravos brasileiros. No Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil, ou conhecida como Bunkyo, tem uma replica em tamanho natural da moradia dos imigrantes. Sem nada de conforto, tinham que se virar pra torná-los um lar.

Já que as famílias Tawada e Yamaguchi vieram já na década de 1930, tiveram mais oportunidades de morar em lugares melhores que a situação de antes. Vemos que a Família Tawada sempre morou nas áreas rurais de Ribeirão Preto desde quando vieram do Japão. A última casa em que moravam (figura 30) se apresentava muito simples, feitas de tijolos de argila, sem acabamento, com ferramentas encostadas na parede.

Percebemos na imagem fotográfica que os dois imigrantes isseis estavam corcundas quando da tirada da fotografia, por conta que em toda a vida dos dois japoneses trabalharam muito na agricultura, e se abaixaram muito na colheita. No Japão há muitas plantações de arroz e os senhores e as senhoras que trabalham nessa cultura tem problemas de coluna como esses aqui no Brasil.

---

<sup>122</sup> Bolinho de arroz temperado enrolado em alga.

<sup>123</sup> Kazuo Yamaguchi, 2011.

Figura 30. Rokusaburo, Yae e Tiekō Tawada, residência na zona rural de Ribeirão Preto.



Fonte: Acervo da Família Tawada. Década de 1980.

Já na Família Yamaguchi sempre tiveram condições para morar com dignidade nas cidades em que passaram, tanto nos Estados do Rio de Janeiro, de São Paulo e do Paraná. Geralmente por conta de cuidar de negócios que já davam casa para morar, exemplo as granjas. O Sr. Tatu Yamaguchi conta que seu pai Hirokichi “gostava muito de ajudar nas construções de casa de madeira juntamente com os pedreiros, o pai era projetista da construção. Em Floresta o pai desenvolveu um sobrado de madeira”<sup>124</sup>, figura 31.

Figura 31. Residência projetada por Hirokichi Yamaguchi.



Fonte: Álbum de Fotografias da Família Yamaguchi. Floresta, 1954.

<sup>124</sup> Tatu Yamaguchi, 2009.

A fotografia mostra o projeto de construção do Sr. Hirokichi Yamaguchi está concretizado, uma casa belíssima pra época, grande e com cercado de madeira em volta. Lá na varanda de cima está o seu projetista Hirokichi, Teruko (sua esposa), Tocica (no colo), Norio, Kazuo e Tatu. Ela era formada como sobrado, com mais um depósito ao lado.

Bem diferente era as casa construídas no Japão, eram feitas de madeira também, mas para muitas divisórias utilizadas o papel arroz. Fino demais para qualquer batida de mão ou objetos. Ainda a casa japonesa era bastante fina nas paredes que “até mesmo a construção da casa japonesa – as delgadas paredes que permitem a passagem de sons, habitualmente corridas durante o dia – torna a vida privada extremamente pública para os que não podem ter muros e jardim”<sup>125</sup> (figura 32).

Figura 32. Residência da Família Yamaguchi.



Fonte: Álbum de Fotografias da Família Yamaguchi. Fukushima, Japão, década de 1930.

De aparência meio assustadora e com vários andares, a casa da Família Yamaguchi na província de Fukushima, no Japão, tem a mesma característica da casa citada na fala da autora Ruth Benedict em seu livro de Antropologia.

---

<sup>125</sup> BENEDICT, 2009, p. 241

De madeira frágil e que pode ser ouvido as pessoas que falam alto dentro da casa.

Diferente da moradia japonesa, as moradias da Família Yamaguchi sempre foram o suficiente para proteger os membros familiares, mesmo as casas sendo já prontas ou projetadas pelo Sr. Hirokichi. A casa a seguir (figura 33) foi por muito tempo moradia do casal Hirokichi e Teruko, pois dali os filhos começaram a se casar e deixar seus pais, trazendo as futuras gerações para visitar.

Figura 33. Última residência de Hirokichi Yamaguchi.



Fonte: Álbum de Fotografias da Família Yamaguchi. Curitiba, 31 de julho de 1987.

Casa térrea praticamente inteira de madeira, tendo atrás um banheiro e uma dispensa construída de material (tijolos). Tinha uma grande sala com os armários cheios de livros, um quarto improvisado com divisória dos armários, mais dois quartos grandes, uma cozinha, mais um quarto ou uma dispensa de comida e garagem era somente coberta. A imagem mostra a frente da moradia e as seguintes pessoas (da esquerda para direita, se baixo para cima): Fernando Yamaguchi Portes, Luis Fernando Takao Yamaguchi, Fabiana Emi Yamaguchi, Diogo Yamaguchi Portes, Teruko Yamaguchi e Hirokichi Yamaguchi<sup>126</sup>.

---

<sup>126</sup> As crianças da fotografia são netos de Teruko e Hirokichi Yamaguchi, ver árvore genealógica.

### 3.5. Vestuário: Ocidental e Oriental

Sobre o vestuário dos imigrantes japoneses parte da idéia que desde o início do Império Meiji, muitos homens a princípio e, mais tarde as mulheres, passaram a se vestir como os ocidentais, deixando os quimonos para cerimônias mais importantes e tradicionais. Os primeiros imigrantes japoneses utilizaram o tecido de seus quimonos para fazer roupas ocidentais, pois contem as mangas bem longas e compridas.

Assim ao olhar o acervo de livros e revistas da Família Yamaguchi, percebemos que apresenta muitos periódicos de moda, ao qual a família utilizava para tirar amostras para roupas de suas filhas, figura 34. Satie Yamaguchi nos revela que em tempos bons as roupas eram encomendadas por Teruko e feitas por costureiras de perto de casa de Piracaia, São Paulo.

Figura 34. Satie e Miti Yamaguchi na casa da Granja.



Fonte: Álbum de Fotografias da Família Yamaguchi. Piracaia, 1961.

Mas ainda estava presente dentro da família roupa japonesa, o Sr. Hirokichi Yamaguchi gostava muito de usar o kimono, ou trocava também pelo conhecido roupão de banho aqui do ocidente. Na figura 35 aparece ele e sua filha Seica com a roupa tradicional do Japão, junto com o leque e o zori (chinelo alto de madeira), na casa da zona rural do município de Maringá.

Figura 35. Hirokichi e Seica Yamaguchi com roupas típicas japonesa.



Fonte: Álbum de Fotografias da Família Yamaguchi. Maringá, 1958.

Assim a fotografia a seguir (figura 36) mostra o Sr. Hirokichi antes de vir ao Brasil, 1932, com roupas ocidentais tirando foto em estúdio, terno com direito a gravata. Na imagem há um emblema em alto relevo sobre que fez a fotografia, está em alfabeto Kanji e hiragana.

Figura 36. Hirokichi Yamaguchi com roupas ocidentais, foto tirada no Japão.



Fonte: Álbum de Fotografias da Família Yamaguchi. Japão, 1932.

### **3.6. Educação: um dos princípios fundamentais dos japoneses**

A questão da educação por parte desses integrantes da família foi um dos propósitos da não volta ao Japão, devido que os filhos nasceram aqui e já estavam acostumados a falar a língua e para estudarem no Brasil. O patriarca trabalhou como professor dos próprios filhos no que diz respeito à aprendizagem da língua japonesa, onde todos sabem pelo menos um pouco da língua e alguns a escrita japonesa, e mais tarde passou a dar aula em colégio ensinando também a língua de sua terra natal. O Sr. Hirokichi exigiam que os filhos estudassem muito, para terem um futuro profissional, nem todos eles fizeram graduação universitária, mas tiveram ensino profissionalizante ou técnico em seus currículos. Por isso, ao morarem em Curitiba abriram uma oficina já que todos os filhos homens de Hirokichi e Teruko Yamaguchi tiveram curso de Torneiro Mecânico (figura 37).

Figura 37. Tatu, Hirokichi, Kazuo e Norio Yamaguchi, na Oficina de Tornearia.



Fonte: Álbum de Fotografias da Família Yamaguchi. 26 de novembro de 1964.

Tinham apenas duas dificuldades em relação a educação, por diversas vezes morarem no interior das cidades (zona rural) a escola ficava longe de casa, ao qual a maioria das vezes caminhavam a pé por quilômetros de

estrada de chão ou de carroça (Figura 38), mas só deixavam de ir em caso de doença. Quando moravam em Piracaia, perto da cidade de Bragança Paulista, eram 8 (oito) quilômetros percorridos para chegar e mais 8 (oito) de volta.

A imagem nos apresenta a carroça da Família Yamaguchi, puxada pelo cavalo “Mosquito”, levava as crianças para escola e também levava para a cidade se precisasse. Ainda apresentam um cachorro na foto, algumas casas numa estrada.

Figura 38. Tocica, Seica, Hatumi, mais dois meninos e Kazuo Yamaguchi, na carroça puxada por “Mosquito”.



Fonte: Álbum de Fotografias da Família Yamaguchi. Novembro de 1963.

Outro obstáculo na escola é que em casa os membros da família falavam somente a língua japonesa, “escola muito distantes de casa, por ser locais de lavoura. Devido a falar apenas japonês em casa, tivemos dificuldades de pronúncia”<sup>127</sup> [do português]. Outro comentário, agora dado por Kazuo Yamaguchi foi a questão de que os meninos não gostavam muito de estudar, “é como pia”<sup>128</sup> [menino] não gostava muito não de estudar, foi meio aos trancos

<sup>127</sup> Tatuo Yamaguchi, 2009.

<sup>128</sup> Modo de falar das pessoas moradoras do Estado do Paraná, gíria local.

e barrancos”<sup>129</sup>. Então tiveram dificuldades de locomoção, da língua portuguesa e também por não gostar muito de estudar, principalmente o português, que hoje já está superada.

Quando falamos de educação podemos citar de que modo era feita nas terras dos imigrantes japoneses. Desde muito pequeno o bebê é forçado pelo aprendizado de reverência aos mais velhos. Na época de escolarização o mestre ensina de forma com que a criança aprenda fazendo ou olhando a ação.

*No ensino tradicional da escrita, também, o instrutor pegava a mão da criança e fazia os ideogramas. Era para 'dar-lhe o toque'. A criança aprendia a sentir os movimentos controlados e rítmicos antes que pudesse reconhecer os caracteres e muito menos escrevê-los. Na moderna educação de massa este método de ensino é menos acentuado, mas ainda ocorre. A mesura, o manejo dos pauzinhos, o disparar de flechas ou o amarrar de um travesseiro às costas em lugar de um bebe, podem ser todos ensinados movendo-se as mãos da criança e colocando fisicamente o seu corpo na posição correta<sup>130</sup>. (p. 225-226).*

Esses exemplos de procedimento são comuns aos orientais, para nós já fica muito esquisito. Mas a questão da citação nos diz sobre “colocando fisicamente o seu corpo na posição correta” ou na postura corporal da pessoa relembra a fala do Sr. Kazuo Yamaguchi que mostra que seu pai, Hirokichi, exigia uma postura correta, tanto física como comportamental.

A questão da educação religiosa de uma família japonesa vem de onde a criança vai com os pais, exemplo ao templo budista ou a questão mesmo de saber o porquê do altar e homenagens aos antepassados. Como já falado, os filhos vão ser as pessoas que vão fazer as homenagens depois da morte de seus pais e ofertar alimento e incensos.

*As experiências constantes e mais profundamente arraigadas da criança para com a religião são sempre as observâncias familiares, centralizadas em torno dos santuários budistas e xintós em seu próprio lar. O que mais chama a atenção é o santuário budista, com as tábuas funerárias da família, perante os quais erguem-se oferendas de flores, ramos de determinadas arvores e incenso. Diariamente ali são colocadas oferendas de comida, e os mais idosos familiares anunciam todas as ocorrências da família aos ancestrais e inclinam-se diariamente diante do santuário<sup>131</sup>.” (p. 227-228).*

<sup>129</sup> Kazuo Yamaguchi, 2011.

<sup>130</sup> BENEDICT, 2009, p. 225-226.

<sup>131</sup> Idem, p. 227-228.

A situação descrita nos mostra que os ancestrais ainda estão presentes na vida cotidiana da família através de contar os acontecimentos da vida familiar ao ente morto. Dentro da Família Yamaguchi há algumas divergências a respeito da religião que seguia a Sra. Teruko Yamaguchi, dizendo que ela era ateia ou católica.

Aqui no Brasil, a educação de crianças não difere por sexo (meninos e meninas), somente num colégio interno ou de freiras. Já no Japão as convivências entre meninos e meninas são hábitos, mas só difere na questão de casa, onde o homem é mais respeitado que a mulher, por ela ser submissa as suas ordens, pois “a educação da menina até este ponto não difere em espécie da do menino, por mais que varie nos pormenores. Há, contudo, maiores restrições à irmã do que ao irmão em casa”<sup>132</sup>.

Explica que quanto a família não tem condições financeiras de colocar todos os filhos na escola, a preferência sempre é do homem. Em relação a educação superior ou mas avançado também a preferência é do homem ou do primogênito. Na casa da Família Yamaguchi é unânime em afirmar que a educação era rígida, pois todos os filhos falaram nas entrevistas, mas concordaram que a mãe era mais flexível com a postura ou com a bagunça de criança.

O uniforme escolar era obrigatório, os alunos tinham que manter as roupas sempre limpas e arrumadas, figura 39. Aparecem na fotografia as duas filhas do casal de imigrantes japoneses: Tocica e Seica Yamaguchi, no centro estava uma colega das meninas que ia junto para escola, Hatumi.

Na escola que o Sr. Hirokichi Yamaguchi deu aula, na cidade de Marialva (Paraná), teve duas comemorações importantes e que foram formalizadas e lembradas através das fotografias: o 7 (sete) de setembro data de comemoração da Independência do Brasil (figura 40) e outra data do dia 13 de novembro de 1949, ao qual poderia ser o aniversário da cidade (figura 41).

---

<sup>132</sup> Idem, p. 230.

Figura 39. Tocica, Hatumi e Seica uniformizadas para a escola.



Fonte: Álbum de Fotografias da Família Yamaguchi.

Vemos na primeira fotografia a escola feita de madeira e o desfile de comemoração de Independência: crianças levando as bandeiras do Brasil e do Paraná e as demais estão marchando em chão batido na frente da escola, com auxílio de um professor ao lado deles. E a segunda mostra uma fanfara escolar na frente do “Avenida Hotel”, se preparando para o desfile.

Figura 40. Alunos em Desfile do Dia da Independência do Brasil.



Fonte: Álbum de Fotografias da Família Yamaguchi. 07 de setembro de 1949.

Figura 41. Fanfarra escolar em Desfile.



Fonte: Álbum de Fotografias da Família Yamaguchi. 13 de novembro de 1949.

Podemos observar a sala de aula ministrada pelo professor Hirokichi (figura 42), ao qual vemos as bandeiras do Brasil e do Japão lado a lado no fundo da sala, as carteiras feitas em madeira estão arrastadas de lado para alguma preparação para o desfile ou uma reunião, vemos também muitos trabalhos manuais feitos pelas crianças, muitos cartazes de trabalhos, aparece troféus, entre outros detalhes não identificados. Em outra fotografia mostra a lousa e um armário de livros.

Figura 42. Vista parcial da sala de aula, escola em Marialva – Paraná.



Fonte: Álbum de Fotografias da Família Yamaguchi. 07 de setembro de 1949.

Nas escolas japonesas percebemos que há uma mistura de culturas começando pela bandeira posta na sala de aula. Dar continuidade a cultura dos antepassados mesmo sendo mais um brasileiro era relevante, principalmente para os japoneses, pois a questão do respeito e da postura estão arraigados entre as famílias dessa etnia.

A educação não era somente dentro da sala de aula, com a introdução de esportes físicos e brincadeiras recreativas para as crianças (figura 43), que no Japão já era feito, mas aqui no Brasil veio com os militares<sup>133</sup>. Na foto mostra corrida dos alunos, mas tinha também outros exercícios: polichinelo, barra, cavalete, jogos com bola, corrida de obstáculos, cabo de guerra, corrida do saco, etc.

Figura 43. Competição esportiva, escola em Marialva – Paraná.



Fonte: Álbum de Fotografias da Família Yamaguchi. 07 de setembro de 1949.

Faziam passeios em diversos lugares da cidade, como por exemplo, o aeroporto (figura 44), para conhecimento de outros campos e lugares. A imagem mostra as crianças alegres conhecendo um aeroporto e um avião de pequeno porte, e o professor Hirokichi ao lado do aparelho e mais dois adultos que devem ser mais professores da escola. Sempre havia passeios extra classe que são tão relevantes quando aulas teóricas.

---

<sup>133</sup> CASTRO, 1997.

Figura 44. Vista parcial de um Aeroporto, crianças e professores da Escola rural de Marialva.



Fonte: Álbum de Fotografias da Família Yamaguchi. 03 de novembro de 1948.

Além de aulas, esportes e passeios, os alunos também eram levados pelo professor Hirokichi para vários lugares de recreação como alguns passeios no rio e cachoeiras de perto da escola ou município vizinho. Por muitas ocasiões o rio fazia a vez do mar, por conta da distancia da onde moravam no Norte do Paraná, há mais ou menos 500 (quinhentos) quilômetros. Muito tempo depois de se formarem e trocarem de cidade havia uma reunião anual de seus antigos alunos com o professor Hirokichi, e também o contato deles por carta.

### **3.7. Saúde: sem muitos problemas**

Sobre a questão de saúde, durante a pesquisa realizada sobre a família em questão não houve nenhum problema grave em relação a doenças que atacavam os imigrantes. O Sr. Kazuo Yamaguchi comentou que na época de criança sempre tinha epidemias “de doenças de criança”: sarampo e caxumba.

Mas muitos que colonizavam regiões desabitadas tiveram problemas ao saírem das fazendas e se embrenhar nas matas virgens, destaque para a

presença de malária<sup>134</sup>, onde dizimou a Colônia Hirano<sup>135</sup> na região de Cafelândia, interior de São Paulo.

Ainda na família vemos a presença de um membro familiar que apresentou muitos problemas depois do acidente, já citado no texto do segundo capítulo, que matou a menina Tocica e deixou Seica com problemas de saúde por conta do gás da queima do carvão em lugar fechado. Ela ficou morando com a família e mais tarde passou para um serviço médico especializado por agravamento da situação.

### **3.8. Amizades: muitas durante a vida**

Desde a chegada ao Brasil, as famílias japonesas mesmo com o preconceito sofrida por conta da eugenia (já citada), teve muitos amigos nos lugares que passaram. As amizades eram feitas por conta do contato e ajuda pedida na chegada do Japão, por não conhecer as terras brasileiras. Assim também fazem os brasileiros no Japão (dekasseguis) que recebem e ajudam seus conterrâneos.

Era mais fácil fazer amizades com alguém de dentro da colônia ou fazenda, por conta de associações e clubes ligados a cultura nipônica. Por muito tempo o casal Hirokichi e Teruko Yamaguchi participaram dessas associações e grupos de viagens. Na associação participavam de eventos culturais (figura 45), a imagem representa uma cena de dança japonesa, chamado de odori, músicos e cantor no fundo do palco e crianças assistindo a apresentação da cultura de seus antepassados. O palco é todo enfeitado com flores de sakura, flor de cerejeiras, comuns no Japão.

As viagens feitas por Hirokichi e Teruko Yamaguchi são comuns a eles, viajam sempre acompanhados de amigos (figura 46) e parentes. O patriarca tinha sede de conhecimento e o Brasil lhe proporcionava esse saber por ser um

---

<sup>134</sup> É uma doença infecciosa aguda ou crônica transmitido pela picada do mosquito Anopheles, caracterizam por acessos de calafrios e febre intensos que coincidem com a destruição maciça das hemácias e com a descarga de substâncias tóxicas na corrente sanguínea.

<sup>135</sup> Fundada em 1915, a Colônia tem o nome devido ao Sr. Hirano que foi um dos que primeiro que percebeu que os imigrantes teriam melhores condições de vida e de sucesso se não dependessem dos fazendeiros e contratos de imigração.

país grande e tendo muitos lugares para conhecer. Hirokichi aparece com a máquina fotográfica pendurada no pescoço junto de seus amigos na cidade histórica de Ouro Preto, estão na frente do Museu e ao fundo a Praça da Inconfidência Mineira e casarões antigos. Dentre outras viagens feitas estão São Paulo Capital, Águas Quentes, Porto Alegre, etc.

Figura 45. Festa da Cultura Japonesa pela Associação Cultural de Maringá.



Fonte: Álbum de fotografia da Família Yamaguchi. 01 de abril de 1956.

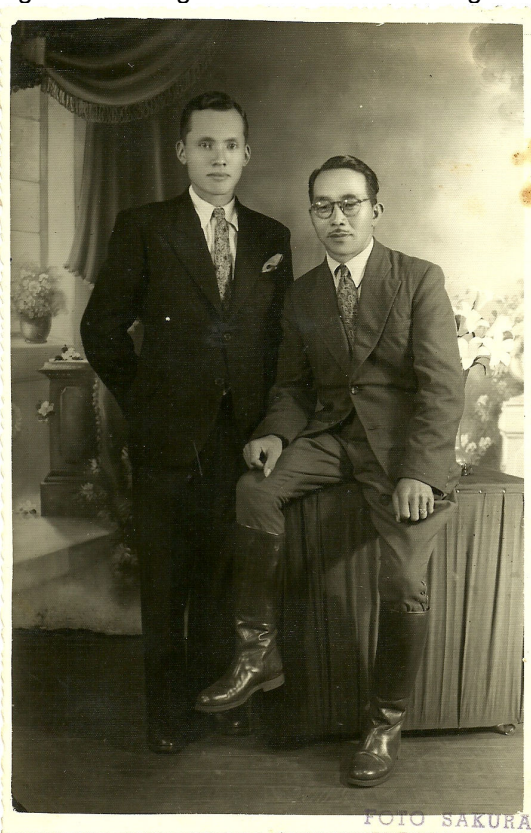
Figura 46. Hirokichi Yamaguchi e seus amigos em Ouro Preto – Minas Gerais.



Fonte: Álbum de fotografia da Família Yamaguchi. 09 de março de 1986.

Outras amizades não foi tão fiel como com o compatriota Américo Abe. A relação entre os senhores Hirokichi e Américo (figura 47) é de muita amizade e como cada um iniciou sua vida de casado, mesmo assim as famílias se falavam e se reunia para visitar um ao outro. Quando os filhos nascem, os dois viram compadres, de ambos os filhos. Fotografia tirada em estúdio, os dois amigos bem vestidos, o cenário apresenta uma mesa que Américo está sentado e um painel atrás de Hirokichi e cortinas, conforme estúdios bem equipados que se proliferaram no início do século XX no Brasil<sup>136</sup>.

Figura 47. Fotografia de Hirokichi Yamaguchi e seu amigo Américo Abe.



Fonte: Álbum de fotografia da Família Yamaguchi. 12 de novembro de 1944.

Troca de mensagens através de cartas era possível, pois as fotografias eram assinadas e enviadas (Figura 48). Aparece a foto da afilhada de Hirokichi, filha de Américo Abe, uma lembrança enviada para celebrar o primeiro ano de vida da menina. O Sr. Hirokichi Yamaguchi sempre teve muitos amigos, considerando que as fotografias mostram, a maioria dos amigos era de origem

---

<sup>136</sup> BORGES, 2005.

japonesa, mas nem todos. Pelas fotografias não se sabe se os amigos se conheceram através de viagens, moraram perto, por conta do trabalho ou da escola.

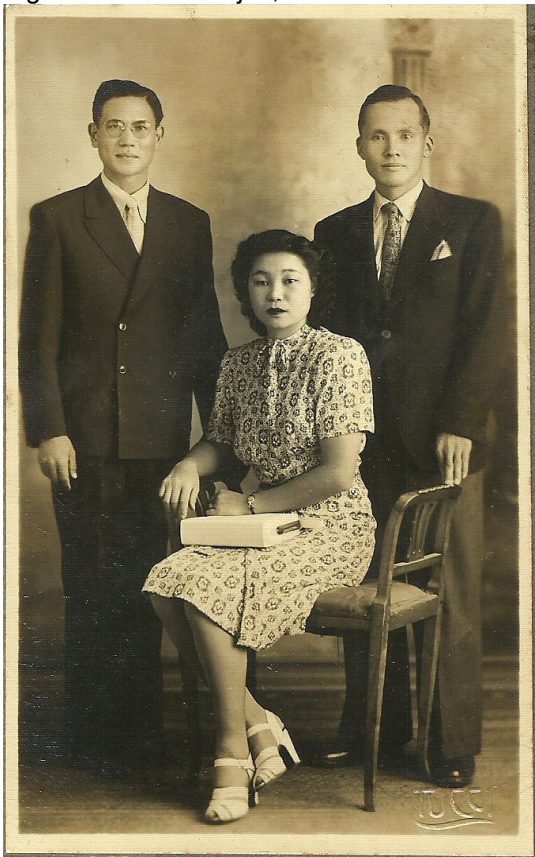
Figura 48. Fotografia de Américo Abe e sua filha Marina, Lembrança do 1º aniversário.



Fonte: Álbum de fotografia da Família Yamaguchi. 20 de agosto de 1950.

Outro casal que sempre aparece nas imagens dos álbuns de fotografias é o Sr. Paulo A. Fujita e Srta. Masae Kuma, ex-alunos do professor Hirokichi Yamaguchi (figura 49). Fotografia tirada em São Paulo, deveria estar visitando esse casal de amigos, em 1944. Apesar de morarem em cidades distantes, nunca se distanciaram, sempre mantiveram contato por cartas e fotos com dedicatórias. Escolheram um estúdio de um imigrante italiano fotógrafo “Tucci” da capital paulista para tirar a lembrança, aparecem os dois homens em pé e a mulher sentada numa cadeira com a bolsa em seu colo. Todos estão bem vestidos para a ocasião. Na legenda da fotografia está escrito que os dois amigos deram de presente o álbum de fotografia para o professor. Todos os anos um grupo de ex alunos de Hirokichi se reuniam para se ver, ter notícias um do outro.

Figura 49. Paulo Fujita, Masae Kuma e Hirokichi Yamaguchi.



Fonte: Álbum de fotografia da Família Yamaguchi. 15 de dezembro de 1944.

Alguns ex-alunos mandavam fotografias de suas formaturas como lembranças para o professor Hirokichi, que deveria ser muito querido pelos seus alunos. Alguns o convidavam para formaturas (figura 50), casamentos, reuniões anuais, sempre estavam em contato. A Srta. Maria Mitiko Shiota mandou uma lembrança vestida de enfermeira, com certeza se formou e mandou a carta para mostrar o avanço profissional da ex-aluna de Hirokichi.

Figura 50. Fotografia de Lembrança de Maria Mitiko Shiota.



Fonte: Álbum de fotografia da Família Yamaguchi. 28 de junho de 1963.

### **3.9. Lazer: Viagens, esportes, música e cultura**

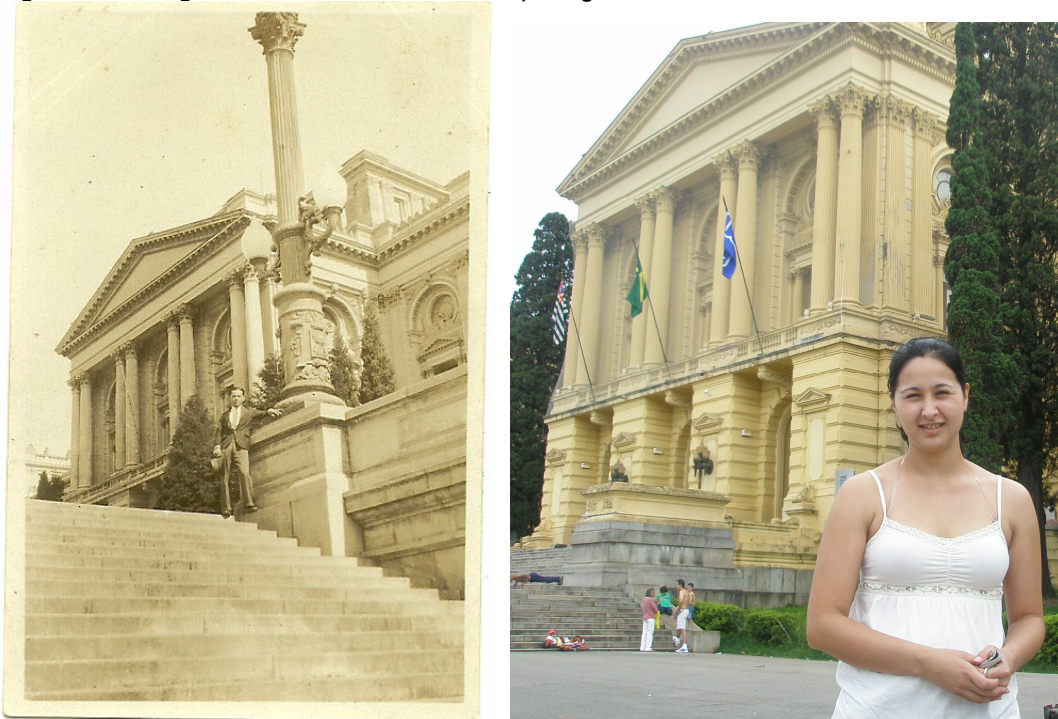
Ao escrever sobre os lazeres da Família Yamaguchi, precisamos enfatizar que durante o período que o Sr. Hirokichi esteve solteiro aqui no Brasil, viajou por muitos lugares, como diz a filha Satie “ele era um aventureiro”. Ele passou por vários lugares e um em especial, o Museu do Ipiranga (figura 51 e 52), ao qual fiz uma comparação de fotos, pois tanto o Sr. Hirokichi quanto a sua neta Fabiana, filha de Kazuo, tirou no mesmo lugar as fotografias. Foi sem dúvida coincidências demais, que depois de 75 anos, os dois membros da família de gerações diferentes tiram no mesmo lugar as fotografias, como se fossem reviver as mesmas lembranças.

Muitos anos se separam dessas duas realidades, ou representações, as duas primeiras fotografias são da fachada do Museu do Ipiranga, onde guarda grande acervo de pinturas, a mais famosa é “Independência ou Morte”<sup>137</sup> de Pedro Américo. As duas imagens a seguir apresentam um tigre alado pertencente do Monumento do Ipiranga localizado no final do Jardim, próximo a

<sup>137</sup> O quadro Independência ou Morte, de Pedro Américo, também conhecido como Grito do Ipiranga, é o principal símbolo da proclamação da Independência do Brasil, que é comemorada em 7 de setembro, sempre está presente em livros e revistas.

margem do hoje córrego Ipiranga, o Sr. Hirokichi Yamaguchi tirou a fotografia junto de seu amigo João T. Urayama.

Figura 51. Fotografia da vista do Museu do Ipiranga.



Fonte: Álbum de fotografia da Família Yamaguchi. 1933 e 2008.

Figura 52. Fotografia de Monumento do Ipiranga, São Paulo.



Fonte: Álbum de fotografia da Família Yamaguchi. 1933 e 2008.

Além das viagens de Hirokichi, a família toda também viajava para alguns lugares, mas quando dava tempo e financeiramente, como afirma Kazuo Yamaguchi: “A gente de vez em quando ia viajar, pra praia de rio, porque lá em Maringá não tinha mar. Quando fomos pra Bragança Paulista, a gente foi pra Santos, é o que mais lembro, e São Paulo”<sup>138</sup>. Nas fotografias aparecem muitas lembranças, uma recente que se destacou foi toda a família na casa de praia de Tatuó (figura 53), foram: Hirokichi, Teruko, os filhos, noras e genros, netos e o bisneto.

Fotografia tirada no ano de 1986, onde nem todos os membros estavam presentes na fotografia, atrás aparece um pedaço da casa de praia. Estavam na fotografia sendo a identificação feita da esquerda à direita, de baixo para cima, 1ª fila: Rodrigo, sem identificação, Fernando Portes, Fabiana, Luis Fernando, Eliza e Carlos Eduardo; 2ª fila: Maya, Kátia, Cristiane, Edson, Tiane, Tobias e Diogo; 3ª fila: Tatuó Jr., Aya, Hirokichi, Teruko e Andréa. Para identificar melhor quem é quem na fotografia, podemos utilizar a Árvore Genealógica, que está mais abaixo desse texto. Há boa parte da família nesse passeio a praia, celebrado com um grande almoço.

Figura 53. Fotografia da vista parcial da casa de praia e a Família Yamaguchi.



Fonte: Álbum de fotografia da Família Yamaguchi. Setembro de 1986.

<sup>138</sup> Kazuo Yamaguchi, 2011.

Na área cultural da família se apresentava muito diversificada, pois o patriarca era um homem muito culto, gostava de fazer leituras de livros, jornais e revistas, tanto em português como em japonês, lembra “meu pai e minha mãe, mas principalmente o meu pai lia muito, escrevia muito, até ele escreveu algumas músicas, algumas letras”<sup>139</sup>. E ainda, a música era a paixão do patriarca que dividia com seus filhos,

Ele, ele gostava muito de cantar também em japonês, ele de vez em quando se reunia e cantava assim. Ele ganhou um gravador que veio do Japão, o irmão dele mandou, aí a gente gravou algumas músicas pra mandar a fita pro Japão pra família, pro meu tio<sup>140</sup>.

Essa lembrança de reunião que unia a família junto de um propósito era habitualmente cultivada pelos membros familiares. Além dessas músicas gravadas, Hirokichi gostava mesmo de fazer letras de músicas, como vimos no capítulo anterior, sobre a morte da filha Tocica.

Na questão da parte recreativa como esporte, foi perguntado através das entrevistas se o imigrante japonês gostava de futebol, por ser um esporte tradicional brasileiro, mas a resposta foi que não sabiam falar, só sabiam que ele curtia era o beisebol<sup>141</sup>, figura 54. Na foto aparecem alguns jogadores de beisebol, o Sr. Hirokichi é o 2º (segundo) jogador da segunda fila, com um chapéu preto e colete de juiz de jogo. Detalhes da fotografia são que eles estão no campo e que fizeram um desenho com os tacos.

Os lazeres da família são de uma variedade enorme, talvez se perdeu alguns durante a composição dessa realidade buscada por esse trabalho, mas foi o resultado obtido entre as fontes históricas recolhidas.

---

<sup>139</sup> Idem.

<sup>140</sup> Idem.

<sup>141</sup> O beisebol é um esporte muito popular nos Estados Unidos, possuindo milhões de adeptos. No Brasil é pouco praticado e conhecido da população, exceto pela comunidade nipo-brasileira. O esporte consiste em marcar pontos (runs). O campo é um semicírculo, com um quadrado inserido. As bases ficam posicionadas nos pontos de encontro entre o quadrado e o semicírculo. Cada uma das duas equipes possui 9 (nove) jogadores.

Figura 54. Fotografia de um time de Beisebol.



Fonte: Álbum de fotografia da Família Yamaguchi. 1946.

### **3.10. Filhos: como foi a infância?**

A escolha de retratar a infância e não a vida posterior dos filhos foi por causa da riqueza da fonte fotográfica que o Sr. Hirokichi deixou para seus descendentes. Por conta do tamanho da pesquisa e muitas fontes históricas, o recorte foi a imigração e suas conseqüências, a união das famílias e o cotidiano da Família Yamaguchi aqui no Brasil, e foi deixado boa parte da história dos descendentes. A infância dos filhos de Hirokichi e Teruko foi meio conturbada pelo fato das mudanças de residência, mas todos eles falam que esse período foi muito bom. Também foi perguntado sobre detalhes da infância, mas poucos entrevistados conseguiram resumir em poucas palavras essas representações. As que chamaram a atenção foram a questão das brincadeiras, dos animais de estimação e de algumas lembranças.

Em relação as brincadeiras como a Família Yamaguchi sempre viver na área rural das cidades, os brinquedos ainda não tinham como hoje, em lojas superlotadas, talvez também a falta de dinheiro impedia a compra, então eles mesmos faziam os seus divertimentos.

Ah tinha bastante, carrinho a gente tinha que fazer, construir o brinquedo, a gente ia pescar, a gente tinha que fazer vara, arranjar vara, rústico. Linha, a linha a gente fazia com fio de costura, linha de

costura. Fora as brincadeiras diferentes do interior, subir em árvore, soltar pipa, estas coisas, porque hoje em dia tem, quase não tem<sup>142</sup>.

Percebemos que as brincadeiras eram as mais simples possível e as mais criativas também. As crianças tinham o meio de fazer e inventar, tinham mais imaginação que os de agora com jogos e videogames. Além desses divertimentos criativos, logo que ficassem maiores iam com os pais na lida da granja, por exemplo.

A questão dos animais de estimação, a família sempre teve cachorros, e quando moravam em Piracaia, Estado de São Paulo, as filhas mais novas Tocica e Seica “adoravam brincar com os coelhinhos, ficavam muito felizes”<sup>143</sup>, figura 55. Conta que ficavam horas brincando com esses animais. Outro animal da família era cuidado pelo Kazuo Yamaguchi, era o cavalo “Mosquito”, ao qual puxava a carroça que levavam os membros familiares para a cidade mais próxima ou as crianças para a escola, se apresenta citado no texto sobre a educação.

Figura 55. Fotografia de Tocica e Seica Yamaguchi com o coelho e cachorro de estimação.



Fonte: Álbum de fotografia da Família Yamaguchi. 1963.

---

<sup>142</sup> Kazuo Yamaguchi, 2011.

<sup>143</sup> Satie Yamaguchi, 2012.

A imagem mostra duas meninas alegres e felizes com seus animais de estimação, Seica com o coelho no colo, Tocica também na foto com um cachorro e um coelho de plástico, na casa de Piracaia. Na legenda do álbum está que Tocica, assim como a irmã, gostavam de “coelhinho, cachorrinho e todos os animais pequenos”<sup>144</sup>.

Ao entrevistar o Sr. Tatu Yamaguchi, o primogênito da família, ele fala sobre uma lembrança boa que tem do convívio de criança com seu pai, “dirigia com apenas 3 anos de idade a carroça, enquanto o pai lia livro até chegar em Teresópolis”. E ainda lembra dele fazendo projeto das casas, ao qual foi tratado. Lembranças simples da Família Yamaguchi que podem ser muito mais numerosas, mas as lembranças que marcaram as fotografias e as histórias orais já retrataram.

### **3.11. Contato com a Família Tawada**

Apesar de morar em diversas cidades, a Família Yamaguchi nunca deixou de se comunicar com a Família Tawada, sempre convidando para casamentos, festas, aniversários, visitas, etc. Em algumas falas dos entrevistados eles contam que não eram tão próximos, no cotidiano cada um dos membros levava sua vida, mas em ocasiões se juntavam para matar as saudades (figura 56) e ter notícias de cada membro. As visitas não eram tão freqüentes, por causa da distancia e do alto custo da viagem.

A imagem mostra os pais de Teruko Yamaguchi em sua casa em Curitiba, foto tirada na década de 1970. Aparece Yae Tawada, Teruko, Hirokichi e Rokusaburo Tawada. Cada reencontro muitas histórias para contar de novos descendentes, principalmente.

---

<sup>144</sup> Idem.

Figura 56. Fotografia de uma visita entre as duas famílias.



Fonte: Álbum de fotografia da Família Yamaguchi. Curitiba, 1973.

Outra ocasião de encontro sempre foram os casamentos de filhos de Hirokichi e Teruko Yamaguchi, aos quais os membros da Família Tawada sempre mandavam alguém para prestigiar, figura 57. A imagem apresenta o casamento da filha Satie e Osvaldo Womsbecher: aparece o irmão mais velho de Teruko, Akira; Hirokichi, o menino é Tatu Yamaguchi Jr.; Satie, Osvaldo, Eduardo Tomio (atrás), Teruko, Tiekko Tawada Onishi (irmã de Teruko), Antonia (esposa de Tatu), a menina é Tonia Aya (filha de Tatu e Antonia), Miti, Kazuo e Lino Portes (abaixado, marido de Miti). A fotografia aparece dois membros da Família Tawada, que foram prestigiar um dos eventos importantes da Família Yamaguchi.

Um dos encontros mais marcantes para as duas famílias de imigrantes japoneses, foi o Aniversário de 100 anos do Sr. Rokusaburo Tawada, pai de Teruko, onde todos da Família Yamaguchi, exceto o Sr. Kazuo, esposa e filhos não puderam ir. A festa foi um acontecimento da cidade, como informa um jornal japonês da cidade de Ribeirão Preto, figura 58, que falou sobre a grande festa.



Na festa de Centenário do Patriarca da Família Tawada, foi um acontecimento muito relevante para todos que estavam lá, pois não é sempre que se faz 100 (cem) anos de idade ainda com vitalidade. Como já comentei em textos anteriores, ele chegou a trabalhar com mais de 90 (noventa) anos nas plantações de flores. Já na fotografia abaixo (figura 59) mostra Misay (irmã de Teruko), a própria Teruko, o aniversariante Rokusaburo Tawada, uma menina não identificada, pois está atrás do bolo e Hirokichi de lado, todos comemorando em um Salão de Festa da cidade do interior paulista. O bolo foi inspirado no Palácio Dourado do Japão<sup>145</sup>.

Figura 59. Fotografia da Festa de Aniversário de 100 anos de Rokusaburo Tawada.



Fonte: Álbum de fotografia da Família Yamaguchi. Curitiba, 1988.

Além do contato da Família Yamaguchi com a Família Tawada, eles também tinham, apesar da distancia mais longa, contato com a Família Yamaguchi do Japão, que veremos a seguir.

<sup>145</sup> Um dos templos mais impressionantes é o Kinkakuji, ou Pavilhão Dourado, cujas paredes são folheadas a ouro, ele foi construído em 1397 a mando do nobre samurai Yoshimitsu Ashikaga e reconstruído em 1955 depois de um incêndio provocado por um monge que o considerava ostensivo demais. Após a morte de Ashikaga, suas cinzas foram guardadas eternamente no Kinkakuji, o mesmo acontecendo com seus seguidores, tornando-se o templo um local sagrado e respeitado por todos os japoneses. THE JAPAN, 1976, P. 134.

### **3.12. Contato com a Família Yamaguchi deixada no Japão**

A comunicação por carta com o Japão era bem freqüente por parte do Sr. Hirokichi Yamaguchi com seu irmão Shitomi Yamaguchi e seu sobrinho Fumio Yamaguchi. Não sei se ocorreu uma parada nessas correspondências por conta da guerra, mas têm claras evidências que se não houve a parada, eles mandaram tudo depois por conta de fotos de datas compatíveis.

Na maioria dos álbuns de fotografias organizadas por Hirokichi há muitas e muitas fotografias mandadas por seu Irmão Shitomi, com certeza vinham com notícias da família de sua terra natal. As fotos estão com dizeres atrás, mas estão em idioma japonês, sem tradução e datadas. Tem imagens do cotidiano da família no Japão, acontecimentos como casamento, festas, mortes, entre outros. Ao longo dos textos anteriores foi inserido várias fotografias que apresentavam a Família Yamaguchi em terras japonesas. Algumas imagens do próprio cotidiano familiar foram separadas para demonstrar a ligação forte com o filho que veio ao Brasil tentar uma vida melhor.

Na cultura japonesa para fazer um simples chá há toda uma preparação, conhecida como a cerimônia do chá<sup>146</sup> (figura 60), Shitomi Yamaguchi manda sempre fotografias da mãe, que é também mãe de Hirokichi, ela viveu até 1971, que podemos observar através das fotografias e rituais do funeral (figura 61).

A mãe de Hirokichi Yamaguchi, Sra. Kesa foi criada com todos os costumes japoneses que já foram mencionados nos textos anteriores, por isso aparece com roupas típicas, mas que pertencem ao seu cotidiano. A preparação do chá é uma arte milenar, bem diferente do chá feito por ocidentais.

---

<sup>146</sup> A cerimônia do chá, ou 'chanoyu', é um passatempo singular do Japão, que se caracteriza pelo modo de servir e tomar a 'matcha', um chá verde em pó. O hábito de se fazer reuniões sociais para tomar o 'matcha' espalhou-se entre a classe alta a partir do século XIV. Não é apenas uma preparação de chá, é um ritual.

Figura 60. Fotografia da Cerimônia do Chá feita por Kesa Yamaguchi.



Fonte: Álbum de fotografia da Família Yamaguchi. Japão, Junho de 1954.

Figura 61. Fotografia da Cerimônia Mortuária de Kesa Yamaguchi.



Fonte: Álbum de fotografia da Família Yamaguchi. Japão, 1971.

A imagem é uma representação da cerimônia feita por conta da morte da mãe de Hirokichi Yamaguchi, Sra. Kesa. Ela faleceu porque ficou um pouco doente e pela sua idade. Os orientais fazem suas celebrações fúnebres em lugares específicos para esse ritual, é o prédio que está na foto atrás dos

parentes da falecida. A fotografia mostra todos os parentes que estão no Japão, junto de amigos da família e há uma imagem fotográfica da própria Kesa Yamaguchi. O único que podemos destacar aqui é Shitomi (no centro), irmão de Hirokichi que está segurando uma urna ao lado da senhora que está com a foto da matriarca.

Com a morte do Sr. Hirokichi Yamaguchi, esse contato acabou parando, mesmo quando os descendentes foram para o Japão. O único contato que é feito por membros da família Yamaguchi é com o filho de Fumio Yamaguchi, Maki, mais foram algumas vezes somente.

### ***3.13. Descendência: o que restou de cultura japonesa na Família Yamaguchi?***

Na pesquisa histórica através das entrevistas orais foi possível montar a árvore genealógica da família, como vemos na tabela 02, ao qual aparece uma curiosidade que aconteciam no meio dos japoneses, alguns filhos eram registrados no Consulado do Japão e por tanto tinham dupla cidadania. No caso da Família Yamaguchi somente o primeiro filho, Tatu Yamaguchi, é que tem a dupla cidadania por ter seu registro e nascimento no Rio de Janeiro.

A genealogia apresenta o casamento do Sr. Hirokichi Yamaguchi, tendo com sua esposa Teruko Tawada o total de 8 (oito) filhos, 23 (vinte e três) netos, 13 (treze) bisnetos e 2 (dois) tataranetos. Analisando a árvore genealógica que representa uma significação histórica, a Família Yamaguchi formou-se em quatro gerações, como no japonês é referenciado: nissei, sansei, yonsei e gossei, que é a quarta geração de descendentes. Outra informação dada é o registro da dupla cidadania, que somente o primeiro filho, Tatu Yamaguchi tirou, passando assim a ser um cidadão japonês, sem mesmo ter pisado no solo do Japão, por tanto seus filhos se tornaram nisseis, seu neto sansei e seus dois bisnetos yonsei, sendo que os seus irmãos são apenas nisseis.

Tabela 02. Árvore Genealógica da Família Yamaguchi no Brasil.

PATRIARCA	CONJUGE	FILHOS	CONJUGE	NETOS	CONJUGE	BISNETOS	CONJUGE	TATARANETO
Hirokichi Yamaguchi (Falecido)	Teruko (Tawada) Yamaguchi (Falecida)	1. Tatu Yamaguchi	Antônia Delvechio Yamaguchi	1. Tânia Maya Aparecida Yamaguchi	1. Rodrigo Mitsuo Yamaguchi Pereira	1. Mariana Mayumi Carla Cristina Dias Pereira	2. Lucas Emanuel	
				2. Tatsuo Yamaguchi (Falecido)				
				3. Tonia Aya Yamaguchi Nobre	Paulo Gerdulino Lobo Nobre	2. Camila Yumi Yamaguchi Nobre		
				4. Tiane Yumi Yamaguchi				
		2. Norio Yamaguchi (Divorciado)	Roseli (Divorciada)	5. Ana Maria Yamaguchi	3. Igor			
				6. Katia Maria Yamaguchi	Marcelo	4. Karine		
				7. Elisa Maria Yamaguchi	?	5. Mikael		
		3. Maria Miti Yamaguchi Portes (Viúva)	Lino Portes (Falecido)	11. Akio Yamaguchi Portes (Falecido)				
				12. Tobias Yamaguchi Portes	Raquel Fogiatto Tomé	6. Julia Aiko Fogiatto Portes		
				13. Diogo Yamaguchi Portes	7. Kamily			
				14. Fernando Yamaguchi Portes	Ana Carolina de Oliveira	8. Luísa Ayumi		
		4. Satie Yamaguchi (Divorciada)	Oswaldo Womsbecher (Divorciado)	15. Andréa Womsbecher	9. Luan Womsbecher			
				16. Cristiane Womsbecher	Mauro Silva Oliveira	10. Luca Womsbecher Oliveira		
				17. Edson Luiz Womsbecher	Daniele Fonseca Womsbecher	11. Liege Fonseca Womsbecher		
		5. Kazuo Yamaguchi	Marli Marlene Kramatschek Yamaguchi	18. Luis Fernando Takao Yamaguchi	Rodicléa Wosniak Yamaguchi			
				19. Fabiana Emi Yamaguchi	Sergio dos Santos Nishida			
				20. Bruna Yamaguchi				
		6. Seika Yamaguchi (Falecida)						
		7. Tocica Yamaguchi (Falecida)						
		8. Eduardo Tomio Yamaguchi	Devani do Nascimento Yamaguchi	21. Carlos Eduardo Yamaguchi	Francieli Vieira Yamaguchi	12. Daniel Vieira Yamaguchi		
				22. Jaqueline Sanae Yamaguchi de Paula	Avanilton de Paula	13. Leonardo		
				23. Gabriel Tomio Yamaguchi				

Fonte: Entrevistas orais. 2009. Atualização 2011.

Outra curiosidade é a questão do segundo nome japonês, muitos não apresentam essa característica. Ela era dada ao neto pelo próprio Sr. Hirokichi, ao qual tinha um livro. O nome precisa combinar com o sobrenome pra não ficar esquisito na língua japonesa. Vemos que dos 23 (vinte e três) netos de Hirokichi e Teruko Yamaguchi, somente 9 (nove) tem nome em japonês, constando como nome ou segundo nome. Entre os 13 (treze) bisnetos somente 4 (quatro) tem um segundo nome e 1 (uma) tataraneta possui. Isso quer dizer que está já muito misturado com outras culturas e longe da cultura de origem. Mas que a presença desses nomes e sobrenomes em japonês ainda fazem parte da sociedade brasileira.

Além da alimentação, alguns rituais, nomes ou sobrenomes cultivados ainda pelos descendentes dos imigrantes japoneses que se uniram e criaram família aqui no Brasil, tem a volta ao país dos antepassados. Alguns filhos, netos e um bisneto foram para o Japão para tentar uma vida melhor, como fizeram os imigrantes no início do século XX. É uma experiência de vida para os membros da família, que passaram por trabalhos pesados dentro de fábricas ou trabalhos temporários até conseguir voltar para o Brasil. Nenhum ficou por muito tempo nas terras japonesas.

Nos finais da década de 1980 e começo de 1990, uma das netas de Hirokichi, Tânia Maya revolveu ir trabalhar no Japão, foi uma das primeiras descendentes a viajar para terra dos ancestrais, junto de sua irmã Tonia Aya. Foram períodos difíceis de contato e para se acostumar em um país diferente.

*Quando chegamos ao alojamento ficamos desoladas, apesar de tudo limpinho e novo, tínhamos que dividir um quarto com pelo menos seis pessoas, e vivíamos com mais umas 20 pessoas em um mesmo lugar. Além de aprender a viver em uma comunidade desse tamanho, que não é fácil para ninguém, principalmente eu que sempre fui muito mimada, ainda tinha as saudades que eu sentia do meu filho, Rodrigo, de apenas quatro anos. (...) Além disso, quando nos informamos da situação do salário e descontos do pagamento das passagens, descobrimos que teríamos que trabalhar três meses para poder pagá-la. Ou seja, se resolvêssemos voltar para o Brasil, teríamos que trabalhar três meses para pagar a passagem de vinda e depois trabalhar mais três meses para pagar a passagem de volta e ficar sem dinheiro. O que nos revoltou de uma maneira tão grande, que decidimos que depois de pagar a nossa dívida iríamos procurar outro lugar para trabalhar. Mas como temos que ver as vantagens no meio das tribulações, iniciamos nossa excursão pelo mundo novo e maravilhoso que é o Japão. Emprestávamos a bicicleta das pessoas que já tinha conseguido achar uma bicicleta no lixo,*

*situação normal nesse país, em que o que não se quer mais é colocado em um local próprio na rua para que as pessoas possam pegar, caso lhe sirva.*

Esse relato da descendente mostra bem a situação de impacto que os brasileiros sentem ao chegar ao Japão como dekasseguis para trabalhar, mesmo assim tem as vantagens. Apesar do tempo de trabalho passar das 8 (oito) a 9 (nove) horas aqui do Brasil, lá trabalha-se de 12 (doze) horas a mais. O país é belíssimo, mas a saudade da família que deixou, deve ser a mesma do Sr. Hirokichi ao deixar a família no Japão para tentar a vida aqui como imigrante. Outra questão tratada nessa experiência de vida foi os benefícios de sua viagem a terra do sol nascente, que proporcionou ela conhecer dois países, estudar o inglês e o japonês, terminar a faculdade e comprar uma casa. Ainda,

*o deslumbramento de ver a nuance que só o Japão tem. Limpeza, organização, educação e modernidade em contraste com construções milenares. (...) onde encontramos coisas lindas, eletro-eletrônicos hiper modernos, e o principal, baratos. Naquela época, início dos anos 90, já existia cd player no Japão, mas aqui ainda ouvíamos fita k7. No Brasil os aparelhos eram de ficha telefônica e lá já tinham os cartões de telefone. Outro detalhe é que não víamos carros velhos na rua, só carros ultramodernos. Assim como não estávamos acostumadas ao ver os carros parando pra gente atravessar as ruas.*

O Japão como um país moderno vem a tona nessa fala, que apesar da saudade podia se distrair com produtos não vistos aqui no Brasil na época. Na maioria das vezes quando os brasileiros vão através de agências de trabalho, são colocadas em trabalhos ruins e depois precisam ser trocados. Mais experiências foram resgatadas para compreender como foi e como está os trabalhos dos dekasseguis. Comparei a experiência de Maya com a de Ana Carolina e Fernando, ele neto de Hirokichi Yamaguchi.

*Chegando no aeroporto havia um brasileiro, que no Japão é chamado de tantousha, esperando por nós. Ele nos levou até nosso apartamento que já estava todo equipado com geladeira, fogão, futons, cobertores e até uma bicicleta para cada. O apartamento era muito pequeno, mas muito confortável. Esse tantousha no dia seguinte nos levou até o mercado, na prefeitura para fazer o registro de morador, até a fábrica onde iríamos trabalhar e fomos também conhecer um pouco da cidade. Os tantouchas são descendentes que já moram a algum tempo no Japão e o trabalho deles é basicamente auxiliar os brasileiros, principalmente com o idioma que a grande*

*maioria de dekasseguis não domina. O trabalho na fábrica de doces era bastante puxado, pois para cumprir as encomendas trabalhávamos no mínimo 12 horas por dia, 6 dias por semana. Mas já chegamos a trabalhar duas semanas seguidas e alguns dias ficávamos até 16 horas na fábrica. Mas era tudo muito divertido. Fizemos alguns amigos e aprendemos um pouco do idioma com os japoneses que trabalhavam conosco. Depois de oito meses trabalhando nesta fábrica de doces em Nishiharu, decidimos mudar para o norte do Japão, para uma cidade chamada Tendo-shi, no estado de Yamagata. Foi uma experiência maravilhosa pois o norte do Japão é menos procurado pelos brasileiros, principalmente por causa do frio, assim, tivemos maior contato com os japoneses e a cultura deles.*

Neste caso, eles chegaram com um apartamento pequeno equipado mas só para eles, não tiveram que dividir com outros dekasseguis. Mas em compensação o trabalho foi pesado, apesar de trabalhar com alimentação, não tinham muito tempo de descanso e também de aproveitar o país. Como fez Maya, os dois trocaram de trabalho para melhor aproveitar a experiência de viver, conhecer a cultura, aprender um novo idioma, entre outros.

No livro de Antropologia da cultura japonesa (já citado), percebemos que aos viajantes dekasseguis, descendentes do Patriarca Hirokichi, viveram experiências contadas nesse texto. Que ao chegar ao Japão se faz uma identidade para estrangeiros e o seu dever quando da sua permanência no país é “conservar também um registro atualizado de residência, estado civil, nascimentos, adoções, qualquer encontro com a lei e outros fatos em relação a cada indivíduo que ainda mantenha residência oficial na comunidade”<sup>147</sup>. Por tudo isso o estrangeiro passa, e deve-se sempre estar com a documentação para identificação numa blitz ou patrulha de rotina. Na mudança de endereço, deve-se trocar junto a prefeitura do local o endereço novo.

Um fato que marcou para todos os descendentes que foram a terra dos ancestrais foi o susto ao entrar pela primeira vez em qualquer loja ou supermercado, pois os lojistas e funcionários gritam uma palavra em japonês dizendo “sumimasen”. Não gritam apenas uma vez, mas todas as vezes que vêem uma pessoa circulando nesse estabelecimento. Imagine um supermercado cheio, só confusão. No texto antropológico, Benedict explica que

---

<sup>147</sup> BENEDICT, 2009, p. 75-76.

*Os lojistas que dirigem os próprios estabelecimentos na maior parte das vezes dizem literalmente: 'Oh, isto não acaba', (sumimasen), isto é, 'Estou aceitando on do senhor e segundo os modernos ajustes econômicos jamais lhe poderei pagar. Lamento estar colocando numa posição dessas'<sup>148</sup>.*

É um débito que os lojistas nunca pagaram a ninguém, é um tipo de 'on' que eles têm junto aos compradores. Essas experiências simples do cotidiano de um dekasseei no país dos antepassados são estranhas a princípio, mas quando se lê alguns itens da cultura desse povo, começa a entender o porquê desses atos que não tem sentido para nós ocidentais.

Uma das paixões e um dos legados deixado pelo Sr. Hirokichi Yamaguchi foi a fotografia, o cuidado que teve na montagem de todos os 5 (cinco) álbuns fotográficos, cada lembrança guardada com carinho. Entre essas recordações tem certa admiração pelo sujeito histórico do fotógrafo (figura 62) que,

estabeleçam novos e distintos critérios de olhar para fazer suas tomadas dos acontecimentos sociais. Cada indivíduo define não apenas o que merece ser registrado, mas também sob que ângulo as ações sociais de seus cotidianos devem ser imobilizadas<sup>149</sup>.

Figura 62. Fotografia tirada por um fotógrafo do ato de fotografar de outro.



Fonte: Álbum de fotografia da Família Yamaguchi. Japão, Abril de 1936.

<sup>148</sup> Idem, p. 93.

<sup>149</sup> BORGES, 2005, p. 30.

Percebemos que a pessoa do fotógrafo foi lembrada ao tirar a fotografia, devia ser bem íntimo da Família Yamaguchi no Japão. É muito difícil encontrar entre as imagens dos álbuns de família essa relação e a presença desse profissional. Dentro da Família Yamaguchi do Brasil não há referência antes da década de 1960 de compra da máquina fotográfica pela família ou por algum membro. Kazuo lembra que “quase ninguém tinha máquina, câmera. Eu lembro que em 1962, mais ou menos, por ai que meu irmão mais velho Tatuou comprou uma máquina, não sei se comprou ou ganhou uma máquina fotográfica e começou as fotos”<sup>150</sup>.

Ainda essa paixão circula dentro da Família Yamaguchi, pois quando se reúnem para uma festa sempre tiram fotos para recordação de momentos de celebração, principalmente quando se juntam para um almoço de domingo, ao qual acontece algumas vezes por ano. Um desses encontros ocorreu em 2010, na chácara de Tatuou, que proporcionou uma fotografia dos filhos de Hirokichi e Teruko Yamaguchi, figura 63.

Figura 63. Fotografia dos filhos de Hirokichi e Teruko Yamaguchi.



Fonte: Álbum de fotografia de Tiane Yumi Yamaguchi. Curitiba, 2010.

---

<sup>150</sup> Kazuo Yamaguchi, 2011.

A imagem aparece como um mecanismo de memória e não uma simples recordação sem nenhuma relevância. Ela apresenta como um ciclo aonde a família vai crescendo, mas que não vão serem esquecidos quando forem embora dessa vida, como o próprio culto aos antepassados da cultura japonesa. Na foto aparecem os filhos: Eduardo Tomio, Satie, Tatuó, Maria Miti, Norio e Kazuo, todos curtindo um domingo de sol junto de vários membros da família, entre filhos e netos.

Quando essas fontes históricas apareceram, foi como que algo proporcionou esse encontro para escrever sobre a família, pelo simples fato de que para uma pessoa saber viver precisa necessariamente conhecer seu passado. Foi uma viagem por recordações de toda a família que alguns descendentes percorreram comigo, principalmente aquelas que me ajudaram nas pesquisas e nas entrevistas. Isso pode ser perfeitamente resumido assim “de modo especial, a história da família pode dar ao indivíduo um forte sentimento de uma duração muito maior de vida pessoal, que pode até mesmo ir além de sua própria morte”<sup>151</sup>.

---

<sup>151</sup> THOMPSON, 1992, p. 21.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Podemos compreender que a Família Yamaguchi conseguiu progredir na sua vida através da observação das fotografias e das entrevistas orais resgatadas junto aos membros familiares. Proporcionou um estudo de caso das famílias de imigrantes japoneses ao Brasil, nesta pesquisa sobre a Família Tawada e Yamaguchi. Essas fontes foram ricas em detalhes e preencheram algumas lacunas na História do Brasil, como também regional e familiar numa ordem geral.

Ao saírem da sua terra natal, os imigrantes sofreram com a viagem e também na chegada, por não conhecer as terras do Brasil, lutaram por muito tempo trabalhando na economia do país. Passaram por diversas ocorrências perturbadoras de eugenia, 'racismo', perseguições devido a Grande Guerra e as próprias barreiras da língua, da alimentação, da vivência, entre outras. Numa forma geral, os imigrantes de muitas etnias conseguiram se incorporar na sociedade brasileira e conseguiu seu espaço. Já os japoneses, com seu respeito e cultura milenar trouxe seus conhecimentos para ficarem enraizadas na cultura desse país que os receberam. Assim todos os imigrantes japoneses e seus descendentes puderam mostrar o saber "saber fazer" do comércio, e prosperaram com muito trabalho, como muitos que também vieram de outros países. Tem a agricultura e o setor de hortifrutigranjeiros as atividades que se destacaram muitos desses japoneses, e também exercida em muitos anos pela Família Yamaguchi.

O Sr. Hirokichi era um homem com saber "saber fazer" apurado. Como todo japonês progrediu em terras brasileiras fazendo diversas atividades: a agricultura a princípio devido ao contrato que tinha com a companhia de imigração; depois de casado e ao lado da mulher e depois dos filhos, atuou ainda na agricultura, em granja, em posto de combustível, em pensão de hospedes, na educação, em projetos de construção, entre outros. Pela troca de área de atuação socioeconômico é que moraram em diversas cidades nos estados do Rio de Janeiro, de São Paulo e também do Paraná. O espírito

empreendedor tornou-se um componente forte no caráter do patriarca da família, fazendo com que seus filhos sempre se espelhassem.

A construção da memória foi resultado da análise articulada a partir das pesquisas com documentos escritos, entrevistas orais e imagens fotográficas do passado da Família Yamaguchi, englobando questões socioeconômicas e também do cotidiano. A discussão sobre o cotidiano familiar trouxe para a contemporaneidade os “Lugares da Memória” (LE GOFF, 1996), pois, as cidades onde a Família Yamaguchi moraram foi o local dessas memórias. O que definiu transformações e mudanças no espaço foi o saber “saber fazer” do patriarca junto de sua família, passando de simples colono imigrante a comerciante ou até mesmo educador.

Através do cotidiano da família imigrante japonesa que foi pesquisada nesse trabalho, foi possível perceber uma cultura riquíssima trazida por esses estrangeiros. Trazer à tona as questões da cultura preservada, da alimentação saudável para uma alimentação muito gordurosa, a religiosidade e culto aos antepassados, os acontecimentos tristes e acidentes, o crescimento da família através de filhos, netos, bisnetos e tataranetos; a moradia bem feita para se tornar um lar, o vestuário ocidental e oriental, a educação dos filhos e de outros membros da colônia japonesa e o convívio bem sucedido com amigos para uma vida inteira. Tudo isso podemos dizer foram parte dessa história familiar, mas também como um sinal que a família de um modo geral e específica, conquistaram a tão sonhada “América” que buscaram ao sair da terra do sol nascente.

## REFERÊNCIAS

ATLAS Geográfico Mundial: Para conhecer melhor o mundo em que vivemos. 3ª ed. Barcelona (Espanha): Editorial Sol 90, 2005.

AZEVEDO, Aluisio. **O Japão**. São Paulo: Roswitha Kempf, 1984.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**: nota sobre a fotografia. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada**: padrões da cultura japonesa. São Paulo: Perspectiva, 2009. 273 p.

BENJAMIN, Walter. Pequena história da Fotografia. In.: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1993. 225 p.

BLOCH, Marc. **Introdução à História**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1974.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Autentica, 2005.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, Edusp, 1987.

CARNEIRO, Cirlei Francisca Gomes, et al. **Projeto**: Memória visual e história: a função sígnicas da imagem fotográfica no processo de simiose dos Campos Gerais do Paraná. Século XX. Ponta Grossa: DEHIS/UEPG, 2002.

CASTRO, Celso. **In corpore sano**: os militares e a introdução da educação física no Brasil. Antropolítica, Niterói, RJ, nº 2, p.61-78, 1º sem. 1997.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2. Morar, cozinha. Petrópolis: Vozes, 1994.

COGGIOLA, Osvaldo (Org.). **Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Xamã, 1995.

CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem guerra**: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Edusp, 2000. 436 p.

DEZEM, Rogério. **Matizes do “Amarelo”**: A Gênese dos Discursos sobre os Orientais no Brasil (1878 – 1908). São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

\_\_\_\_\_. **Shindô Renmei**: terrorismo e repressão. São Paulo, AESP/Imprensa Oficial, 2000.

DICIONÁRIO de Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1986.

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

ECO, Umberto. **O signo**. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1973. 188 p.

ESTUDOS Japoneses no Brasil. São Paulo: Fundação Japão, 2007.

FAUSTO, Boris (Org.). **Fazer a América**: a imigração em massa para a América Latina. São Paulo: Editora da USP, 1999.

\_\_\_\_\_. **Negócios e ócios**: história da imigração. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **Municípios Paranaenses**: origens e significados de seus nomes. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 2006.

GAARDE, Jostein (Org.). **O Livro das Religiões**. São Paulo: Companhia dos Letras, 2000.

GALIMBERTTI, Perci. **O caminho que o dekassegui sonhou**: cultura e subjetividade no movimento dekassegui. Londrina: Editora da UEL, 2002.

GUERRA, Martha de Oliveira; CASTRO, Nancy Campi de. **Como fazer um projeto de pesquisa**. 5. ed. Juiz de Fora: EDUFJF, 2002.

GULLAR, Ferreira. **Toda Poesia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

HANDA, Tomoo. **O Imigrante Japonês**: História de sua vida no Brasil. São Paulo: T.A. Queiroz Editor / Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.

HANDA, Tomoo. **Memórias de um imigrante japonês no Brasil**. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1980. 220 p.

HISTÓRIA VIVA. Abertura para o Ocidente. São Paulo: Ed. Duetto, v. 2, 2008. Série Especial Japão.

HOBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos**: O breve século XX (1914-1991). São Paulo: Cia. Das Letras, 1996. 598 p.

IBGE. Tendências Demográficas no Período de 1940 – 2000. São Paulo: IBGE, 2001.

KOGUT, Edy Luiz. **Análise Econômica do Fenômeno Demográfico no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 1976.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KUNIYOSHI, Celina. **Imagens do Japão: uma utopia de viajantes**. São Paulo: Estação Liberdade / FAPESP, 1998.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

\_\_\_\_\_. A História do Quotidiano. In.: **História e Nova História**. Portugal: Teorema, 1994. p. 86-96.

LEITE, Miriam Moreira. Leitura da Fotografia. In.: Revista de **Estudos Feministas**, Florianópolis, 17 (2): Jul. – Dez./1994. P. 130-141.

\_\_\_\_\_. **Retratos de família: leitura da fotografia histórica**. São Paulo: Editora da USP, 2001. 192 p.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Uma teoria científica da cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970. 206 p.

MARCONI, Marina de A. e LAKATOS, Eva M. **Metodologia do Trabalho Científico**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho**. Bauru, SP: EDUSC, 2002. 208 p.

MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, 1996, p. 73-98.

\_\_\_\_\_. Fragmentos de memória: oralidade e visualidade na construção das trajetórias de famílias. IN: - **Projeto História**. São Paulo, (22): 157-170. Jun. 2001.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 2003.

MORAIS, Fernando. **Corações sujos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 349 p.

MOURA, G. **Tio Sam chega ao Brasil**: a penetração cultural americana. São Paulo: Brasiliense, 1985. 92 p. Tudo é História.

NEGRÃO, Francisco. **Genealogia Paranaense**. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1928. V. 1 e 3.

NEVES, Margarida de Souza. Os cenários da República: o Brasil na virada do século XIX para o século XX. In: FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **O Tempo do Liberalismo Excludente**: Da Proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 237-240. (O Brasil Republicano, v. 1).

NOGUEIRA, Arlinda Rocha. **A imigração japonesa para a lavoura cafeeira paulista (1908 – 1922)**. São Paulo: Inst. De Estudos Brasileiros, 1973. 247 p.

OI, Célia Fussaco Abe (Org.). **Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil**. São Paulo: MHIJB / SBCJ, 2008.

PATARRA, Neide Lopes. **Movimentos migratórios no Brasil**: tempo e espaços. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2003.

PERALVA, Osvaldo. **Um retrato do Japão**. São Paulo: Ed. Moderna, 1991.

PEREIRA, Ronan Alves. Estudos japoneses no Brasil: antropologia/sociologia. In: ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE LÍNGUA, LITERATURA E CULTURA JAPONESA. Brasília: Universidade de Brasília/Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução/Área de Japonês, 2000. p. 97-100.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

POMAR, Wladimir. **Era Vargas, a modernização conservadora**. São Paulo: Ática, 1998. (Coleção Retrospectiva do Século XX)

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In.: **Projeto História**, São Paulo, (15), abr. 1997. p. 13-49.

PRADA, Cecília. A terra prometida. **Problemas brasileiros**, São Paulo, n° 348, p. 12-16, nov/dez 2001.

PRADO JR., Caio. **A cidade de São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1998. Col. Tudo é História, Vol. 78.

PRIORE, Mary Del. História do Cotidiano e da Vida Privada. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. 508 p.

ORTIZ, Renato. Da raça à cultura: a mestiçagem e o nacional. In.: **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RANUM, Orest. Os refúgios da intimidade. In.: CHARTIER, Roger (Org.). **História da Vida Privada**, 3: da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Cia. das Letras, 2009. p. 211-262.

SAITO, Hiroshi (Org). **A presença japonesa no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980. 243 p.

SAKURAI, Célia. **Os japoneses**. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. **Imigração japonesa para o Brasil. Um exemplo de imigração tutelada- 1908-1941**. In: XXII Encontro Nacional da ANPOCS. GT 9 MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS. Caxambu – MG: Outubro 1998.

SAMARA, Eni. **História da Família no Brasil: Bibliografia comentada**. São Paulo: Cedhal/USP, 1998.

SANTOS, Francieli Lunelli. **Arranjos fotográficos, arranjos familiares: representações sociais em retratos de família do Foto Bianchi (Ponta Grossa 1910-1940)**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas). Universidade Estadual de Ponta Grossa. 2009. 178 p.

SCHWARCZ, LÍlian Moritz. **O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil (1870 – 1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Arbor / SNEL, 1981. 198 p.

TAKEUCHI, Márcia Yumi. **O perigo amarelo: imagens do mito, realidade do preconceito (1920- 1945)**. São Paulo: Humanitas, 2008. 288 p.

THE JAPAN of Today. Japan: Ministry of Foreign Affairs, 1976.

THOMPSON, Paul. A voz do Passado: História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIANNA, Oliveira. **Populações Meridionais do Brasil**. Brasília: Senado Federal / Conselho Editorial, 2005.

\_\_\_\_\_. **Evolução do Povo Brasileiro**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1933.

VIEIRA, Maria P. A.; PEIXOTO, Maria R. C.; KHOURY, Yara M. A. **A pesquisa em História**. São Paulo: Ed. Ática, 2001.

### Orais

ONISHI, Tiekō Tawada; ONISHI, Milton; FRANÇA, Vera Lucia Onishi. **Depoimentos**. Entrevistadora: Fabiana Emi Yamaguchi. São Paulo: Residência, 2011.

PORTES, Fernando Yamaguchi; OLIVEIRA, Ana Carolina de. **Depoimento**. Entrevistadora: Fabiana Emi Yamaguchi. Curitiba: Residência, 2012.

PORTES, Maria Miti Yamaguchi. **Entrevista oral**. Entrevistadora: Fabiana Emi Yamaguchi. Curitiba: Residência, 2012. (2:00 hora).

YAMAGUCHI, Kazuo. **Entrevista oral**. Entrevistadora: Fabiana Emi Yamaguchi. Curitiba: Residência, 2012. (2:00 hora).

YAMAGUCHI, Norio. **Entrevista oral**. Entrevistadora: Fabiana Emi Yamaguchi. Curitiba: Residência, 2012. (2:00 hora).

YAMAGUCHI, Satie. **Entrevista oral**. Entrevistadora: Fabiana Emi Yamaguchi. Curitiba: Residência, 2012. (2:00 hora).

YAMAGUCHI, Tânia Maya. **Depoimento**. Entrevistadora: Maia Yamaguchi. Curitiba: Residência, 2009.

YAMAGUCHI, Tatu. **Entrevista oral**. Entrevistadora: Maia Yamaguchi. Curitiba: Residência, 2009. (1:30 hora).

YAMAGUCHI, Eduardo Tomio. **Entrevista oral**. Entrevistadora: Fabiana Emi Yamaguchi. Curitiba: Residência, 2012. (2:00 hora).

### Sites

ARAÚJO, Felipe. **Caminho do Peabiru**. Disponível em: <<http://www.historiabrasileira.com/brasil-pre-colonial/caminho-do-peabiru/>>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2012.

HISTÓRIA DO BAIRRO DA LIBERDADE. Disponível em: <<http://www.culturajaponesa.com.br/htm/historiadaliberdade.html>>. Acesso em: 05 de Novembro de 2010.

MANSO, Miriam Costa. **Quem inventou o vestido de noiva?** Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/educacao/vocesabia/interna/0,,O12966992-E18402,00.html>>. Acesso em: 30 de janeiro de 2010.

SANTOS, Antonio César de Almeida. **Fontes Orais: Testemunhos, Trajetórias de Vida e História.** Disponível em: <<http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Testemuhotrajetoriasdevidaehistoria.pdf>>. Acesso em: 25 de junho de 2010.

SUZUKI JR., Matinas. **História da discriminação brasileira:** contra os japoneses sai do limbo. Folha de São Paulo on-line, São Paulo, 20 de abril de 2008. Disponível em: <<http://integras.blogspot.com/2008/04/histria-da-discriminacao-brasileira.html>>. Acesso em: 25 de junho de 2010.